

# **Seminário sobre agitação e propaganda**

## **APOSTILA 6 Textos complementares**

Janeiro/fevereiro de 2020

# Sumário

## **Karl Marx**

O manifesto dos três de Zurique ..... 3

## **V. I. Lenin**

A propósito da *Profession de foi* ..... 8

Um passo em frente, dois passos atrás ..... 9

Sobre a confusão entre política e pedagogia ..... 9

Prólogo à recopilção *Em doze anos* ..... 11

Revolução e contrarrevolução ..... 16

A propósito de duas cartas ..... 16

Relatório sobre a Revolução de 1905 ..... 19

## **A III Internacional, Trotsky e o Programa de Transição**

O programa da Internacional e dos partidos comunistas ..... 31

# O manifesto dos três de Zurique

Karl Marx  
(1879)

Chegou às nossas mãos o *Jahrbuch*<sup>1</sup> de Höchberg<sup>2</sup> contendo um artigo, “Retrospectivas do movimento socialista na Alemanha”, que, segundo informação do próprio Höchberg, foi escrito pelos três membros da comissão de Zurique<sup>3</sup>. Encontramos neste texto a verdadeira crítica que eles endereçam ao movimento, o que revela, portanto, o programa defendido para o novo órgão<sup>4</sup> segundo o ponto de vista deles.

Logo, desde o princípio diz-se:

O movimento, que Lassalle encarava como eminentemente político, para o qual ele apelava não só aos operários, mas a todos os democratas honestos, sob a liderança dos representantes independentes da ciência e todos os homens imbuídos de verdadeiro amor pelos homens [Menschenliebe], reduziu-se, sob a presidência de J. B. Von Schweitzer, a uma luta unilateral, voltada para os interesses dos operários industriais.

Eu não abordarei se foi assim ou até que ponto ocorreu dessa forma do ponto de vista histórico. A recriminação específica realizada a Schweitzer é a de que ele reduziu o lassalismo – concebido como um movimento democrático-burguês e filantrópico – a uma luta unilateral voltada para os interesses dos operários fabris ao aprofundar seu caráter de luta de classes do proletariado contra a burguesia<sup>5</sup>. Além disso, ele é recriminado por sua “rejeição à democracia burguesa”. Qual é o objetivo da democracia burguesa no interior do Partido Social-democrata? Se ela consiste em “homens honestos”, então nem deveria querer entrar, mas, como quer fazer isso, então é para disputá-lo.

O partido de Lassalle “escolheu agir da maneira mais unilateral como partido operário”. Os senhores que escreveram isso são eles mesmos membros de um partido que, como partido operário, age da forma mais unilateral, agora empossados em altos cargos. Isso expressa uma incompatibilidade absoluta. Se o que eles escrevem é o que realmente pensam, então devem sair do partido ou pelo menos abandonar os altos cargos. Se não fazem isso, devem admitir que pretendem utilizar sua posição e seus cargos para lutar contra o caráter proletário do partido. O partido, portanto, trai a si mesmo se os deixar nos altos cargos.

Segundo esses senhores, o Partido Social-democrata não deve, portanto, ser um partido operário unilateral, mas um partido geral “de todos os homens imbuídos de verdadeiro amor

---

<sup>1</sup> *Jahrbuch fur Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Anuário de Ciência Social e Política Social) foi uma revista publicada em Zurique (1879-1881), com apenas três números.

<sup>2</sup> Editor da *Jahrbuch*; escrevia com o pseudônimo de Ludwig Richter.

<sup>3</sup> Os três representantes da comissão de Zurique no Partido Social-democrata Alemão eram Karl Höchberg, Eduard Bernstein e Karl August Schramm.

<sup>4</sup> Trata-se da própria revista *Jahrbuch*.

<sup>5</sup> Na versão original, em vez dessas duas frases, tinha riscado no manuscrito o seguinte: “Schweitzer era um grande patife, mas uma cabeça talentosa. O seu mérito consistiu em romper com o estreito lassallianismo original, com a sua panaceia limitada de ajuda do Estado... Apesar de suas faltas por motivos corruptos e de se fiar na ajuda do Estado tal como Lassalle, com o objetivo de manter sua dominação. Ele alargou o horizonte econômico do partido e, com isso, preparou a sua posterior integração ao partido alemão unificado. A luta de classes entre proletariado e burguesia, o eixo de todo o socialismo revolucionário, já havia sido pregado por Lassalle. Quando Schweitzer acentuou esse ponto de um modo ainda mais radical, houve progresso real, por mais que ele o tenha feito também para forjar um pretexto para suspeitar de pessoas perigosas para sua ditadura. Foi totalmente correta sua transição do lassallianismo para luta unilateral dos interesses dos operários fabris. Porém isso era unilateral por razão de corrupção política apenas, já que não lhe interessava saber da luta dos operários agrícolas e de seus interesses contra a grande propriedade fundiária. Mas não é por isso que ele é recriminado aqui, e sim pela ‘redução’ que foi aprofundar o caráter dessa luta como luta de classes do proletariado contra a burguesia.”

pelos homens”. Deve demonstrá-lo, antes de tudo, desembaraçando-se das grosseiras paixões proletárias e dedicando-se ele próprio “ao cultivo de um bom gosto” e “à aprendizagem do bom tom” (p. 85) sob a direção de burgueses filantrópicos cultos. Então, as “maneiras de maltrapilho” de muitos dirigentes serão substituídas por “maneiras burguesas” muito honradas. (Como se as maneiras exteriores de maltrapilho dos aqui aludidos não fossem o mínimo do que se pode acusá-los!) Então também

“(…) haverá *numerosas* adesões dos círculos das classes *cultas e possuidoras*. Estes, porém, têm primeiro de ser ganhos caso se queira que a agitação conduzida alcance sucessos *tangíveis*.” O socialismo alemão “deu demasiado valor ao ganhar das *massas* e, por isso, esqueceu-se de fazer propaganda vigorosa” (!) “nas chamadas camadas superiores da sociedade”. Pois “o partido ainda tem falta de homens apropriados para o representar no *Reichstag*”. É, porém, “desejável e necessário confiar os mandatos a homens que tenham tido oportunidade e tempo suficientes para se familiarizarem, com profundidade, com as respectivas matérias. O simples operário e o pequeno mestre [artesão]... só em poucos casos excepcionais têm o necessário ócio para isso”.

Portanto, elejam burgueses!

Em suma, a classe operária é incapaz de se libertar por si. Para isso, tem de estar sob a direção de burgueses “cultos e possuidores”, que só eles têm “oportunidade e tempo” para se familiarizarem com o que é bom para os operários. E, em segundo lugar, guardemo-nos de combater a burguesia, mas tratemos de ganhá-la – com uma propaganda vigorosa.

Se, porém, quer-se ganhar as camadas superiores da sociedade ou simplesmente os seus elementos bem-intencionados, devemos nos resguardar para não os assustar. Então, os três de Zurique creem ter feito uma descoberta tranquilizadora:

Precisamente agora, sob a pressão da lei dos socialistas<sup>6</sup>, o partido mostra que *não está inclinado* a seguir o caminho da revolução sangrenta, violenta, mas que está decidido... a tomar o caminho da legalidade, isto é, da *reforma*.

Portanto, se os 500 mil ou 600 mil eleitores social-democratas – um décimo a um oitavo do eleitorado todo e, além disso, espalhados por todo o país – são sensatos o suficiente para não darem com a cabeça nas paredes e tentarem uma “revolução sangrenta” de um contra dez, isso prova que eles *renunciam* também para todo o futuro a tirar proveito de um poderoso evento externo, de uma efervescência revolucionária súbita por ele suscitada, mesmo de uma *vitória* do povo alcançada numa colisão por ele gerada! Se Berlim devesse voltar a ser tão inculta para fazer um 18 de Março<sup>7</sup>, os sociais-democratas, em vez de participarem da luta como “maltrapilhos sedentos de barricadas” (p. 88), teriam antes de “tomar o caminho da legalidade”, contemporizar, retirar as barricadas e, se necessário, marchar com o majestoso exército contra as massas unilaterais, grosseiras, incultas. Ou, se os senhores afirmam que não era isso o que queriam dizer, então o que é que queriam dizer? Ainda há melhor.

“Portanto, quanto mais calmo, objetivo, refletido ele” (o Partido) “for na sua crítica das condições existentes e nas suas propostas para a melhoria, tanto menos poderá ser repetido o atual lance conseguido” (com a introdução da lei dos socialistas) “com o qual a reação consciente intimidou a burguesia com o temor do espectro vermelho” (p. 88.).

Para tirar da burguesia o último vestígio de medo, é necessário provar de forma explícita e conclusiva que o espectro vermelho realmente é apenas um espectro, é algo que não existe.

---

<sup>6</sup> Trata-se da lei de exceção contra os socialistas, promulgada na Alemanha em 21 de outubro de 1878. Em virtude dessa lei, foram proibidas todas as organizações do Partido Social-democrata, as organizações operárias de massas e a imprensa operária. A literatura socialista foi confiscada, e os sociais-democratas, perseguidos. Por pressão do movimento operário de massas, a lei foi abolida em 1º de outubro de 1890.

<sup>7</sup> Trata-se dos combates de barricadas em Berlim, em 18 de março, que marcaram o início da revolução de 1848-1849 na Alemanha.

Qual é, porém, o segredo do espectro vermelho se não o medo da burguesia diante da infalível luta de vida ou de morte entre ela e o proletariado? O medo ante o inevitável desenlace da luta de classes moderna? Anula-se a luta de classes e a burguesia e “todos os homens independentes” irão andar “de braço dado com os proletários” sem temer! E os proletários que seriam realmente prejudicados.

O partido deve, portanto, demonstrar por maneiras humildes e melancólicas que abandonou de uma vez por todas as “enormidades e excessos” que deram pretexto à lei dos socialistas. Se ele prometer de livre vontade que quer mover-se apenas dentro dos limites da lei dos socialistas, Bismarck e os burgueses certamente terão a bondade de suprimir essa lei, então supérflua!

“Entendam-nos bem”, não queremos “abandonar o nosso partido e o nosso programa. Queremos, porém, dizer que teremos o suficiente a fazer durante anos se dirigirmos toda a nossa força, toda a nossa energia, para alcançar certos objetivos que estão próximos, que em quaisquer circunstâncias, terão de ser alcançados antes que se possa pensar numa realização das aspirações que vão mais longe.”

Então, os burgueses, pequeno-burgueses e operários que “agora estão assustados... pelas aspirações mais profundas” também se juntarão em massa. O programa não deve ser *abandonado*, mas apenas *adiado* – por tempo indeterminado. Uma pessoa o aceita, mas não é propriamente para si e para o tempo da sua vida, é postumamente, como herança para os filhos e os filhos dos filhos. Entretanto, uma pessoa dedica “toda” a sua “força e energia” para toda a espécie de pequena tralha e de reformas da ordem capitalista da sociedade para que pareça que aconteceu alguma mudança real e, ao mesmo tempo, a burguesia não fique assustada. Elogio aqui o comunista Miquel, que prova a sua inabalável convicção do inevitável derrube da sociedade capitalista em algumas centenas de anos, enganando a torto e a direito, dando o seu contributo para a crise de 1873 e fazendo com que isso *realmente* apareça algo feito pelo desmoronamento da ordem existente.

Outra ofensa contra o bom tom foram também os “ataques exagerados contra os *Gründer*<sup>8</sup>, que afinal eram “apenas filhos do tempo”; “teria, portanto, sido melhor abandonar... as invectivas contra Strousberg e gente semelhante”. Infelizmente, todos os homens são “apenas filhos únicos do tempo”, e se essa é uma desculpa suficiente, não se deve atacar mais ninguém, toda a polêmica, toda a luta da nossa parte cessa; levamos com tranquilidade todos os pontapés dos nossos adversários, porque nós, os sábios, sabemos bem que eles são “apenas filhos do tempo” e não podem agir de maneira diferente daquela que agem. Em vez de lhes retribuir os pontapés com juros, devemos antes lamentar por estes pobres.

De igual modo, a tomada de partido sempre a favor da Comuna teve a desvantagem “de afastar de nós gente outrora inclinada para nosso lado e de engrossar, em geral, o *ódio da burguesia* contra nós”. E, além disso, o partido “não está totalmente isento de culpa na efetivação da Lei de Outubro<sup>9</sup>, pois aumentou o *ódio da burguesia* de uma maneira desnecessária”.

Aqui temos o programa dos três censores de Zurique. Em transparência, nada deixa a desejar. Pelo menos para nós, que conhecemos bem todas estas maneiras de falar desde 1848. São os representantes da pequena burguesia que se anunciam, cheios de medo de que o proletariado, compelido pela sua situação revolucionária, possa “ir demasiado longe”. Ao invés

---

<sup>8</sup> A crise de 1873 acabou, na Alemanha, com o período dos chamados *Gründerjahre* [anos dos *Gründer*]. Os *Gründer* – literalmente, fundadores – eram empresários, organizadores ou promotores de companhias e sociedades que, depois da guerra franco-prussiana de 1870-1871, enriqueceram rápido graças às contribuições extorquidas da França e à especulação desenfreada.

<sup>9</sup> Ver nota 6.

de oposição política decidida – mediação geral; ao invés de luta contra o governo e a burguesia – a tentativa de ganhá-los e de persuadi-los; ao invés de resistência obstinada contra os maus-tratos de cima – submissão humilde e admissão de que se tinha merecido o castigo. Todos os conflitos historicamente necessários são interpretados de forma deturpada como mal-entendidos e toda a discussão termina com o protesto: afinal, no fundamental, estamos todos unidos. As pessoas que em 1848 apareceram como democratas burgueses, podem agora do mesmo modo chamar a si de social-democrata. Tal como, para elas, a derrocada do capitalismo é algo para um futuro inalcançável e não tem, portanto, absolutamente nenhuma significação para a prática política do presente. É possível mediar, fazer compromissos, praticar a filantropia o quanto quiser. É o mesmo para a luta de classes entre proletariado e burguesia. É reconhecida no papel, porque já não se pode negá-la. Na prática, porém, é mascarada, apagada, amortecida. O Partido Social-democrata *não deve* ser um partido operário, não deve atrair para si o ódio da burguesia ou, em geral, de quem quer que seja; deve, antes de tudo, fazer uma propaganda enérgica entre a burguesia; ao invés de dar peso aos objetivos fundamentais, que assustam a burguesia e que, contudo, são inalcançáveis na nossa geração, ele deve antes empregar toda a sua força e energia naquelas reformas restauradoras pequeno-burguesas que conferem à velha ordem da sociedade novos apoios e que, por esse fato, poderiam talvez transformar a catástrofe final num processo gradual, partilhado e de dissolução mais pacífica possível. São as mesmas pessoas que, sob a aparência da incansável ocupação, não só não fazem nada elas próprias, como também tentam impedir que, em geral, aconteça algo – a não ser conversa; as mesmas pessoas, cujo medo de qualquer ação, em 1848 e em 1849, obstaculizaram o movimento a cada passo e finalmente o levou à derrota; as mesmas pessoas que nunca veem a reação e, depois, ficam totalmente admiradas por se encontrarem finalmente num beco sem saída, no qual nem resistência nem fuga são possíveis; as mesmas pessoas que querem confinar a história ao seu horizonte pequeno-burguês e acima das quais, por sua vez, a história transita para a ordem do dia.

No que se refere ao seu teor socialista, este já foi criticado o suficiente no *Manifesto* [Comunista], no capítulo: “O socialismo alemão ou “verdadeiro”. Onde a luta de classes é empurrada para o lado como desagradável fenômeno “grosseiro”, transformando a base do socialismo em mero “verdadeiro amor pelos homens” ao lado de frases vazias sobre “justiça”.

Este é um fenômeno inevitável, fundado no curso do desenvolvimento histórico, que pessoas das classes até aqui dominantes se juntem ao proletariado que luta e lhe tragam elementos de cultura. Colocamos isso explicitamente no *Manifesto*. Aqui há, porém, duas coisas a observar:

*Primeiro*, essas pessoas, para serem úteis ao movimento proletário, têm de trazer consigo elementos de cultura reais. Isso não é, porém, o caso da grande maioria dos convertidos burgueses alemães. Nem o *Zukunft* nem a *Neue Gesellschaft*<sup>10</sup> trouxeram o que quer que fosse que fizesse o movimento avançar um passo. Há uma falta absoluta de material de cultura real, efetivo ou teórico. Em vez disso, realizam tentativas para pôr o pensamento socialista apropriado de forma superficial em consonância com os pontos de vista teóricos mais diversos que os senhores trouxeram consigo da Universidade ou de qualquer outro lugar, sendo que um é ainda mais confuso do que o outro, graças ao processo de putrefação em que se encontram os restos da filosofia alemã nos dias de hoje. Ao invés de, para começar, estudarem

---

<sup>10</sup> *Die Zukunft* (O Futuro): revista de orientação reformista, publicada de outubro de 1877 a novembro de 1878 em Berlim. Era editada por K. Höchberg. Marx e Engels criticavam acerbamente a revista por suas tentativas de conduzir o partido para uma via reformista. *Die Neue Gesellschaft* (A Nova Sociedade): revista de tendência reformista, publicada em Zurique entre 1877 e 1880.

eles próprios com fundamentos a nova ciência, cada um prefere aproximá-la dos pontos de vista que trouxeram consigo, fazer dela uma ciência privada própria sem nenhuma hesitação, e aparece mesmo com a pretensão de a querer ensinar. Por isso, entre estes senhores, existem tantos pontos de vista quanto número de cabeças; ao invés de trazerem luz seja lá ao que for, apenas estabeleceram uma grave confusão – felizmente, quase só conhecida entre eles próprios. O partido pode muito bem passar sem semelhantes elementos de cultura, cujo primeiro princípio é ensinar o que ainda não aprenderam.

Em *segundo* lugar, se pessoas de outras classes se juntam ao movimento proletário, a primeira exigência é a de que elas não tragam consigo nenhum tipo de preconceito burguês, pequeno-burguês etc., e sim que se apropriem com franqueza da perspectiva proletária. Aqueles senhores, porém, como ficou provado, estão completamente dominados por representações burguesas e pequeno-burguesas. Num país tão pequeno-burguês como a Alemanha, essas representações têm seguramente a sua justificação. Mas apenas fora do Partido Operário Social-democrata. Se eles constituírem um partido pequeno-burguês social-democrata, estão no seu pleno direito; seria possível até negociar com eles ou mesmo, segundo as circunstâncias, formar alianças etc. Mas, num partido operário, eles são elementos deformadores. Se existem razões momentâneas para tolerá-los, subsiste a obrigação de apenas os tolerar, de não lhes permitir nenhuma influência sobre a direção do partido e de permanecermos conscientes de que a ruptura com eles é só uma questão de tempo. Aliás, esse tempo já chegou. Parece-nos inconcebível que o partido possa tolerar no seu seio durante mais tempo os autores deste artigo. Se, porém, a direção do partido vier mesmo a cair mais ou menos nas mãos de semelhantes pessoas, o partido fica simplesmente castrado e pôr-se-ia fim ao caráter proletário.

No que nos diz respeito, com todo o nosso passado, só nos resta um caminho a seguir. Há quase 40 anos, colocamos em primeiro plano a luta de classes como o motor da história e, em especial, a luta de classes entre burguesia e proletariado como a grande alavanca da revolução social moderna. É impossível a nós, portanto, caminhar junto com pessoas que querem suprimir a luta de classes do movimento. Quando fundamos a Internacional, formulamos em termos exatos seu grito de guerra: “*a libertação da classe operária será obra da própria classe operária*”. Não podemos, é evidente, caminhar com pessoas que declaram aos quatro cantos que os operários são muito pouco instruídos para poder emancipar a si mesmos e que só a partir de cima eles podem ser libertados, pelas cúpulas, pelos filantropos burgueses e pequeno-burgueses. Se o novo órgão do partido toma uma atitude que corresponda às ideias destes senhores, se essa orientação é burguesa e não proletária, não nos restará mais nada a fazer, por mais lamentável que seja, do que declarar abertamente nossa oposição e romper a solidariedade da qual demos prova até agora na qualidade de representantes do partido alemão no exterior”. Esperemos, contudo, que não se chegue *até aí*. (...)

# LENIN

## A propósito da *Profession de foi*<sup>11</sup>

(1899)

[...] Em nenhum movimento político ou social, em nenhum país jamais houve ou poderia ter havido qualquer outra relação entre a massa da classe ou do povo em questão e seus numerosos representantes educados, além dos seguintes: em todos os lugares e em todos os momentos os líderes de uma determinada classe sempre foram seus representantes avançados e mais cultos. Tampouco pode haver outra situação no movimento operário russo. A ignorância dos interesses e requisitos desta seção avançada dos trabalhadores e o desejo de descer o nível de compreensão dos estratos inferiores (em vez de aumentar constantemente o nível de consciência de classe dos trabalhadores) deve, portanto, necessariamente ter um efeito profundamente prejudicial e preparar o terreno para a infiltração de todo tipo de não socialista e não socialista ideias revolucionárias para o meio dos trabalhadores. [...]

[...]

Para os socialistas, a luta econômica serve de base para a organização dos trabalhadores em um partido revolucionário, para o fortalecimento e o desenvolvimento de sua luta de classes contra todo o sistema capitalista. Se a luta econômica é tomada como algo completo em si mesma, não haverá nada socialista; a experiência de todos os países europeus nos mostra muitos exemplos, não apenas de sindicatos socialistas, mas também de sindicatos antissocialistas.

É tarefa do político burguês “auxiliar a luta econômica do proletariado”; a tarefa do socialista é levar a luta econômica para promover o movimento socialista e os sucessos do partido revolucionário da classe trabalhadora. A tarefa do socialista é promover a fusão indissolúvel da luta econômica e política na luta de classes única das massas trabalhadoras socialistas.

[...]

A atividade de agitação entre as massas deve ser da natureza mais ampla, econômica e política, em todas as questões possíveis e em relação a todas as manifestações de opressão, qualquer que seja sua forma. Devemos utilizar essa agitação para atrair um número crescente de trabalhadores às fileiras do partido social-democrata revolucionário, para incentivar a luta política em todas as manifestações concebíveis, para organizar essa luta e transformá-la de suas formas espontâneas na luta de uma única política. festa. A agitação, portanto, deve servir como um meio de expandir amplamente o protesto político e as formas mais organizadas de luta política. Hoje nossa agitação está muito contida; o leque de perguntas abordadas é muito limitado. Portanto, é nosso dever não legitimar essa estreiteza, mas tentar nos libertar dela, aprofundar e expandir nosso trabalho agitador.

[...]

---

<sup>11</sup> Profissão de fé, um credo, programa, exposição de uma concepção do mundo.



## **Um passo em frente, dois passos atrás**

(1904)

[...]

Muito pelo contrário: exatamente devido à existência dos diferentes graus de consciência e atividade, é necessário estabelecer uma diferença no grau de proximidade do partido. Nós somos um partido de classe, e é por isso que quase toda a classe (e em tempo de guerra, num período de guerra civil, absolutamente toda a classe) deve agir sob a direção do nosso partido, deve ter com o nosso partido a ligação mais estreita possível. Mas seria manilovismo e “seguidismo” pensar que sob o capitalismo quase toda a classe, ou mesmo toda a classe, estará um dia em condições de se elevar ao ponto de alcançar o grau de consciência e de atividade do seu destacamento de vanguarda, do seu partido social-democrata. Nunca nenhum social-democrata de bom senso duvidou de que sob o capitalismo, mesmo a organização sindical (mais rudimentar, mais acessível ao grau de consciência das camadas não desenvolvidas) não está à altura de englobar quase toda ou toda a classe operária. Seria unicamente enganar-se a si próprio, fechar os olhos sobre a imensidade das nossas tarefas, restringir essas tarefas, esquecer a diferença entre o destacamento de vanguarda e toda a massa que pende para ele, esquecer a obrigação constante do destacamento de vanguarda de elevar camadas cada vez mais amplas ao seu nível avançado. E é precisamente esse fechar dos olhos e esse esquecimento que se comete quando se apaga a diferença que existe entre os que têm ligação e os que entram, entre os conscientes e os ativos, por um lado, e os que ajudam, por outro.

[...]

## **Sobre a confusão entre política e pedagogia**

(1905)

Nós até temos uns poucos social-democratas que deixam-se levar pelo pessimismo toda vez que os trabalhadores sofrem um revés em batalhas esparsas contra os capitalistas ou contra o governo, e que desdenhosamente abrem mão de qualquer menção aos grandes e elevados objetivos do movimento da classe trabalhadora ao apontar para o inadequado grau de nossa influência sobre as massas. Quem e o que somos nós, dizem eles, para ambicionar tais coisas? É despropositado falar do papel da social-democracia como vanguarda da revolução quando nós nem mesmo sabemos realmente o ânimo das massas, quando estamos impossibilitados de nos misturarmos a elas e despertar as massas trabalhadoras! Os reverses sofridos pelos social-democratas no último Primeiro de Maio intensificaram consideravelmente esse ânimo. Naturalmente, os mencheviques, ou novos iskristas, aproveitaram essa abertura para levantar de novo o mote especial “Às massas!” – como se apesar, como se em resposta àqueles que pensaram e falaram sobre o governo revolucionário provisório, sobre a ditadura democrático-revolucionária etc.

Precisa ser admitido que nesse pessimismo, e nas conclusões que os precipitados escritores do novo *Iskra* tiraram dele, há uma característica muito perigosa que pode causar grande dano ao movimento social-democrata. Para termos certeza, a autocrítica é vitalmente essencial para todo partido vivo e viril. Não há nada mais enojador do que o otimismo presunçoso. Não há nada mais certo do que a necessidade de atenção para a necessidade constante e imperativa de aprofundar e ampliar, ampliar e aprofundar nossa influência sobre as massas, nossa propaganda e agitação estritamente marxistas, nossa conexão cada vez mais próxima com a luta econômica do país. No entanto, como essa insistência é, em todos os momentos, certa, sob todas as condições e em todas as situações, não deve ser transformada em palavras de ordem especiais, nem deve justificar tentativas de construir uma tendência especial na social-democracia. Existe uma linha divisória aqui; excedê-la é transformar essa necessidade indiscutivelmente legítima em um estreitamento dos objetivos e do alcance do movimento, em uma cegueira doutrinária para as tarefas políticas vitais e cardeais do momento.

É nosso dever sempre intensificar e ampliar nosso trabalho e influência entre as massas. Um social-democrata que não faz isso não é social-democrata. Nenhum ramo, grupo ou círculo pode ser considerado uma organização social-democrata se não trabalhar para este fim de forma constante e regular. Em grande medida, o propósito de nossa estrita separação como um partido distinto e independente do proletariado consiste no fato de que nós sempre e indubitavelmente conduzimos este trabalho marxista de elevar toda a classe trabalhadora, tanto quanto possível, ao nível da consciência social-democrata, não permitindo que ventos políticos, ainda menos mudanças políticas de cenário, nos afastem dessa tarefa urgente. Sem esse trabalho, a atividade política degeneraria inevitavelmente em um jogo, porque essa atividade adquire real importância para o proletariado apenas quando e na medida em que desperta a massa de uma classe definida, ganha seu interesse e a mobiliza para tomar uma parte ativa e principal em eventos. Esse trabalho, como dissemos, é sempre necessário. Depois de cada revés, devemos nos lembrar, e enfatizar, que a fraqueza no trabalho é sempre uma das causas da derrota do proletariado. Da mesma maneira, devemos sempre prestar atenção nisso e enfatizar sua importância depois de cada vitória, do contrário a vitória será apenas aparente, seus frutos não estarão assegurados, seu significado real na grande luta pelo nosso objetivo definitivo será insignificante e pode até se provar adverso (particularmente se uma vitória parcial afrouxar nossa vigilância, acalmar nossa desconfiança de adversários duvidosos e nos fizer esquecer o momento correto para um ataque renovado e mais vigoroso contra o inimigo).

Mas pela mesma razão que o trabalho de intensificar e ampliar nossa influência sobre as massas é sempre necessário, depois de cada vitória como após cada derrota, em tempos de quietude política, como nos períodos mais tempestuosos da revolução, não devemos transformar a ênfase nesse trabalho em uma palavra de ordem especial ou construir sobre ele qualquer tendência especial, se não quisermos correr o risco de descer para a demagogia e degradar os objetivos da classe avançada e única verdadeiramente revolucionária. Há e sempre haverá um elemento pedagógico na atividade política do Partido Social-Democrata. Devemos educar toda a classe de trabalhadores assalariados para o papel de combatentes pela emancipação da humanidade de toda opressão. Devemos constantemente ensinar mais e mais seções dessa classe; devemos aprender a abordar os membros mais atrasados, mais subdesenvolvidos desta classe, aqueles que são menos influenciados pela nossa ciência e pela ciência da vida, de modo a poder falar com eles, aproximar-se deles, erguê-los constante e pacientemente ao nível da consciência social-democrata, sem fazer um dogma seco de nossa doutrina – ensiná-los não apenas a partir de livros, mas através da participação na luta diária pela existência dessas camadas atrasadas e não desenvolvidas do proletariado. Há, repeti-

mos, um certo elemento de pedagogia nesta atividade cotidiana. O social-democrata que perdeu de vista esta atividade deixaria de ser um social-democrata. Isso é verdade. Mas alguns de nós esquecemos, nos dias de hoje, que um social-democrata que reduzir as tarefas da política à pedagogia também, embora por uma razão diferente, deixaria de ser um social-democrata. Quem quer que pense em transformar esta “pedagogia” numa palavra de ordem especial, em contrapô-la à “política”, em construir uma tendência especial sobre ela e em apelar às massas sob esta palavra de ordem contra os “políticos” da social-democracia, instantaneamente e inevitavelmente desce à demagogia. Que as comparações são odiosas é um antigo axioma. Em toda comparação, traça-se uma semelhança em relação a apenas um aspecto ou vários aspectos dos objetos ou noções comparados, enquanto os outros aspectos são provisoriamente e abstraídos com reservas. Lembremos o leitor deste axioma comumente conhecido, mas frequentemente ignorado, e prossiga a comparação entre o Partido Social-Democrata e uma grande escola que é ao mesmo tempo elementar, secundária e colegiada. O ensino do ABC, instrução nos rudimentos do conhecimento e no pensamento independente, nunca será, em nenhuma circunstância, negligenciado nesta grande escola. Mas se alguém procurar invocar a necessidade de ensinar o ABC como um pretexto para descartar questões de ensino superior, se alguém tentar compensar os resultados impermanentes, duvidosos e “estreitos” desse ensino superior (acessível a um círculo muito menor de pessoas do que aqueles que aprendem o ABC) para os resultados duradouros, profundos, extensos e sólidos da escola primária, ele iria trair-se em uma miopia incrível. Ele poderia até mesmo ajudar a perverter todo o propósito da grande escola, pois, ao ignorar o ensino superior, ele simplesmente facilitaria que charlatões, demagogos e reacionários enganassem as pessoas que haviam aprendido o ABC. Ou de novo, comparemos o Partido a um exército. Nem em tempos de paz, nem em tempos de guerra nós podemos ousar negligenciar o treinamento de recrutas, podemos ousar negligenciar a manutenção dos rifles ou a disseminação dos rudimentos da ciência militar [...]

## **Prólogo à recopilação “Em doze anos”**

(1907)

A recopilação de artigos e livretos que oferecemos ao leitor compreende o período de 1895 a 1905. O tema dos trabalhos reunidos neste volume é constituído por questões programáticas, táticas e de organização da social-democracia russa. Essas questões são colocadas e abordadas de forma contínua na luta contra a ala direita da corrente marxista na Rússia.

No início, esta luta se desenvolveu no terreno puramente teórico contra o senhor Struve, principal representante de nosso marxismo legal da década de [18]90. O final de 1894 e o início de 1895 foram um período de reviravoltas bruscas em nossas publicações legais. Pela primeira vez, o marxismo adentrou nelas, representado não só pelos militantes do grupo “Emancipação do Trabalho” no exílio, mas também pelos sociais-democratas russos. A reanimação no campo da literatura e as discussões apaixonadas dos marxistas com os velhos dirigentes do populismo, que até então tinham exercido um domínio quase absoluto nas publicações avançadas (por exemplo, N. Mijailovsky), foram o prelúdio da ascensão do movimento

operário de massas na Rússia. A literatura marxista russa foi a precursora direta das ações de luta do proletariado, das famosas greves de Petersburgo de 1896, as quais inauguraram a era do movimento operário, que então passou a crescer sem parar e constitui o fator mais poderoso de toda a nossa revolução.

As condições nas quais as publicações se desenvolveram então obrigavam os sociais-democratas a se expressarem em sua linguagem convencional e a se limitarem às teses mais gerais e mais distantes da prática e da política. Essa circunstância facilitou, de modo especial, a união dos elementos heterogêneos do marxismo na luta contra o populismo. Ao lado dos sociais-democratas exilados e dos que atuavam na Rússia, homens como os senhores Struve, Bulgákov, Tugán-Baranovski, Berdiáev etc. sustentaram essa luta. Eram democratas burgueses, para quem a ruptura com o populismo não significava passar do socialismo pequeno-burguês (ou camponês) ao socialismo proletário, como foi para nós, mas ao liberalismo burguês.

Agora, a história da revolução russa em geral, a história do partido democrata-constitucionalista em particular, e em especial a evolução do senhor Struve (quase até o outubrismo), tornaram essa verdade evidente, a converteram em moeda corrente das publicações. Então, em 1894-1895, essa verdade havia de ser demonstrada com base nos desvios do marxismo, relativamente pequenos, nos quais incorriam um ou outro autor; então, apenas começava a cunhar esta moeda. Por isso, reproduzo agora, na íntegra, meu trabalho dirigido contra o senhor Struve (o artigo “O conteúdo econômico do populismo e sua crítica no livro do senhor Struve”, que apareceu com a assinatura de K. Tulin na recopilação *Materiais sobre o desenvolvimento econômico da Rússia*, editada em São Petersburgo em 1895, que foi queimada pela censura), por três razões. Em primeiro lugar, a crítica do ponto de vista do senhor Struve é importante porque o público leitor pôde conhecer seu o livro e os artigos escritos pelos populistas contra os marxistas em 1894-1895. Em segundo lugar, a advertência ao senhor Struve feita por um social-democrata revolucionário simultânea à nossa atuação conjunta contra os populistas tem importância também como resposta a quem nos acusava, de forma reiterada, de nos aliarmos a estes senhores e para a apreciação da carreira política, muito significativa, do senhor Struve. Em terceiro lugar, a velha polêmica com Struve, ultrapassada em muitos sentidos, é importante por ser um exemplo preocupante. Mostra o valor político-prático de uma polêmica teórica intransigente. Os sociais-democratas revolucionários foram repreendidos uma infinidade de vezes por uma excessiva inclinação a tais polêmicas com os “economicistas”, com os bernsteinianos e com os mencheviques. E agora essas reprimendas estão em voga entre os “conciliadores” de dentro do Partido Social-democrata e entre os semissocialistas “simpatizantes” fora dele. Fala-se muito entre nós que os russos em geral, os sociais-democratas em particular, e de modo especial os bolcheviques, têm uma inclinação exagerada para a polêmica e as cisões. Entre nós, esquece-se também que a excessiva inclinação a passar do socialismo ao liberalismo é preconcebida pelas condições dos países capitalistas em geral, pelas condições da revolução burguesa na Rússia em particular, e de um modo especial pelas condições de vida e de atividade de nossos intelectuais. Deste ponto de vista, não será inútil ver o que havia dez anos atrás, quais diferenças teóricas com o “struvismo” se delineavam então e que pequenas divergências (pequenas a primeira vista) deram origem à plena delimitação política dos partidos e à luta impiedosa no parlamento, numa série de órgãos de imprensa, nas assembleias populares etc.

[...]

O livreto seguinte, *Que fazer?*, apareceu no exterior no início de 1902. É dedicado à crítica da ala direita, não só das correntes literárias, mas também da organização social-democrata. Em 1898, realizou-se o 1º Congresso dos sociais-democratas e foi fundado o Partido

Operário Social-democrata da Rússia. A organização do partido no exílio passou a ser a “União dos sociais-democratas russos no exterior” e incluía também o grupo “Emancipação do Trabalho”. Contudo, os organismos centrais do partido foram destruídos pela polícia e não puderam ser reconstruídos. De fato, não existia unidade do partido: esta unidade não era mais que uma ideia, uma diretiva. A paixão pelo movimento grevista e pela luta econômica gerou uma forma especial de oportunismo social-democrata, o chamado “economicismo”. Quando, *no final* de 1900, o grupo do *Iskra* iniciou sua atividade no exílio, a cisão sobre essa base já era um fato. *Na primavera* de 1900, Plekhanov abandonou a “União de sociais-democratas russos no exterior e formou uma organização à parte, a *Sotsial-demokrat*.

Do ponto de vista formal, o *Iskra* começou seu trabalho independente de ambas frações; na realidade, porém, estava junto com o grupo de Plekhanov contra a “União”. A tentativa de fusão Não prosperou (junho de 1901, Congresso da “União” e da organização *Sotsial-demokrat* em Zurique). O livreto *Que fazer?* expõe de forma sistemática as causas da divergência e o caráter da tática e da atividade orgânica *iskrista*.

Os atuais adversários dos bolcheviques, os mencheviques, bem como os autores do campo liberal-burguês (os democratas-constitucionalistas, os “sem título” do jornal *Továrisch* etc.) recordam com frequência o livreto *Que fazer?*. Por isso o reproduzo com breves reduções, prescindindo apenas de detalhes sobre as relações orgânicas ou de pequenas observações de caráter polêmico. Quanto ao conteúdo deste folheto, o leitor de nossos dias deve prestar atenção ao seguinte.

O principal erro dos que hoje polemizam com *Que fazer?* consiste em desligar por completo essa obra de uma situação histórica determinada, de um período concreto do desenvolvimento de nosso partido que passou há muito tempo. Incorreu de forma patente nesse erro, por exemplo, Parvas (para não mencionar inúmeros mencheviques), que muitos anos depois do surgimento do livreto escrevia sobre suas ideias erradas ou exageradas a propósito da organização de revolucionários profissionais.

Atualmente, afirmações semelhantes produzem uma impressão verdadeiramente cômica: como se eu soubesse, ignoraria todo um período do desenvolvimento de nosso partido e das conquistas que, em seu tempo, foram conquistadas com luta e que já se estabeleceram há muito tempo e realizaram sua obra.

Falar hoje que o *Iskra* (em 1901 y 1902!) exagerava a ideia da organização de revolucionários profissionais é o mesmo que, depois da guerra russo-japonesa, repreender os japoneses por terem superestimado a força militar dos russos, por terem tido uma preocupação exagerada antes da guerra com a luta contra tais forças. Os japoneses, se quisessem conseguir a vitória, tinham que reunir todas as suas forças contra o máximo possível das forças russas. É lamentável que muitos julguem nosso partido de fora, sem conhecimento de causa, sem ver que agora a ideia da organização de revolucionários profissionais já alcançou uma vitória completa. Porém essa vitória teria sido impossível se, na época, essa ideia não tivesse sido apresentada como prioridade e se os que impediam de colocá-la em prática não tivessem sido denunciados de forma “exagerada”.

*Que fazer?* é o compêndio da tática *iskrista* e da política *iskrista* em matéria de organização nos anos de 1901 e 1902. Um “compêndio”, nem mais nem menos. Quem se der o trabalho de ver o *Iskra* de 1901 e 1902, sem dúvida se convencerá disso. E quem julgar esse compêndio sem conhecer a luta do *Iskra* contra o economicismo, ao gosto da *maioria*, e sem compreender essa luta, não fará mais que lançar palavras ao vento. O *Iskra* lutou pela criação de uma organização de revolucionários profissionais, lutou com uma energia particular em

1901 e 1902, acabou com o economicismo, então predominante, criou definitivamente esta organização em 1903, manteve-a apesar da cisão posterior dos *iskristas*, apesar das grandes convulsões da época, de tormenta e embate, manteve-a durante toda a Revolução Russa, defendeu-a e a manteve de 1901-1902 até 1907.

E agora, quando a luta por essa organização terminou há muito tempo, quando o plantio foi feito, o grão amadureceu e a colheita terminou, há quem diga: “Exagerou-se a ideia da organização de revolucionários profissionais!” Não é ridículo isso?

[...]

Os revolucionários profissionais fizeram seu trabalho na história do socialismo proletário russo. E não há força capaz de destruir agora este trabalho, que há muito tempo passou o marco o estreito dos “círculos” de 1902-1905; o significado das vitórias já conquistadas não será subtraído pelos lamentos tardios por se ter exagerado as tarefas de combate que, na época, só podiam garantir pela luta um enfoque correto para o cumprimento destas tarefas.

[...] Convém dizer umas palavras elucidativas ao leitor de nossos dias sobre este espírito de círculo. Tanto no livreto *Que fazer?* quanto no livreto posterior, *Um passo em frente, dois passos atrás*, o leitor presencia uma luta apaixonada, às vezes violenta e de extermínio, entre os *círculos do exílio*. Sem dúvida, essa luta oferece muitos aspectos ingratos. Sem dúvida, essa luta de círculos constitui um fenômeno que só é possível quando o movimento operário do país ainda é muito jovem, muito imaturo. Sem dúvida, os atuais militantes do atual movimento operário russo devem romper as inúmeras tradições dos círculos [...].

[...] Em seu tempo, os círculos foram necessários e cumpriram um papel positivo. Num país autocrático em geral, as condições que foram criadas por toda a história do movimento revolucionário russo em particular, o partido operário socialista *não podia* desenvolver-se de outro modo que não fosse sobre a base dos círculos. [...] foram uma etapa necessária do desenvolvimento do socialismo e do movimento operário na Rússia. À medida que esse movimento crescia, foi colocada a tarefa de agrupar os círculos, de criar um vínculo sólido entre eles e estabelecer sua continuidade. [...]

[...] as diferenças entre os círculos se davam em torno ao modo como orientar o trabalho, que na época era ainda novo. Já destaquei então (em *Que fazer?!*) que as diferenças pareciam pequenas, mas na realidade tinham enorme importância, pois no início do novo trabalho no início do movimento social-democrata, a determinação do caráter geral deste trabalho e deste movimento se refletira da forma mais essencial na propaganda, na agitação e na organização. Todas as discussões posteriores entre os sociais-democratas giraram em torno a como orientar a atividade política do partido operário em tais ou quais casos. Mas então tratava-se de determinar as bases mais gerais e as tarefas cardinais de toda política social-democrata em geral.

Os círculos fizeram seu trabalho e agora, está óbvio, estão superados, mas somente porque a luta dos círculos colocou com a maior intensidade as questões primordiais da social-democracia, resolveu-as com um espírito revolucionário intransigente e criou assim uma sólida base para uma ampla atividade partidária.

Das questões colocadas nas publicações com relação ao livreto *Que fazer?* em particular, vou apontar apenas as duas que seguem. Plekhanov, no *Iskra* de 1904, pouco depois de surgir o livreto *Um passo em frente, dois passos atrás*, proclamou sua insatisfação de princípio comigo na questão da espontaneidade e da consciência. Não respondi a isso (à exceção de uma nota publicada em *Vperiod* de Genebra) nem às inúmeras reiteraões sobre esse assunto que

apareceram nas publicações mencheviques, e não respondi porque a crítica de Plekhanov era evidentemente, por seu caráter, uma penitência vã, baseada em frases tomadas aleatoriamente, em expressões soltas que eu não havia formulado com todo sucesso ou com plena exatidão, mas o conteúdo geral e todo o espírito do livreto foi ignorado.

*Que fazer?* apareceu em março de 1902. O projeto de programa do partido (o de Plekhanov, com as emendas da redação do *lskra*) foi publicado em junho ou julho do mesmo ano. A relação entre o espontâneo e o consciente foi formulada neste projeto em comum acordo com a redação do *lskra* (as discussões entre Plekhanov e mim sobre o programa se desenvolveram dentro da redação, mas não acerca desse problema, senão no que se refere ao deslocamento da pequena produção pela grande, sobre o qual eu exigia uma formulação mais precisa que a de Plekhanov, e no que se refere à diferença sobre o ponto de vista do proletariado ou das classes trabalhadoras em geral, ao qual eu insistia na necessidade de dar uma definição mais estrita do caráter puramente proletário do partido).

Por consequência, não podia falar-se de nenhuma diferença de princípio sobre essa questão entre o projeto de programa e o livreto *Que fazer?*. No 2º Congresso (agosto de 1903), Martinov, então “economicista”, questionou nossos pontos de vista sobre a espontaneidade e a consciência, expostos no programa. Todos os *iskristas* rebateram Martinov, como destacado no livreto *Um passo adiante, dois passos atrás*.

Segue-se nitidamente que existia uma diferença de fundo entre os *iskristas* e os “economicistas”, os quais combatiam o que havia de comum entre *Que fazer?* e os projetos de programa. Contudo, tampouco pensei em construir algo “programático” no 2º Congresso, em princípio especiais, minhas formulações feitas em *Que fazer?*. Pelo contrário, usei a expressão retorcer a barra, que depois foi citada com frequência. Em *Que fazer?*, endireitava-se a barra que havia sido retorcida pelos “economicistas”; eu disse isso (veja-se as atas do 2º Congresso do POSDR de 1903, Genebra, 1904), e justamente porque endireitamos com todo vigor.

O sentido destas palavras é óbvio: *Que fazer?* revê de forma polêmica o economicismo, e seria equivocado examinar seu conteúdo fora desta tarefa do livreto. Observarei que o artigo de Plekhanov contra *Que fazer?* não foi reproduzido na recopilação do novo *Iskra (Dois anos)*, por isso não me refiro agora aos argumentos de Plekhanov e limito-me a explicar o teor do assunto ao leitor de nossos dias, que pode encontrar referências sobre esta questão em inúmeras publicações mencheviques.

A outra observação se refere à luta econômica e aos sindicatos. Nas publicações, com frequência deformam minhas opiniões sobre essa questão. Por isso, é necessário ressaltar que muitas páginas de *Que fazer?* estão dedicadas a explicar a enorme importância da luta econômica e dos sindicatos. Particularmente, pronunciei-me pela neutralidade dos sindicatos. Desde então, nem nos panfletos nem nos artigos na imprensa me manifestei de outro modo, apesar das múltiplas afirmações feitas por meus adversários. Só o Congresso de Londres do POSDR e o Congresso Socialista Internacional de Stuttgart me fizeram chegar à conclusão de que não se podia defender em princípio a neutralidade dos sindicatos. O único princípio correto consiste na maior aproximação dos sindicatos ao partido. Nossa política deve tender a aproximar e vincular os sindicatos ao partido. Deve-se aplicar essa política com perseverança e firmeza em toda nossa propaganda e agitação e no trabalho de organização, sem aspirar a simples “reconhecimentos” e sem expulsar dos sindicatos os que pensam diferente.

# Revolução e contrarrevolução

(1907)

[...]

O Partido Operário Social-Democrata deve estar preparado para assumir esse papel; num solo fertilizado pelos acontecimentos de 1905 e dos anos seguintes, a semente dará uma colheita dez vezes melhor. Se, no fim do ano 1905, um milhão de proletários se agruparam atrás de um partido com alguns milhares de militantes conscientes da classe operária, hoje, o nosso partido, que conta dezenas de milhares de social-democratas temperados na experiência da revolução e que, no decurso da luta, se ligaram mais estreitamente às massas dos operários – o nosso partido saberá conduzir dezenas de milhões de combatentes e esmagar o inimigo.

Por outro lado, as tarefas socialistas e democráticas do movimento operário na Rússia tornaram-se incomparavelmente mais nítidas; sob a influência dos acontecimentos revolucionários, passaram aceleradamente a primeiro plano. A luta contra a burguesia elevou-se a um grau superior. Os capitalistas de todo o país, pela sua parte, agrupam-se em associações, estreitam os seus laços com o governo, recorrem com maior frequência aos meios mais extremos da luta económica, procedendo mesmo a lock-outs massivos a fim de “açaimar” o proletariado. Mas só as classes que fizeram o seu tempo receiam as perseguições; o proletariado continua a reforçar-se, tanto em número como em coesão, e com tanta maior rapidez quanto mais velozes são os êxitos dos senhores capitalistas. O desenvolvimento económico da Rússia e de todo o mundo garante a invencibilidade do proletariado. A burguesia começou, pela primeira vez, no decurso da nossa revolução, a agrupar-se como classe, como força política unida e consciente. Isso acelerará a organização de todos os operários da Rússia numa classe unida. O fosso entre o mundo do capital e o mundo do trabalho tornar-se-á mais profundo, a consciência socialista dos operários tornar-se-á mais clara. Enriquecida com a experiência da revolução, a agitação socialista no seio do proletariado ganha em nitidez. A organização política da burguesia é o melhor estimulante para completar a formação de um partido operário socialista.

## A propósito de duas cartas

V. I. Lenin

[...]

Começaremos pelo operário de Petersburgo. De toda sua carta, destaca-se com nitidez que, a seu ver, as causas da crise têm dois sentidos. Por um lado, devido à escassez de dirigentes social-democratas de origem operária, a deserção quase geral dos intelectuais do partido implicou em muitos lugares na desintegração da organização, na incapacidade de reunir e dar coesão às fileiras dispersadas pela dura repressão, a apatia e o cansaço das massas. Por outro lado, na opinião do autor, nossa propaganda e nossa agitação concedera, uma atenção



extraordinariamente exagerada ao “momento presente”, ou seja, não se concentraram na pregação do socialismo e no aprofundamento da consciência social-democrata do proletariado, mas sim nos problemas colocados na ordem do dia pela tática revolucionária. “Os operários se tornaram revolucionários, democratas, mas não socialistas” e, ao diminuir a onda do movimento democrático geral, ou seja, democrático burguês, foram muitos os que abandonaram as fileiras do Partido Social-democrata. O operário de Petersburgo vincula essa opinião à uma dura crítica ao defeito que consiste em “inventar” palavras de ordem “sem fundamento” e com a exigência de que o trabalho de propaganda seja mais sério.

Consideramos que, ao combater um extremo, o autor cai, às vezes em outro; porém, em geral, sustenta, sem dúvida, um ponto de vista absolutamente justo. Não se pode dizer que foi um “erro” “realizar campanhas inteiras” em torno dos problemas do momento. Isso é um exagero: significa esquecer as condições de *ontem* com o ponto de das condições de *hoje*, e o autor, em essência, corrige-se ao reconhecer que “o momento das ações diretas do proletariado é, naturalmente, uma questão excepcional”. Vejamos duas dessas ações, tão distintas e o mais separadas possível no tempo, como o boicote à Duma de Buliguin no outono de 1905 e as eleições para a II Duma no início de 1907. Podia, por acaso, um partido proletário, por mais vivo e ativo que fosse, *não* concentrar, naqueles momentos, a principal atenção e propaganda nas palavras de ordem do dia? Podia o Partido Social-democrata, que naqueles dois momentos levava atrás de si a massa do proletariado, *não* concentrar a luta interna nas palavras de ordem que determinavam o comportamento imediato das massas? Entrar na Duma de Buliguin ou fazê-las abortar? Participar das eleições para a II Duma em bloco com os cadetes ou contra eles? Basta formular de forma simples a pergunta e lembrar as condições deste passado recente para não titubear na resposta. A luta feroz por uma ou outra palavra de ordem não se devia, então, a um “erro” do partido; não, devia-se à necessidade objetiva de adotar uma decisão rápida e unificada quando o partido não tinha chegado a um acordo prévio, quando havia duas táticas, duas correntes ideológicas no partido: a oportunista pequeno-burguesa e a revolucionária proletária.

Da mesma maneira, não é conveniente apresentar as coisas como se naquela época não tivesse sido feito o necessário para propagar o socialismo, para que as massas conhecessem o marxismo. Isso seria faltar com a verdade. Precisamente naquele período, de 1905 a 1907, difundiu-se na Rússia uma imensa quantidade de literatura social-democrata teórica séria – principalmente traduzida –, que ainda *está por dar* seus frutos. Não sejamos incrédulos, não imponhamos às massas nossa própria impaciência. *Semelhante* quantidade de textos teóricos, lançados em período tão curto entre massas virgens, quase desconhecedoras por completo da literatura socialista, não é digerida no ato. Os livros social-democratas não se perderam. *Foram plantados*, crescem e darão seus frutos, talvez não amanhã nem depois de amanhã, mas um pouco depois – não podemos modificar as condições objetivas do advento da nova crise –, mas os darão.

No entanto, a ideia central do autor contém uma profunda verdade: na revolução democrática burguesa, é *inevitável* certo entrelaçamento de tendências e elementos socialistas proletários e democráticos pequeno-burgueses (bem como democráticos oportunistas e democráticos revolucionários). A primeira campanha da revolução burguesa num país “camponês” que se desenvolveu pela via capitalista *não podia* se dar sem que se deixasse sentir a fusão objetiva entre certos setores proletários e certos setores pequeno-burgueses. Atualmente vivemos um processo de diferenciação indispensável, de demarcação de *nova separação* dos elementos proletários de fato e socialistas de sua depuração quanto aos “*apegados ao movi-*

mento” (*Mitlaufer* [seguidores, NdT], como se diz em alemão) em nome apenas de uma palavra de ordem “resplandecente”, por um lado, ou da luta comum com os democratas constitucionais por uma “Duma soberana”, por outro.

Essa diferenciação se dá em graus diferentes em ambas frações social-democratas. Porque é fato que tanto as fileiras dos mencheviques quanto as dos bolcheviques diminuíram! Não tenhamos medo de reconhecê-lo. Sem dúvida nenhuma, visível está, que a ala esquerda do partido evitou a desorganização e a desmoralização em proporções observadas nas fileiras da ala direita. Isso não é por acaso: a falta de firmeza nos princípios contribuiu para a desorganização. Os acontecimentos demonstraram definitivamente, *na prática*, onde e como a coesão orgânica, a fidelidade proletária, a resistência marxista se mantiveram mais. Discussões semelhantes as resolvem a vida, e não palavras, promessas ou juramentos. Observa-se atualmente a divisão e as vacilações, é um fato que exige explicação. E não pode haver outra explicação senão a necessidade de *uma nova diferenciação*.

Ilustraremos nossa ideia com alguns pequenos exemplos: a composição da “população carcerária” (como dizem os procuradores), ou seja, os que se encontram na prisão no confinamento, nos trabalhos forçados e na emigração por motivos políticos, reflete com exatidão a realidade de ontem. Existe dúvida de que a composição dos “políticos”, onde quer que se encontrem, distingue-se hoje pela enorme variedade de opiniões e tendências políticas, pela confusão e falta de diferenciação? A revolução fez camadas tão profundas da população participarem da vida política, trouxe à tona, em todo lugar, tanta gente ao acaso, tantos “heróis por um dia”, tantos neófitos, que é absolutamente inevitável que muitos, muitíssimos deles careçam de uma concepção coerente do mundo. Essa concepção não pode ser elaborada em poucos meses de atividade febril e seguramente a “média de vida” da maioria dos revolucionários do primeiro período de nossa revolução não passa de poucos meses. Por isso, é visivelmente inevitável uma nova diferenciação entre as novas camadas, os novos grupos e os novos revolucionários sacudidos pela revolução. E essa diferenciação está sendo feita. Por exemplo, os funerais do Partido Social-democrata, decretados por uma série de mencheviques, significam, no fundo, que estes respeitáveis senhores *enterram a si mesmos* como social-democratas. Em nenhum caso devemos temer essa diferenciação. Devemos aplaudi-la, apoiá-la. Que os chorões lamentem o quanto quiserem, os que aqui e ali gritarão: Outra vez a luta!, Outra vez os atritos internos!, Outra vez a polêmica! Nós respondemos: sem lutar continuamente, jamais se construiu em lugar algum uma social-democracia verdadeiramente proletária, revolucionária. Na Rússia, mesmo em maio às dificuldades do momento atual, está formando-se e se *formará*. São garantia disso todo o desenvolvimento capitalista da Rússia, a influência que exerce sobre nós o socialismo internacional e a tendência revolucionária da primeira campanha de anos de 1905-1907.

No interesse dessa nova diferenciação, é indispensável reforçar o trabalho teórico. O “momento atual” na Rússia é tal que o trabalho teórico do marxismo, seu aprofundamento e sua ampliação não são ditados pelo humor de alguém, nem pelo entusiasmo de um ou de outro grupo, nem mesmo pelas condições policiais externas únicas, que tem condenado muitos a se afastarem da “prática”: é toda a situação objetiva existente no país que a dita. Quando as massas estão assimilando uma experiência nova e rica ao extremo da luta revolucionária direta, a batalha teórica pela concepção revolucionária do mundo, ou seja, pelo marxismo revolucionário, converte-se na palavra de ordem do dia. Por isso, o operário de Petersburgo tem mil vezes razão quando destaca a necessidade de aprofundar a propaganda socialista, estudar novos problemas, fomentar e desenvolver, por todos os meios, os círculos de estudo que estão formando os próprios operários verdadeiros sociais-democratas, dirigentes

sociais-democratas das massas. Nesse sentido, é particularmente grande o papel das *células* do Partido – cuja menção já provoca convulsões epiléticas em Dan e cia. –, e os “revolucionários profissionais”, tão odiados pelos oportunistas intelectuais, estão sendo chamados a desempenhar um novo e grato papel.

Pero também aqui, ao defender uma ideia absolutamente justa, Mijaíl Tomski cai, em parte, no extremo oposto. Por exemplo, não tem razão ao excluir da lista de “problemas sérios” os que consistem em analisar a experiência de três anos de revolução, sacar os ensinamentos práticos da luta direta das massas, fazer o balanço da propaganda política revolucionária etc. O mais provável, neste caso, é que nos encontremos diante de uma simples lacuna na exposição do autor ou diante de erros parciais, devidos à pressa na elaboração da carta. Fazer essa análise e fazer esse balanço diante dos setores o mais amplo possível dos operários é muito mais importante que o problema dos “tribunais locais”, a “administração autônoma local” e as demais “reformas” do tipo na Rússia de Stolipin, das que tanto os burocratas e os liberais gostam de charlatanear. Com uma Duma centurionegrasta e uma autocracia centurionegrasta, essas “reformas” estão inexoravelmente condenadas a ser uma farsa.

Por outro lado, Mijaíl Tomski tem completa razão quando se subleva com toda força contra a “invenção de palavras de ordem” em geral e contra palavras de ordem como “Abaixo a Duma!” ou “Abaixo o grupo parlamentar!”. Tem mil vezes razão ao opor a essa “confusão” um trabalho social-democrata consequente de organização, propaganda e agitação para fortalecer o Partido Social-democrata, garantir suas tradições odiadas pelos oportunistas, apoiar a continuidade do trabalho, estender e consolidar a influência *deste* partido, do partido *de antes* (indignem-se, redatores de *Golos* dos oportunistas!), sobre as massas proletárias.

## **Relatório sobre a Revolução de 1905**

(1917)<sup>12</sup>

Jovens amigos e camaradas,

Comemoramos hoje o décimo segundo aniversário do “Domingo sangrento”, considerado com toda a justeza como o início da revolução russa.

Milhares de operários, não social-democratas, mas crentes, súbditos fiéis do czar, conduzidos pelo padre Gapone, encaminharam-se de todos os pontos da cidade para o centro da capital, em direção à praça do Palácio de Inverno, para entregar uma petição ao czar. Os operários caminham com ícones, e Gapone, o seu chefe na ocasião, tinha escrito ao czar dando-se como garante da sua segurança pessoal e pedindo-lhe que se apresentasse perante o povo.

A tropa foi alertada. Ulanos e cossacos carregam sobre a multidão com armas brancas; disparam contra os operários desarmados que ajoelhados suplicam aos cossacos que lhes

---

<sup>12</sup> Relatório lido por Lenin em 22 de janeiro de 1917, na Casa do Povo de Zurique, perante uma reunião de jovens operários suíços. Primeira Edição: Pravda, 22 de janeiro de 1925.

permitam aproximar-se do czar. Segundo os relatórios da polícia, houve nesse dia mais de um milhar de mortos e mais de dois mil feridos. A indignação dos operários foi indescritível.

É este, em grandes linhas, o quadro do dia 22 de Janeiro de 1905, o “Domingo sangrento”.

A fim de melhor realçar o alcance histórico deste acontecimento, citarei algumas passagens da petição dos operários. Começa com estas palavras:

“Nós, operários, habitantes de Petersburgo, dirigimo-nos a Ti. Somos escravos miseráveis, humilhados; somos subjugados pelo despotismo e o arbítrio. Com a paciência esgotada, cessámos o trabalho e pedimos aos nossos patrões que nos dessem pelo menos aquilo sem o qual a vida não passa de uma tortura. Mas isso foi-nos recusado; dizem os industriais que não está conforme com a lei. Somos milhares e, tal como todo o povo russo, estamos privados de todos os direitos humanos. Os Teus funcionários reduziram-nos à escravatura.”

A petição enumera as seguintes reivindicações: amnistia, liberdades cívicas, salário normal, entrega progressiva da terra ao povo, convocação de uma Assembleia Constituinte eleita por sufrágio universal e igual. Termina com estas palavras:

“Senhor! Não recuses ajudar o Teu povo! Derruba a muralha que Te separa do Teu povo! Ordena que seja dada satisfação aos nossos pedidos, ordena-o publicamente e tornarás a Rússia feliz; se não, estamos prontos a morrer aqui mesmo. Só temos dois caminhos: a liberdade e a felicidade ou o túmulo.”

Causa uma impressão estranha ler hoje esta petição de operários incultos e iletrados, conduzidos por um padre patriarcal. Não podemos deixar de traçar um paralelo entre esta petição ingénua e as actuais resoluções de paz dos social-pacifistas; isto é, de pessoas que querem ser socialistas, mas que não passam de tagarelas burgueses. Os operários pouco conscientes da Rússia de antes da revolução não sabiam que o czar era o chefe da classe dominante, mais precisamente a dos grandes proprietários fundiários, já associados à grande burguesia por milhares de laços e prontos a defenderem pela violência, por todos os meios, o seu monopólio, os seus privilégios e os seus lucros. Nos nossos dias, os social-pacifistas que pretendem passar por gente “altamente cultivada” – sem ironia! – ignoram que é tão tonto esperar uma paz “democrática” dos governos burgueses que levam a cabo uma guerra imperialista de rapina, como o seria acreditar que petições pacíficas pudessem incitar o czar sangrento a conceder reformas democráticas.

No entanto, existe entre eles uma grande diferença: é que os social-pacifistas de hoje são em larga medida hipócritas que procuram, por via de sugestões discretas, desviar o povo da luta revolucionária; enquanto os operários incultos da Rússia de antes da revolução provaram pelos seus actos a rectidão de gente despertada pela primeira vez para a consciência política.

E é precisamente neste despertar de imensas massas populares para a consciência política e para a luta revolucionária que reside o alcance histórico do 22 de Janeiro de 1905.

“Na Rússia ainda não existe povo revolucionário”, escrevia, dois dias antes do “Domingo sangrento”, Piotr Struvé que era então o líder dos liberais russos e que publicava um órgão ilegal, livre, editado no estrangeiro. Tão absurda parecia a este chefe dos reformistas burgueses “altamente cultivado”, presunçoso e arqui-estúpido, a ideia de um país de camponeses iletrados poder gerar um povo revolucionário! Tão profundamente convictos estavam os reformistas de então – tal como os dos nossos dias – da impossibilidade de uma verdadeira revolução!

Antes do 22 de Janeiro (9 de Janeiro do antigo calendário) de 1905, o partido revolucionário da Rússia agrupava um punhado de gente; os reformistas de então (tal como os dos nossos dias) apelidavam-nos por desdém uma “seita”. Algumas centenas de organizadores revolucionários, alguns milhares de membros de organizações locais, uma meia dúzia de folhas revolucionárias distribuídas no máximo uma vez por mês, publicadas as mais das vezes no estrangeiros e introduzidas clandestinamente na Rússia ao preço de dificuldades incríveis e de grandes sacrifícios – eis o que eram, na véspera do 22 de Janeiro de 1905, os partidos revolucionários da Rússia, e acima de tudo a social-democracia revolucionária. Aparentemente, isto dava aos reformistas tacanhos e pretensiosos o direito de afirmar que não existia ainda povo revolucionário na Rússia.

Mas, em poucos meses, as coisas mudaram completamente. As centenas de social-democratas revolucionários passaram “subitamente” a milhares, e estes milhares tornaram-se chefes de dois a três milhões de proletários. A luta proletária suscitou uma grande efervescência, até mesmo em parte um movimento revolucionário, no fundo da massa de cinquenta a cem milhões de camponeses; o movimento camponês teve repercussão no exército e deu origem a revoltas militares, a choques armados entre as tropas. Assim um imenso país com 130 milhões de habitantes entrou na revolução; assim a Rússia adormecida se tornou a Rússia do proletariado revolucionário e do povo revolucionário.

É necessário estudar esta transformação, compreender o que a tornou possível, analisar, digamos, as suas modalidades e as suas vias.

A greve de massa foi o seu agente mais poderoso. A originalidade da revolução russa está em que foi democrático-burguesa pelo seu conteúdo social, mas proletária pelos seus meios de luta. Foi uma revolução democrática burguesa porque o fim a que aspirava no imediato e que podia alcançar no imediato, pelas suas próprias forças, era a república democrática, a jornada de oito horas, a confiscação das imensas propriedades fundiárias da alta nobreza, tudo medidas realizadas quase inteiramente pela revolução burguesa em França em 1792 e 1793.

Mas a revolução russa foi em simultâneo uma revolução proletária, não só porque o proletariado era então a força dirigente, a vanguarda do movimento, mas também porque o instrumento de luta específico do proletariado, a greve, constituiu a alavanca principal para pôr em movimento as massas e o facto mais característico da vaga crescente dos acontecimentos decisivos.

Na história mundial, a revolução russa é a primeira – mas decerto não a última – grande revolução onde a greve política de massas desempenhou um papel extremamente importante. Podemos mesmo afirmar que as peripécias de revolução russa e a sucessão das suas formas políticas só se compreendem se se estudar a sua base, segundo a estatística das greves.

Conheço bem a que ponto a aridez das estatísticas se presta pouco a uma conferência, a que ponto pode desencorajar os assistentes. Mas não posso deixar de citar alguns números redondos, que vos permitam uma apreciação sobre a verdadeira base objectiva de todo o movimento. O número médio anual de grevistas na Rússia, durante os dez anos que precederam a revolução, foi de 43 000. Houve portanto no total 430 000 grevistas durante os dez anos que antecederam a revolução. Em Janeiro de 1905, primeiro mês da revolução, contaram-se 440 000 grevistas. Ou seja, em apenas um mês, mais do que durante os dez anos anteriores!

Nenhum país capitalista do mundo, mesmo entre os mais avançados, como a Inglaterra, os Estados Unidos da América ou a Alemanha, conheceu um movimento grevista tão amplo

como o da Rússia em 1905. O número total de grevistas foi de 2 800 000, ou seja, o dobro do número total dos operários industriais! Isto não prova evidentemente que, nas cidades da Rússia, os operários industriais fossem mais cultos, mais fortes ou mais aptos para a luta que os seus irmãos da Europa Ocidental. O contrário é que é verdadeiro.

Mas isto mostra a grandeza que pode ter a energia adormecida no seio do proletariado. Indica que numa época revolucionária – e afirmo-o sem o mínimo exagero, de acordo com os dados mais precisos fornecidos pela história da Rússia – o proletariado pode desenvolver uma energia combativa cem vezes mais intensa que o normal, em períodos de acalmia. Daqui sobressai que, até 1905, a humanidade não sabia ainda a força enorme e grandiosa que o proletariado pode desenvolver, e desenvolverá, quando se trata de lutar por um objectivo verdadeiramente sublime, de uma forma verdadeiramente revolucionária!

A história da revolução russa indica-nos que foi precisamente a vanguarda, a elite dos operários assalariados, que combateu com mais tenacidade e abnegação. Quanto maiores as fábricas, tanto mais obstinadas eram as greves, mais vezes se repetiam no decurso de um mesmo ano. Quanto mais importante a cidade, mais considerável era o papel do proletariado na luta. As três grandes cidades onde os operários eram mais conscientes e mais numerosos, Petersburgo, Riga e Varsóvia, fornecem, em relação à totalidade dos operários, um número incomparavelmente mais elevado de grevistas que todas as outras cidades, para não referir os campos.

Os operários metalúrgicos representam na Rússia – provavelmente como nos outros países capitalistas – a vanguarda do proletariado. E aí observamos o seguinte facto instrutivo: em 1905, para 100 operários industriais, houve no conjunto da Rússia 160 grevistas. Mas, nesse mesmo ano, cada centena de metalúrgicos forneceu 320 grevistas! Calcula-se que, em 1905, cada operário industrial russo perdeu devido às greves uma média de 10 rublos – cerca de 26 francos à cotação de antes da guerra – o que de alguma maneira representa o seu contributo para a luta. Se tomarmos só os metalúrgicos, a soma é três vezes superior! Os melhores elementos da classe operária marchavam à cabeça, arrastando os indecisos, despertando os adormecidos e galvanizando os fracos.

O entrelaçamento das greves económicas com as greves políticas desempenhou um papel extremamente original durante a revolução. Não há dúvidas de que apenas a mais estreita ligação entre estas duas formas de greve poderia garantir uma grande força ao movimento. A massa dos explorados nunca poderia ter sido arrastada para o movimento revolucionário se não tivesse sob os olhos exemplos diários a mostrar-lhe como os operários assalariados de diversos ramos da indústria obrigavam os capitalistas a melhorar, imediatamente, na hora, a sua situação. Graças a esta luta, um espírito novo soprou por toda a massa do povo russo. Foi só então que a Rússia da servidão, tolhida no seu torpor, a Rússia patriarcal, pia e submissa, despiu a pele do homem velho, foi só então que o povo russo recebeu uma educação verdadeiramente democrática, verdadeiramente revolucionária.

Quando esses senhores da burguesia e os seus lisonjeadores obtusos, os reformistas socialistas, falam com tanta suficiência da “educação” das massas, entendem vulgarmente com isso qualquer coisa de primário, de pedante, que desmoraliza as massas e lhes inculca preconceitos burgueses.

A verdadeira educação das massas não pode nunca ser separada de uma luta política independente, e sobretudo da luta revolucionária das próprias massas. Só a acção educa a classe explorada, só ela lhe dá a medida das suas forças, alarga o seu horizonte, aumenta as suas capacidades, esclarece a sua inteligência e tempera a sua vontade. É por isso que os

próprios reaccionários tiveram de reconhecer que o ano de 1905, esse ano de combate, esse “ano louco”, enterrou definitivamente a Rússia patriarcal.

Examinemos mais de perto a relação entre os operários metalúrgicos e os operários têxteis na Rússia durante as greves de 1905. Os primeiros são os proletários mais bem remunerados, os mais conscientes e os mais cultos. Os segundos, cerca de três vezes mais numerosos na Rússia de 1905, constituem a massa mais atrasada, a mais mal paga, e que, com frequência, não cortou ainda definitivamente todos os seus laços com o campo. E aí constatamos este facto muito importante: Entre os metalúrgicos, as greves políticas suplantam as greves económicas durante todo o ano de 1905, ainda que no início este predomínio tenha sido muito menos marcado do que no fim do ano. Em contrapartida, entre os operários têxteis, observa-se no início de 1905 a preponderância considerável das greves económicas, e é apenas no fim do ano que as greves políticas acabam por prevalecer. Daqui decorre com toda a clareza que só a luta económica, só a luta pela melhoria imediata e directa da sua sorte pode sacudir as camadas mais atrasadas da massa explorada, educá-las verdadeiramente e, numa época revolucionária, torná-las em alguns meses num exército de combatentes políticos.

Decerto era indispensável para esse efeito que a vanguarda da classe operária não entendesse por luta de classes a luta pelos interesses de uma estreita camada superior, como os reformistas se esforçaram muitas vezes por inculcar nos operários, mas que o proletariado interviesse efectivamente enquanto vanguarda da maioria dos explorados e os trouxesse para o combate, como foi o caso na Rússia em 1905 e como será sem qualquer dúvida no decurso da próxima revolução proletária na Europa.

O início do ano de 1905 trouxe a primeira grande vaga de greves por todo o país. Desde a Primavera, assistimos na Rússia ao despertar do primeiro movimento camponês de vasta envergadura, movimento não apenas económico, mas também político. Para compreender toda a importância desta viragem marcante, é indispensável recordar que o campesinato russo só foi libertado da servidão, a mais dura que se imagina, em 1861, que os camponeses são na sua maioria iletrados e vivem numa miséria indescritível, oprimidos pelos grandes proprietários fundiários, embrutecidos pelos padres, isolados por distâncias consideráveis e pela quase completa falta de estradas.

A Rússia conheceu pela primeira vez um movimento revolucionário contra o czarismo em 1825, e esse movimento foi obra quase exclusiva da nobreza. Desde então e até 1881, ano em que Alexandre II foi abatido por terroristas, os intelectuais da classe média estiveram à cabeça do movimento. Deram provas do maior espírito de sacrifício e o seu heróico modo de luta terrorista espantou o mundo inteiro. Decerto não caíram em vão e o seu sacrifício contribuiu, directamente ou não, para a educação revolucionária posterior do povo russo. Mas não atingiram de modo nenhum, nem podiam atingir, o seu objectivo imediato: o despertar de uma revolução popular.

Só a luta revolucionária do proletariado o conseguiu. Só as greves de massas desencadeadas por todo o país, conjugadas com as cruéis lições da guerra imperialista russo-japonesa, arrancaram as massas camponesas à sua letargia. A palavra “grevista” adquiriu para os camponeses um significado completamente novo: designava uma espécie de rebelde, de revolucionário, aquilo que outrora se exprimia pela palavra “estudante”. Mas, na medida em que o “estudante” pertencia à classe média, aos “letrados”, aos “senhores”, era estranho ao povo. Pelo contrário, o “grevista” provinha do povo, contava-se entre os explorados; expulso de Petersburgo, voltava frequentemente à aldeia onde falava aos seus companheiros do incêndio que estava a deflagrar na cidade e que devia destruir tanto os capitalistas como os

nobres. Um novo tipo de homem surgiu nos campos russos: o jovem camponês consciente. Estava em contacto com os “grevistas”, lia jornais, contava aos camponeses o que se passava nas cidades, explicava aos companheiros da aldeia o alcance das reivindicações políticas, chamava-os para a luta contra a grande aristocracia fundiária, contra os padres e os funcionários.

Os camponeses juntavam-se em grupos para examinar a sua situação e envolviam-se pouco a pouco na luta: atacavam em multidão os grandes proprietários fundiários, incendiavam os seus palácios e domínios ou apoderavam-se das suas reservas, do trigo e outros víveres, matavam os polícias, exigiam que as terras imensas pertencentes aos nobres fossem entregues ao povo.

Na Primavera de 1905, o movimento camponês era apenas embrionário: estendia-se aproximadamente a um sétimo dos distritos, ou seja uma minoria. Mas a combinação da greve proletária de massas nas cidades com o movimento camponês foi suficiente para abalar o mais “firme” e o último apoio do czarismo. Refiro-me ao exército.

Estalam revoltas militares na marinha e no exército. Cada nova vaga de greves e de movimentos camponeses no curso da revolução é acompanhada de revoltas militares em toda a Rússia. A mais célebre destas revoltas é a do couraçado Príncipe Potemkine da frota do Mar Negro, que, caído nas mãos dos insurrectos, tomou parte na revolução em Odessa e, após a derrota da revolução e de tentativas infrutíferas de tomar outros portos (por exemplo Feodósia na Crimeia), se rendeu às autoridades romenas em Constanza.

Permitam-me que vos conte em pormenor um pequeno episódio desta rebelião da frota do Mar Negro para vos dar um quadro concreto dos acontecimentos no seu ponto culminante:

“Organizávamos reuniões de operários e de marinheiros revolucionários; tornaram-se cada vez mais frequentes. Como era proibido aos militares assistirem às reuniões dos operários, estes começaram a comparecer em massa nas dos militares. Juntavam-se aos milhares. A ideia de uma acção comum encontrou um enorme eco. As companhias mais conscientes elegeram delegados.

As autoridades militares decidiram então tomar medidas. Alguns oficiais tentaram pronunciar discursos “patrióticos” nas reuniões, mas os resultados foram desastrosos: experientes na discussão, os marinheiros obrigaram os seus superiores a uma fuga vergonhosa. Perante estes fracassos, decidiram uma interdição geral das reuniões. Na manhã de 24 de Novembro de 1905, uma companhia em estado de alerta foi colocada à porta da caserna. O contra-almirante Pissarevski ordenou publicamente: “Não deixar sair ninguém da caserna! Atirar em caso de desobediência!” O marinheiro Petrov saiu das fileiras da companhia que recebera esta ordem, carregou ostensivamente a sua espingarda, abateu com um tiro o segundo capitão Stein, do regimento de Bielostok, e com um segundo tiro feriu o contra-almirante Pissarevski. Um oficial ordenou: “Prendam-no!” Ninguém se mexeu. Petrov atirou a espingarda para o chão e gritou: “De que estão à espera? Prendam-me!” Foi preso. Vindos de todos os lados, os marinheiros exigiram imperativamente a sua liberdade e declararam constituir-se como caução do colega. A excitação estava no seu cúmulo.

– Petrov, perguntou um oficial, procurando uma saída para a situação, o teu tiro foi disparado por acaso, não foi?

– Como, por acaso! Saí da fileira, carreguei a arma e aponte, foi por acaso?

– Eles reclamam a tua liberdade...



E Petrov foi posto em liberdade. Mas os marinheiros não se ficaram por aí. Todos os oficiais de serviço foram presos, desarmados e conduzidos para os gabinetes... Os delegados dos marinheiros, cerca de quarenta, deliberaram toda a noite. Decidiram libertar os oficiais, mas proibiram-lhes a partir de então o acesso à caserna. . . “

Esta pequena cena ilustra da melhor maneira os acontecimentos tal qual se desenrolaram na maior parte das revoltas militares. A efervescência revolucionária do povo não podia deixar de ganhar também o exército. Facto característico: os elementos da marinha de guerra e do exército, recrutados sobretudo entre os operários da indústria e a quem era exigida uma sólida formação técnica, como os sapadores por exemplo, forneceram chefes ao movimento. Mas as grandes massas eram ainda demasiado ingénuas, demasiado pacíficas, demasiado plácidas, demasiado cristãs. Inflamavam-se facilmente; uma qualquer injustiça, a grosseria demasiado flagrante dos oficiais, uma má refeição, etc., podiam provocar uma revolta. Mas faltavam-lhes a perseverança e a clara consciência das tarefas: ainda não compreendiam que só a mais enérgica luta armada, só a vitória sobre todas as autoridades militares e civis, só o derrube do governo e a tomada do poder em todo o país, poderiam garantir o sucesso da revolução.

A grande massa dos marinheiros e dos soldados revoltava-se facilmente. Mas cometia também facilmente a cândida tolice de devolver à liberdade os oficiais presos; deixava-se acalmar por promessas e exortações das autoridades, que assim ganhavam um tempo precioso, recebiam reforços e esmagavam os motins, após o que o movimento era ferozmente reprimido e os seus chefes executados.

É particularmente interessante comparar os levantamentos militares da Rússia de 1905 e a insurreição militar dos dezembristas em 1825. Em 1825 o movimento político era quase exclusivamente dirigido por oficiais, mais precisamente por oficiais nobres, ganhos pelas ideias democráticas da Europa durante as guerras napoleónicas. A massa dos soldados, então ainda formada por servos, era passiva.

A história de 1905 oferece-nos um quadro inteiramente diferente. Os oficiais, com poucas excepções, professavam ideias liberais burguesas, reformistas, ou então abertamente contra-revolucionárias. Os operários e os camponeses fardados foram a alma das insurreições; o movimento tornou-se popular. Pela primeira vez na história da Rússia, abraçava a maioria dos explorados. O que lhe faltou foi, por um lado, a firmeza, a resolução das massas, demasiado sujeitas ao mal da confiança, e, por outro, uma organização dos operários social-democratas revolucionários fardados: estes não estavam em condições de assumir a direcção do movimento, de se pôr à cabeça do exército revolucionário e desencadear a ofensiva contra as autoridades governamentais.

Refira-se, de passagem, que estas duas falhas serão eliminadas – talvez mais lentamente do que aquilo que desejamos, mas com certeza – não só pela evolução geral do capitalismo, mas também pela guerra em curso. . .

De qualquer forma, a história da revolução russa, tal como a da Comuna de Paris de 1871, traz-nos um ensinamento indiscutível: o militarismo nunca e em caso algum pode ser vencido e abolido senão pela luta vitoriosa de uma parte do exército nacional contra a outra. Não basta condenar, maldizer, “repudiar” o militarismo, criticá-lo e mostrar a sua nocividade; é estúpido recusar pacificamente o serviço militar; o que é necessário fazer é manter alerta a consciência revolucionária do proletariado e não apenas de uma forma geral, mas preparando concretamente os melhores elementos do proletariado para tomarem a cabeça

do exército revolucionário no momento em que a efervescência no seio do povo tenha atingido o ponto culminante.

A experiência quotidiana de qualquer Estado capitalista traz-nos o mesmo ensinamento. Qualquer uma das “pequenas” crises que atravesse um desses Estados mostra-nos em miniatura os elementos e os embriões dos combates que inelutavelmente terão lugar em vasta escala numa grande crise: O que é, por exemplo, uma greve, senão uma pequena crise da sociedade capitalista? O ministro do Interior da Prússia, von Puttkamer, não tinha razão quando pronunciava a sua frase memorável: “Qualquer greve oculta a hidra da revolução”? O recurso à tropa quando das greves, em todos os países capitalistas, e até mesmo, se é possível usar este termo, nos mais pacíficos e nos mais “democráticos”, não nos ensina como se passarão as coisas em períodos de crise verdadeiramente graves?

Mas volto à história da revolução russa.

Tentei mostrar-vos de que maneira as greves agitaram todo o país e as camadas mais vastas, as mais atrasadas dos explorados, como se desencadeou o movimento camponês, como foi acompanhado de levantamentos militares.

O movimento atingiu o seu apogeu no curso do Outono de 1905. A 19 (6) de Agosto apareceu um manifesto do czar que anunciava a criação de uma assembleia representativa. A Duma, dita de Buliguine, devia ser fundada nos termos de uma lei eleitoral que só admitia um número irrisório de eleitores e atribuía a este “parlamento” original direitos unicamente deliberativos, consultivos, mas nenhum direito legislativo.

Os burgueses, os liberais, os oportunistas estavam prontos para agarrar com as duas mãos este “presente” do czar aterrado. Como todos os reformistas, os nossos reformistas de 1905 não podiam entender que existem situações históricas nas quais as reformas, e sobretudo as promessas de reformas, têm por único objectivo acalmar a efervescência do povo e obrigar a classe revolucionária a cessar ou pelo menos a enfraquecer a sua acção.

A social-democracia revolucionária da Rússia compreendeu muito bem o verdadeiro carácter desta outorga de uma Constituição fantasma em Agosto de 1905. E foi por isso que lançou, sem qualquer hesitação, as palavras de ordem: Abaixo a Duma consultiva! Boicote da Duma! Abaixo o governo czarista! Continuação da luta revolucionária para derrubar este governo! Não é o czar, mas um governo revolucionário provisório que deve convocar a primeira verdadeira assembleia representativa do povo na Rússia!

A história deu razão aos social-democratas revolucionários, porque a Duma de Buliguine não chegou a ser convocada. A tormenta revolucionária varreu-a antes mesmo da sua convocação e obrigou o czar a promulgar uma nova lei eleitoral aumentando sensivelmente o número de eleitores, e a reconhecer o carácter legislativo da Duma.

Em Outubro e Dezembro de 1905, a curva ascendente da revolução russa atingiu o seu ponto mais alto. Todas as fontes de energia revolucionária do povo jorraram mais impetuosamente que nunca. O número de grevistas, que se elevava em Janeiro de 1905, como referi, a 440 000, ultrapassou em Outubro de 1905 o meio milhão (num único mês, reparem!). Mas a este número, que só conta os operários industriais, deve juntar-se várias centenas de milhares de ferroviários, de empregados dos correios, etc.

A greve geral dos ferroviários parou o tráfego ferroviário em toda a Rússia e paralisou seriamente as forças do governo. As portas das universidades abriram-se e das salas de conferências, exclusivamente destinadas, em tempo de paz, à intoxicação dos jovens espíritos

com a sabedoria professoral para fazer deles lacaios dóceis da burguesia e do czarismo, passaram a servir então de salas de reuniões para milhares e milhares de operários, de artesãos e empregados, que aí discutiam aberta e livremente questões políticas.

A liberdade de imprensa foi conquistada com grande luta. A censura foi pura e simplesmente abolida. Já nenhum editor ousava submeter às autoridades o exemplar obrigatório previsto pela lei, e estas não ousavam reagir. Pela primeira vez na história da Rússia, jornais revolucionários foram publicados sem entraves em Petersburgo e noutras cidades. Só em Petersburgo eram editados três diários social-democratas com uma tiragem de 50 000 a 100 000 exemplares.

O proletariado estava à cabeça do movimento. Propunha-se arrancar a jornada de oito horas pela via revolucionária. Em Petersburgo, a palavra-de-ordem era então: “A jornada de oito horas e armas!” Tornou-se claro para um número sempre crescente de operários que a sorte da revolução não podia ser e não seria decidida senão através da luta armada.

Uma organização de massa com um carácter original foi formada no calor do combate: os célebres Sovietes de deputados operários, assembleias de delegados de todas as fábricas. Em várias cidades da Rússia, estes Sovietes de deputados operários assumiram cada vez mais o papel de um governo revolucionário provisório, o papel de órgãos e de guias dos levantamentos. Tentou-se criar Sovietes de deputados de soldados e de marinheiros, e associá-los aos Sovietes de deputados operários.

Algumas cidades da Rússia tornaram-se então minúsculas “repúblicas” locais onde a autoridade do governo foi varrida e onde os Sovietes de deputados operários funcionavam realmente como um novo poder de Estado. Infelizmente, estes períodos foram demasiado breves, as “vitórias” demasiado fracas e demasiado isoladas.

Durante o Outono de 1905 o movimento camponês tomou proporções ainda maiores. Mais de um terço dos distritos do país foram então teatro “de perturbações agrárias” e de verdadeiros levantamentos de camponeses que incendiaram cerca de 2000 propriedades e partilharam os bens arrancados ao povo pelos escroques da nobreza.

Infelizmente, esta acção foi muito superficial! Infelizmente, os camponeses só destruíram um quinze avos das propriedades, uma pequena fracção do que deveriam ter destruído para libertar definitivamente a terra russa dessa ignomínia que é a grande propriedade fundiária feudal. Infelizmente, os camponeses agiram numa ordem demasiado dispersa, não estavam suficientemente organizados nem eram suficientemente combativos, e foi esta uma das razões essenciais da derrota da revolução.

Um movimento de emancipação nacional sublevou os povos oprimidos da Rússia. Mais de metade, quase três quintos (exactamente 57 por cento) dos povos do país sofrem a opressão nacional, nem sequer têm o direito de falar livremente a sua língua materna, são russificados à força. Os muçulmanos, por exemplo, que são na Rússia dezenas de milhões, fundaram então com uma prontidão admirável uma liga muçulmana; em geral, foi uma época em que as mais diversas organizações se multiplicaram prodigiosamente.

Para dar particularmente aos jovens uma ideia da amplitude que tomou o movimento de emancipação nacional na Rússia de então, em ligação com o movimento operário, citarei este simples facto.

Em Dezembro de 1905, em centenas de escolas, os estudantes polacos queimaram todos os livros e quadros russos, tal como os retratos do czar; agrediram e expulsaram das escolas os professores russos e mesmo os seus colegas russos aos gritos de: “Vão-se embora, voltem

para a Rússia!” Os alunos das escolas secundárias da Polónia enunciaram, entre outras, as seguintes reivindicações: “1) todas as escolas secundárias devem estar subordinadas ao Soviète dos deputados operários; 2) serão convocadas reuniões de estudantes e operários nas escolas; 3) os estudantes dos liceus estarão autorizados a vestir camisas vermelhas, para marcar a sua adesão à futura república proletária”, etc.

Quanto mais amplas se tornavam as ondas do movimento, mais energicamente a reacção se armou para combater a revolução. A revolução russa de 1905 confirmou o que Karl Kautsky escreveu em 1902 no seu livro *A Revolução social* (Kautsky, diga-se de passagem, era ainda então um marxista revolucionário e não, como hoje, um defensor dos sociais-patriotas e dos oportunistas). Dizia: “A próxima revolução... assemelhar-se-á menos a um levantamento espontâneo contra o governo e mais a uma guerra civil de longa duração.”

E foi mesmo o que aconteceu! E assim será certamente na próxima revolução na Europa!

O ódio do czarismo voltou-se sobretudo contra os judeus. Por um lado, estes forneceram uma percentagem particularmente elevada (em relação ao número total da população judaica) de dirigentes do movimento revolucionário. Repare-se, a propósito, que também hoje o número de internacionalistas entre os judeus é relativamente mais elevado do que entre os outros povos. Por outro lado, o czarismo sabia muito bem explorar os preconceitos mais infames das camadas mais incultas da população contra os judeus para organizar, se não mesmo para dirigir ele próprio, pogromes (contaram-se então em 100 cidades mais de 4000 mortos e mais de 10 000 mutilados), esses monstruosos massacres de judeus pacíficos, das suas mulheres e crianças, essas abominações que tornaram o czarismo tão odioso aos olhos do mundo civilizado. Estou a referir-me naturalmente aos membros verdadeiramente democráticos do mundo civilizado, que são exclusivamente os operários socialistas, os proletários.

Mesmo nos países mais livres, mesmo nas repúblicas da Europa Ocidental, a burguesia sabe muito bem associar as suas frases hipócritas contra as “atrocidades russas” às negociações financeiras mais desavergonhadas, designadamente o apoio financeiro que concede ao czarismo e à exploração imperialista da Rússia pela exportação de capitais, etc.

A revolução de 1905 atingiu o seu ponto culminante aquando da insurreição de Dezembro em Moscovo. Um pequeno número de insurrectos, operários organizados e armados – não eram mais de oito mil – resistiu durante nove dias ao governo do czar. Este não se podia fiar na guarnição de Moscovo; pelo contrário, teve de mantê-la fechada, e foi só com a chegada do regimento Semionovski, chamado de Petersburgo, que pôde reprimir o levantamento.

A burguesia compraz-se em troçar da insurreição de Moscovo e em qualificá-la de artificial. Por exemplo, entre as publicações alemãs ditas “científicas”, existe uma obra volumosa sobre o desenvolvimento político da Rússia, escrita pelo professor Max Weber que qualificou a insurreição de Moscovo de “golpe”. “O grupo de Lenine – escreveu aquele “doutíssimo” professor – e uma parte dos socialistas-revolucionários tinham preparado desde há muito esse levantamento insensato.”

Para apreciar com o devido valor esta sabedoria professoral da burguesia cobarde, basta recordar sem comentários os números da estatística das greves. Em Janeiro de 1905, havia apenas 123 000 grevistas na Rússia lutando por reivindicações puramente políticas; em Outubro, contavam-se 330 000, e o máximo foi atingido em Dezembro, quando, no espaço de um mês, existiram 370 000 grevistas por motivos estritamente políticos!

Recordemos os progressos da revolução, os levantamentos dos camponeses e as revoltas militares e convencer-nos-emos de imediato de que o juízo sustentado pela “ciência” burguesa sobre a insurreição de Dezembro é não apenas inepto, mas é também um subterfugio por parte dos representantes da burguesia cobarde que encontra no proletariado o seu inimigo de classe mais perigoso.

Na realidade, todo o desenvolvimento da revolução russa conduzia inelutavelmente a uma luta armada, decisiva, entre o governo do czar e a vanguarda do proletariado consciente enquanto classe.

Já aponteí, nas considerações anteriores, em que consistiu a fraqueza da revolução russa, a fraqueza que ocasionou a sua derrota temporária.

Depois de sufocada a insurreição de Dezembro, a revolução seguiu uma curva descendente. Mas este período compreende, também, fases com o maior interesse; basta evocarmos as duas tentativas feitas pelos elementos mais combativos da classe operária para pôr fim ao recuo da revolução e preparar uma nova ofensiva.

Mas o tempo que me foi atribuído está quase esgotado e não quero abusar da paciência dos meus ouvintes. Penso que já aponteí – na medida em que um tema tão vasto possa ser exposto com brevidade – o essencial para a compreensão da revolução russa: o seu carácter de classe e as suas forças motoras, os seus meios de combate.

Limito-me a acrescentar algumas observações sumárias sobre o alcance mundial da revolução russa.

Do ponto de vista geográfico, económico e histórico, a Rússia pertence não só à Europa, mas também à Ásia. Por isso vemos que a revolução russa conseguiu não apenas retirar definitivamente do seu torpor o maior e mais atrasado país da Europa e criar um povo revolucionário conduzido por um proletariado revolucionário. Isto não foi tudo. A revolução russa também agitou toda a Ásia. As revoluções da Turquia, da Pérsia e da China mostram que a insurreição grandiosa de 1905 deixou marcas profundas e que é inapagável a sua influência, manifestada no movimento ascendente de centenas e centenas de milhões de pessoas.

Indirectamente, a revolução russa também exerceu a sua influência nos países do Ocidente. Não podemos esquecer que a 30 de Outubro de 1905, desde a chegada a Viena do telegrama anunciando o manifesto constitucional do czar, a notícia teve um papel decisivo na vitória do sufrágio universal na Áustria.

No congresso da social-democracia austríaca, quando o camarada Ellenbogen – à data não era ainda um social-patriota, ainda era um camarada – apresentava o seu relatório sobre a greve política, colocaram aquele telegrama à sua frente. Os debates foram imediatamente

interrompidos. “O nosso lugar é na rua !” exclamaram os delegados. E nos dias seguintes viram-se gigantescas manifestações de rua em Viena, barricadas em Praga. A vitória do sufrágio universal na Áustria estava definitivamente conquistada.

Encontramos frequentemente ocidentais que falam da revolução russa como se os acontecimentos, as relações e os meios de luta daquele país atrasado fossem muito pouco comparáveis com os da Europa Ocidental e não pudessem, portanto, ter qualquer alcance prático.

Nada de mais errado do que esta opinião.

Decerto, as formas e os objectivos das próximas lutas da revolução europeia do futuro serão diferentes sob vários aspectos das formas da revolução russa. Mas a revolução russa não deixa de ser – devido precisamente ao seu carácter proletário, com o sentido particular que já indiquei – o prelúdio da revolução europeia iminente. Não restam dúvidas que esta terá que ser uma revolução proletária, e num sentido ainda mais profundo da palavra: uma revolução proletária e também socialista no seu conteúdo. Esta revolução que se aproxima mostrará com ainda maior amplitude, por um lado, que só os combates aguerridos, nomeadamente, as guerras civis, podem libertar a humanidade do jugo do capital e, por outro, que só os proletários com uma consciência de classe desenvolvida podem intervir e intervirão na qualidade de chefes da imensa maioria de explorados.

O silêncio de morte que reina actualmente na Europa não pode iludir-nos. A Europa está prenhe de uma revolução. As atrocidades monstruosas da guerra imperialista, os tormentos da carestia da vida geram por todo o lado um estado de espírito revolucionário, e as classes dominantes, a burguesia assim como os seus lacaios, os governos, estão cada vez mais empurrados para um impasse, do qual não podem escapar sem muito graves perturbações.

Tal como em 1905 o povo da Rússia, conduzido pelo proletariado, se sublevou contra o governo do czar para conquistar uma república democrática, veremos nos próximos anos, na sequência desta guerra de pilhagem, os povos da Europa sublevarem-se, sob condução do proletariado, contra o poder do capital financeiro, contra os grandes bancos, contra os capitalistas; e esta desordem só poderá terminar com a expropriação da burguesia e a vitória do socialismo.

Nós, os mais velhos, não veremos talvez as lutas decisivas da revolução iminente. Mas creio poder transmitir com grande segurança a esperança de que os jovens, que militam tão admiravelmente no movimento socialista da Suíça e do mundo inteiro, terão a felicidade não só de combater na revolução proletária de amanhã, mas também de a levar ao triunfo.

# O programa da Internacional e dos partidos comunistas

## 4º Congresso da III Internacional

(1922)

Sessão 14 – Sábado, 18 de Novembro, 1922

*Informantes:* Bukharin, Thalheimer

*Reunido:* 11:45 a.m.

*Mesa:* Kolarov

**Mesa:** O próximo ponto da agenda é ‘Programa da Internacional e dos Partidos Comunistas’. Dou a palavra ao primeiro informante, camarada Bukharin.

**Bukharin:** Como todos vocês sabem não vamos adotar nenhum programa definitivo neste congresso porque muitos partidos ainda não tomaram posição sobre esta questão. Inclusive o partido russo não discutiu ainda o borrador que vou apresentar a vocês. Por esse motivo, a maioria das delegações acham que é mais conveniente não adotar o programa definitivo neste congresso, mas só discutir o programa e adotá-lo no próximo congresso.<sup>13</sup> No entanto, o fato de que nos atrevemos a propor um tema tão pesado como o programa na agenda de discussão num congresso mundial é um sinal de nosso rápido crescimento.

**Clara Zetkin:** Corretíssimo!

**Bukharin:** A primeira de muitas questões às quais vou me referir é sobre às questões teóricas básicas referentes ao programa na Segunda Internacional pré-guerra. Vou apresentar a tese de que o colapso da Segunda Internacional durante a Guerra tem raízes teóricas muito profundas em suas bases teóricas da pré-guerra. Falando em termos gerais, podemos identificar três fases principais no marxismo, sua ideologia e sua estrutura ideológica. O primeiro foi o marxismo de Marx e Engels. Depois veio a segunda fase, o marxismo da Segunda Internacional, dos epígonos. E agora temos o marxismo da terceira fase, bolchevique ou marxismo comunista, o qual num grau significativo, volta ao marxismo original de Marx e Engels. Este marxismo original foi filho da revolução de 1848 e isto lhe deu um espírito altamente revolucionário, como resultado de seu nascimento num momento em que toda Europa estava ressoando e o proletariado subiu ao palco da história mundial.

Depois, entramos num novo período no qual houve um giro ideológico. Esta evolução histórica em sua totalidade nos mostra uma vez mais o que se encontra em quase todas as ideologias. Uma ideologia nascida sob certas condições, toma nova cara e forma quando estas condições mudam. Assim foi com o marxismo. Após a época revolucionária na Europa em meados do século passado, tivemos um período completamente diferente no desenvolvimento do sistema capitalista, marcado pela enorme expansão dos territórios capitalistas. O crescimento estava essencialmente baseado na política colonial da burguesia e o florescimento industrial do continente europeu estava enraizado na exploração dos povos coloniais.

---

13 No 5º Congresso da Comintern em 1924, Bukharin apresentou um novo borrador de programa, o qual foi aceito como a base para futura discussão. O programa foi aprovado no sexto congresso, em 1928, quando a direção da Comintern estava profundamente dividida. Para o programa de 1928, ver [www.marxists.org/history/international/comintern/6th-congress/index.htm](http://www.marxists.org/history/international/comintern/6th-congress/index.htm). Para a crítica de Leon Trotsky que refletia o ponto de vista da Oposição de Esquerda, ver Trotsky, 1936.

Este florescimento, esta prosperidade da indústria continental, levou a várias mudanças sociais entre os povos europeus. Fortaleceu-se a posição econômica da classe operária. Mas, durante o mesmo período, o desenvolvimento capitalista criou uma ampla comunidade de interesses entre a burguesia e a classe operária continental. Este fato, esta comunidade de interesses entre a burguesia e o proletariado no continente europeu deu as bases para uma mudança psicológica e ideológica altamente significativa dentro da classe operária e, conseqüentemente, entre os partidos socialistas.

Posteriormente veio a segunda fase no desenvolvimento do marxismo, principalmente a do marxismo social-democrata, frequentemente chamado marxismo dos epígonos marxistas. A batalha entre a chamada corrente ortodoxa e a corrente reformista, a famosa disputa entre o que se chamou social-democracia ortodoxa e revisionista, personificada por Kautsky por um lado e Eduard Bernstein por outro, é considerada uma vitória aparente do marxismo ortodoxo. Porém, quando examinamos retrospectivamente a história completa, vemos a total capitulação do 'ortodoxo' frente ao marxismo revisionista.

Eu diria que nesta polêmica, nesta disputa que surgiu muito antes da Guerra Mundial, o chamado marxismo ortodoxo, de Karl Kautsky, capitulou ao revisionismo nas questões teóricas mais importantes. Não vimos isso antes. Mas agora vemos muito nitidamente e também entendemos muito bem o porquê disso.<sup>14</sup>

Tomemos, por exemplo, a teoria de pauperização. Como vocês sabem, o marxismo de Kautsky deu uma expressão bem mais suave a este conceito do que havia dado Marx. [Anteriormente] se dizia que na fase do desenvolvimento capitalista, a posição da classe operária piorava relativamente. [Atualmente] se diz que a lei inerente ao desenvolvimento capitalista consiste no fato de que as condições da classe operária melhoram, mas pioram em comparação com as da burguesia. Era dessa forma que Kautsky justificava esta suposta tese do marxismo frente aos ataques de Bernstein.

Acredito que a afirmação de Kautsky é correta e sua posição teórica estava baseada nas condições empíricas atuais da classe operária europeia e norte-americana. No entanto, na teoria marxista, Marx analisou a sociedade capitalista em abstrato e sustentava que a lei inerente do desenvolvimento capitalista leva à deterioração da posição da classe operária. E, o que fez o marxismo de Kautsky? Entendeu 'classe operária' exclusivamente como classe operária continental. A posição destas camadas do proletariado cresceu mais e mais, mas o marxismo de Kautsky passou batido pelo fato de que essa melhoria foi conseguida às custas da destruição e da pilhagem dos povos coloniais. Marx considerava a sociedade capitalista como um todo. Se queremos ser mais precisos que Marx, não devemos considerar só a esfera norte-americana e europeia, mas a economia mundial como um todo. Assim obteríamos um quadro teórico completamente diferente de Kautsky e seus amigos. Portanto, a tese de Kautsky era falsa. Era uma capitulação ao ataque do revisionismo.

Tomemos outra questão, a teoria do colapso e a rebelião do proletariado. A teoria da catástrofe, do colapso, foi também muito debilitada por Kautsky em sua polêmica com os

---

14 Os comentários de Bukarin sobre Kautsky variam em tom e conteúdo dos que fez Lenin durante esse período. Por exemplo, Lenin dedicou quase todos seus comentários na comemoração de seu aniversário de 50 em 23 de abril de 1920 a uma citação escrita por Kautsky, introduzida como segue, 'Este escritor é Karl Kautsky, com quem atualmente rompemos e com quem lutamos de forma aguda, mas antes era um dos vózhdi [dirigentes] do partido proletário na luta contra o oportunismo alemão, e com quem várias vezes colaboramos. Naquele tempo não tinham bolcheviques, mas todos os futuros bolcheviques que colaboraram com ele o valorizavam muito.'; compare Lenin 1958, 40, pp. 325-6; Lenin 1960-71, 30, p.526. Lenin escreveu em uma linha similar em *Comunismo de esquerda*; ver Lenin 1960-71, 31, pp.22-3. Para uma análise mais completa dos escritos pré-1914 de Kautsky de 1917, ver Lenin 1960-71, 25, pg. 481-95. Sobre este tema ver também Lih 2006.



revisionistas. Sobre a revolução, que resulta do colapso, na maioria dos textos revolucionários de Kautsky como *Weg zur Macht* [Caminho ao poder] vemos, inclusive, muitas passagens risíveis – orientadas pelo oportunismo ao ponto do absurdo. Por exemplo, tomemos várias declarações em *Soziale Revolution* sobre a greve geral onde Kautsky diz que se formos capazes de fazer a revolução não precisaremos de uma greve geral e se não – igual não a precisaremos. Que quer dizer isso? Isso é puro oportunismo, o qual não tínhamos notado o suficiente antes, mas hoje vemos nitidamente.

Tomemos a terceira questão, a *teoria do estado*. Devo falar mais extensamente sobre isto. No início da Guerra, nós também sustentamos que o Kautskismo tinha abandonado repentinamente sua própria teoria. Isso é o que pensávamos e é o que escrevemos. Mas não é verdade. Hoje podemos dizer com segurança que nossas afirmações estavam equivocadas. Pelo contrário, a chamada traição dos social-democratas e kautskistas estava baseada na teoria que já tinham desenvolvido antes da Guerra. Que diziam sobre o estado e a tomada do poder político pelo proletariado? Apresentavam as coisas como se fosse um objeto que poderia passar das mãos de uma classe para as mãos da outra. Essa era a concepção de Kautsky.

Tomemos o exemplo da guerra imperialista. Se vemos o estado como um instrumento unificado, que o tem um agente e depois, em outra época, outro agente – isto é, como algo quase neutro – é completamente compreensível que quando estoura a guerra, o proletariado que tem a perspectiva de tomar esse estado, deve protegê-lo. Durante a Guerra Mundial, a defesa do estado foi posta à frente de tudo. Isto foi pensado consistentemente e, que Kautsky propusesse e aprovasse a defesa nacional era só a dedução lógica dessa teoria.

O mesmo se pode dizer sobre a ditadura do proletariado. Inclusive em seu debate com os revisionistas, Kautsky nunca desenvolveu este conceito. Apenas dirigiu uma palavra durante a polêmica sobre isso, o problema dos problemas. Ele disse toscamente, esta questão será resolvida por futuras gerações. Assim é como ele apresentava este tema.

Camaradas, vamos estudar todas estas linhas de raciocínio e tentar descobrir seu equivalente sociológico. Só podemos concluir que a suposta ideologia marxista que temos aqui está baseada na posição aristocrática das camadas de operários do continente cujas condições melhoraram às custas da pilhagem dos operários das colônias. Esta tese sobre as raízes sociais do kautskismo foi admitida pelos teóricos da Segunda Internacional. Estas pessoas tornaram-se tão insolentes que agora acham que podem prescindir de suas máscaras. Em seu livro sobre o programa, Kautsky refere-se diretamente a este diagnóstico e não vê razão para desmerecê-lo:

O proletariado não é inerentemente homogêneo. Já notamos que está dividido em duas camadas. Uma camada, favorecida por condições econômicas ou legislação especial, que constrói organizações fortes e é capaz de proteger seus interesses efetivamente. Este é o setor crescente do proletariado, sua ‘aristocracia’, que consegue efetivamente resistir a tendência do capitalismo de pressionar para baixo. Isto vai tão longe que sua luta contra o capitalismo não é diretamente contra a pobreza, mas para conquistar o poder.

Então, a luta contra a pobreza é contraposta à luta pelo poder. Certamente isto é uma preciosa formulação ‘marxista’! E ele continua:

Junto com estes destacamentos bem disciplinados, educados e prontos para a batalha (ele está se referindo àqueles prontos para lambar as botas do general) há um grande exército de todos aqueles submetidos a condições desfavoráveis (como podem ver, ele não consegue negar sua existência) que não conseguem ainda se organizar e contrarrestar a tendência do

capitalismo de levá-los para baixo. Mantêm-se na pobreza, frequentemente afundando-se mais e mais no lodo.

Então, Kautsky tenta identificar as diferenças táticas entre ele e nós – a Internacional Comunista, que está baseada não na aristocracia operária, mas nas camadas mais oprimidas. Ele apresenta a seguinte análise do curso tático:

Graças a sua ignorância e inexperiência, esta camada rapidamente torna-se presa de todos os demagogos (isto é, os comunistas!). Intencionalmente ou sem pensá-lo (esta é sua análise sociológica) eles induzem esta camada a engolir promessas vazias. Levam-nos à luta contra as forças educadas e já há muito tempo organizadas, que estão acostumadas a seguir um caminho seguro e assumir à cada momento só as tarefas para as quais têm suficientes habilidades e força.

E assim continua.

Há uma novela de Jack London chamada “O tacão de ferro”. London pode não ter sido um muito bom marxista, mas ele compreendeu muito bem o problema do movimento operário moderno. Ele entendeu muito bem que a burguesia tentou e conseguiu dividir a classe operária em dois setores. Corrompe um destes setores, os educados, os operários qualificados e depois usa esta aristocracia operária para esmagar qualquer rebelião da classe operária. Mas o que Jack London retrata muito bem desde a perspectiva dos trabalhadores, os teóricos da Segunda Internacional não entendem. Eles utilizam esta tragédia da classe operária, sua divisão interna, para apoiar a sociedade burguesa. Esta é a função da social-democracia. Agora, após muitos anos de guerra e revolução, vemos que tão descaradas são estas pessoas ao retratar este lixo e dar-lhe justificativa teórica. As bases sociológicas do marxismo de Kautsky não podem ser mais nítidas. Se agora examinamos as questões das quais tenho falado e como elas se expressam nas teorias da Segunda Internacional, vamos ter uma imagem ainda mais nítida.

Revedo os escritos recentes de Kautsky, em particular seu livro mais recente, não encontramos uma só palavra sobre a teoria de pauperização. Isto é incrível. Em um momento no qual esta tendência do capitalismo se expressa frente a nossos olhos muito nitidamente, quando tudo está tão intensificado, quando todas as máscaras caíram, Kautsky não tem uma palavra a dizer sobre a questão mais importante. Mas se revisamos o livro de Kautsky e alguns outros trabalhos, vamos descobrir a chave para entender este silêncio.

Há um livro na Alemanha escrito para jovens por um tal Abraham. Este livro é amplamente difundido entre os jovens e entendo que foi traduzido a vários idiomas. Este Sr. Abraham propõe insolente e cinicamente a tese, ‘o revisionismo resgatou o marxismo’. Não precisamos de nenhuma teoria marxista porque o revisionismo de Bernstein resgatou ‘os elementos válidos do marxismo’ para a classe operária. Esta é sua principal tese.

Girando sua atenção à análise da classe operária, este cavalheiro tenta dizer algo sobre nossos princípios comunistas, levantando duas afirmações. Primeiro, ele diz que antes, a situação era diferente e as condições melhoravam continuamente. (Ele não presta atenção aos povos coloniais e os coolies<sup>15\*</sup>). Segundo, e isso é o mais impressionante, ele diz que a situação presente, com os tipos de mudança em caos, empobrece de fato algumas camadas, mas não pode ser analisada como resultado de nenhuma lei de movimento inerente. Então não estamos em uma posição para analisar isso de conjunto.

---

15 Coolies: trabalhadores braçais oriundos da Ásia, especialmente da China e da Índia, durante o século XIX e início do século XX.

Se tomamos isto como uma afirmação séria, só podemos dizer que estão nos dando uma explicação mística, cheia de mágica e esterco. (risos) O ponto tático aqui é que estas pessoas querem atrasar a classe operária com esta estúpida afirmação de que a situação é totalmente inexplicável e tão complicada que não podemos entender nada dela. A razão pela qual eles não podem entendê-la é que estamos num período onde a teoria do colapso capitalista está se transformando numa realidade diante de nossos olhos.

São incapazes de analisar a revolução e tirar conclusões práticas e revolucionárias dela. Evadem a pergunta, dizendo que neste período, nada se ajusta às leis de movimento.

Tomemos por exemplo, a teoria das crises. O que tem a dizer Kautsky sobre isto é que ao examinar o desenvolvimento do sistema capitalista, devemos francamente reconhecer que a teoria das crises deve assumir 'uma dimensão mais modesta'. Que quer dizer isto? Significa que na perspectiva de Kautsky, o mundo capitalista ficou mais harmonioso. Esta afirmação é, evidentemente, uma verdadeira encarnação da estupidez. O oposto é verdadeiro. Agora podemos dizer que a teoria das crises foi comprovada como completamente correta. Inclusive podemos dizer agora que a Guerra era uma crise econômica numa forma muito específica, que agora devemos analisar teoricamente. E estas pessoas agora julgam a revolução, a revolução proletária em carne e osso, dizendo que não é uma verdadeira revolução e que pretendem esperar até que a 'verdadeira' chegue.

Há acadêmicos burgueses que negam a existência de saltos na natureza e ciência apesar de isso ser um fato empírico. Portanto, Kautsky diz que a revolução que se deu na Rússia não é proletária genuína ou uma revolução verdadeira. O colapso sucedeu e está a nosso redor, a maior crise na história do mundo, mas Kautsky não vê a crise e diz que nossa análise teórica da teoria da crise deveria ter um alcance mais modesto. Isto é pura idiotice de oportunistas enlouquecidos, que perderam o contato com a realidade por completo. Sentam-se em seus escritórios, com seus traseiros superdesenvolvidos (risos) mas com os cérebros completamente atrofiados.

Um destes cavalheiros diz que o capitalismo saiu fortalecido da Guerra. Como podem ver, eles têm um sentido de 'proporção teórica'. Em geral, quase todos os liberais, pacifistas, predicadores e economistas burgueses reconhecem em diferentes medidas a debilidade econômica do mundo capitalista. Ninguém nega isso. Então, chega o social-democrata, um suposto 'marxista' e diz que o capitalismo se fortaleceu após a Guerra. Isso soa quase como um chamado a uma nova guerra. Se o capitalismo sempre é mais forte após uma guerra, por que não tentamos forjar outra? Esta perspectiva absurda avançou seriamente pelos teóricos da Segunda Internacional.

Considerem a teoria do estado. Cada teórico da Segunda Internacional agora converte isto numa justificativa aberta da república burguesa. Nada mais, nenhuma tentativa de compreender, sem nenhum pensamento – só uma justificativa aberta da república burguesa. Pode-se falar a estas pessoas mil vezes, mas elas são surdas e tontas. Só sabem uma coisa – sua justificativa da república burguesa. Não há distinção alguma aqui entre acadêmicos burgueses, liberais e social-democratas. Tomemos, por exemplo, os escritos teóricos de Cunow. Vamos encontrar que alguns dos professores burgueses, como Franz Oppenheimer por exemplo, ou outros desta corrente, ou acadêmicos da Escola Gumplowicz, são bem mais próximos ao Marxismo que Cunow. Em seu livro, Cunow diz que o estado se transformou numa agência de bem-estar social geral por assim dizer, um bom pai que cuida de todos seus filhos, independentemente se são parte da classe operária ou da burguesia. Essa é a história dele. Devo

dizer que esta teoria já tinha sido desenvolvida há muito tempo pelo rei babilônico Hamurabi. Esse é o nível teórico dos representantes e acadêmicos da Segunda Internacional.

Mas há traições teóricas que são mais impressionantes e desavergonhadas. Considerem a perspectiva de Kautsky sobre revolução proletária e o governo de coalizão. Escrever algo assim significa realmente abandonar o último átomo de qualquer consciência teórica. Por exemplo, tomemos a teoria de Kautsky da revolução. Sabem qual é sua última descoberta? Ele diz o seguinte: primeiro, a revolução burguesa usou a força. Segundo, a revolução proletária, precisamente porque é proletária, deve necessariamente evitar o uso da força. Ou, como dizem outros destes cavalheiros, o uso da força sempre é reacionário.

Sabemos que Engels escreveu sobre revolução em seu artigo italiano ‘Dell autorità’ (‘Sobre a autoridade’). Ele escreveu que a revolução é o ato mais autoritário do mundo. A revolução é um evento histórico no qual parte da população impõe sua vontade sobre outra parte da população usando baionetas, canhões e rifles. Esta era a perspectiva do marxismo revolucionário. Depois vem o pobre Kautsky nos dizer que as baionetas, canhões e outros instrumentos de violência são meios puramente burgueses. O proletariado não os inventou, mas a burguesia. As barricadas são instituições puramente burguesas. (Risos) Com este método pode ser provado qualquer coisa. Suponhamos que Kautsky não dissesse que antes da revolução burguesa, a burguesia utilizava pensamentos, e que pensar é um método puramente burguês.

Então, teríamos que concluir por analogia que não devemos nos pôr a pensar. (Risos) Seria completamente absurdo tomar seriamente este método.

Assim chegamos a questão da coalizão. Esta é a culminação de todas as descobertas teóricas de Kautsky. Kautsky diz falar em nome do marxismo ortodoxo. Marx dizia que o coração de sua doutrina estava relacionado com a ditadura do proletariado. Há uma passagem de Marx onde ele diz, “outros antes de mim entenderam algo sobre a luta de classes, mas meu ensinamento consiste no fato de que o desenvolvimento capitalista leva necessariamente à ditadura do proletariado”. Assim é como Marx entendia sua própria doutrina. Esta é a característica distintiva específica da doutrina marxista. E depois, Kautsky sai com o seguinte,

Em seu célebre artigo criticando o programa social-democrata, Marx escreve, ‘Entre capitalismo e a sociedade comunista há o período de transformação revolucionária de uma na outra. Correspondendo a isto, há um período de transição política no qual o estado só pode ser a ditadura revolucionária do proletariado.’<sup>16</sup>

Isso é o que disse Marx. E Kautsky? Cito suas palavras exatas:

Esta frase pode ser modificada agora à luz das experiências (notem com quanta elegância se expressa) dos últimos anos sobre a questão do governo. Podemos dizer: Entre o período dos estados democráticos com governos puramente burgueses ou puramente proletários há um período de transformação de um em outro. Correspondendo com isto também há um período de transformação onde o governo normalmente vai tomar a forma de um governo de coalizão. (Risos).

O que temos aqui de fato não é mais uma etapa de transição do marxismo ao revisionismo; isto é pior que revisionismo puro. Há diferentes traições aqui porque em Marx também há um período de transição ao comunismo e o comunismo desaparece por completo aqui.

---

<sup>16</sup> “Crítica do programa de Gotha”, em Marx e Engels 1975-2004, 24, p. 95.

Onde está isso em Kautsky? Aqui não há comunismo. Há um período de transição de um governo puramente capitalista a um governo puramente proletário democrático. Onde entra o comunismo aqui? Em nenhum lado. Sobre o significado da substituição da coalizão pela ditadura [do proletariado], vocês podem julgar por vocês mesmos. Por isto é que não é surpreendente que alguns teóricos burgueses concluam razoavelmente que não há mais rastros de marxismo entre os teóricos da Segunda Internacional. Por exemplo, um professor na Alemanha que é muito inteligente, mas também muito cínico e insolente, Hans Delbrück, depois de ler vários escritos da Segunda Internacional, escreveu um número de *Preussischen Jahrbücher*, cito de passagem:

A distinção entre nós, que socialmente somos burgueses conscientes e eles (se referindo a Kautsky e companhia) é só de grau. Uns quantos passos mais no caminho que escolheram, meus amigos, e a neblina comunista vai desaparecer.

Esta é uma citação muito boa. Um professor burguês de tempos imperialistas diz a um suposto teórico do marxismo, 'internacionalista' e social-democrata 'revolucionário' que não há diferença entre eles, os professores imperialistas conscientemente burgueses e Kautsky e seus camaradas. Esta citação é útil para esclarecer a situação.

Como vemos, táticas e estratégia também existem na teoria e são coerentes com as táticas e estratégias reais da política. Houve várias mudanças no tabuleiro entre as classes, partidos, grupos e subgrupos. A mudança maior foi a divisão do proletariado como resultado da traição política dos partidos social-democratas e os dirigentes sindicais e a aliança que as organizações destas camadas de operários formaram com a burguesia. Junto com este processo há outro: a formação de uma aliança teórica dos anteriormente chamados marxistas com a aprendizagem burguesa. Esta situação surgiu na teoria da Segunda Internacional. Bem como, politicamente, só a Internacional Comunista defende agora um ponto de vista genuinamente revolucionário, igualmente, nas condições atuais, só a Internacional Comunista defende o marxismo num plano teórico.

Permitam-me avançar à outra questão. Depois de lidar com os teóricos da Segunda Internacional, queria dizer umas palavras sobre a nova análise do período atual. Vou tratar sobre alguns pontos aos quais não se tem dado suficiente atenção. Em primeiro lugar, deixem-me perguntar: qual é o ponto de vista mais apropriado para examinar o desenvolvimento capitalista como um todo? Ao examinar o desenvolvimento capitalista como um todo, deve haver algum tipo de eixo teórico. Qual é o eixo correto para escolher?

Evidentemente, há vários eixos que se pode escolher. Podemos nos concentrar no eixo da classe operária como o fator decisivo, ou na concentração de capital, ou podemos moldar nosso programa sobre os elementos que erguerão a nova sociedade, ou considerar como decisivos quaisquer outros elementos do desenvolvimento capitalista. Mas em minha opinião, o desenvolvimento capitalista como um todo deve ser examinado em termos de reprodução expandida das contradições capitalistas. Desde este ângulo devemos ascender a todos os aspectos do desenvolvimento capitalista.

Estamos num período no qual o capitalismo já está se desmoronando. Em algum grau, já vemos em retrospectiva o desenvolvimento capitalista. Mas isto não nos prescinde de examinar todos os desenvolvimentos da época capitalista, inclusive as previsões que devemos tentar fazer desde a perspectiva desta reprodução de contradições capitalistas contínua e permanente.

A Guerra é a expressão de contradições inerentes a concorrência capitalista. Precisamos ver a Guerra simplesmente como a reprodução expandida da estrutura anárquica da sociedade

capitalista. Dado que esta reprodução de contradições torna a sociedade capitalista inviável, podemos tomar isto como a base para examinar todo o resto – os setores dentro da classe operária, a estrutura social da sociedade, as condições da classe operária, a estrutura social.

A segunda questão, em minha perspectiva, é o imperialismo. Não vou entrar na análise completa da época imperialista porque, entre nós, o tratamento teórico desta questão é bem compreendido. Só vou enfatizar um ponto que considero importante, o seguinte: como podemos explicar as formas específicas de financiamento da política capitalista de violência? Qual é a base final desta violência? Tem sido explicada de muitas formas – como resultado do caráter monopólico do capitalismo e de outros fatores. Isto é muito certo, mas em minha opinião, em resposta a esta questão, devemos dar um peso considerável ao seguinte fator. No passado, quando a economia política, incluindo o marxismo, falou de concorrência, na realidade estava examinando só uma forma de concorrência, a forma específica que toma na época do chamado capitalismo industrial.

Esta era uma época de luta entre industriais individuais, competindo uns com outros baixando os preços. Quando Marx escreve de concorrência, quase sempre é deste tipo. Mas na época imperialista do capitalismo, esta não é a única forma de concorrência que se sobressai. Também vemos formas de luta competitiva onde a concorrência de preços é bastante irrelevante. Por exemplo, se o truste de carvão está brigando contra o truste de ferro pela mais-valia, evidentemente estes trustes não podem competir numa concorrência de preços. Isto seria absurdo. Estas formações só podem lutar por meio de uma ou outra expressão de força como boicote, exclusão e coisas pelo estilo. Os principais agrupamentos dentro da burguesia agora se parecem com os trustes que eram abarcados no marco do estado. E, na realidade, estas formações são só empresas combinadas.

Evidentemente é compreensível que numa empresa deste tipo, a combinação de grupos que competem, localiza o centro de gravidade de seus métodos de luta no uso da força. A divisão internacional do trabalho, a existência de países agrários e industrializados, as diversas combinações de setores de produção dentro destes estados, todos ditam o fato de que estes estados são incapazes de aplicar alguma outra política. A concorrência de preços é quase impossível. Novas formas de concorrência surgem, o que leva à intervenção militar por estes estados.

Vou avançar ao terceiro ponto que merece menção especial no programa, enfatizando o papel do estado em geral e em particular no seu papel no momento presente. Devemos dizer francamente que a questão do estado não foi manejada adequadamente na teoria marxista, ou sequer pelos marxistas ortodoxos. Todos sabemos que os epígonos levantaram esta questão e depois resolveram de forma traidora. Mas devemos perguntar, quem dos marxistas revolucionários examinou esta questão com sucesso? Que nos diz isto? Quer dizer que a teoria marxista surgiu num período que era fortemente influenciado pelo pensamento de Manchester. A livre concorrência tinha o poder supremo. Este fato está baseado nas características particulares e específicas desta época. Mas não podemos nos satisfazer com isto. O papel do estado é muito importante agora, seja considerado desde a perspectiva da burguesia ou do proletariado. Em primeiro lugar, em um tema de destruir a organização e em segundo, de construir algo novo e usar nosso poder de estado como alavanca para alterar as relações econômicas. Todas estas considerações nos forçam a dar bem mais ênfases à questão do estado em nosso programa que antes.

E mais, acredito que o programa deveria abordar o monopólio da educação exercido pela classe dirigente. Antes, isto quase nunca era feito na discussão de questões programáticas. Mas agora, quando o proletariado está buscando ganhar poder e reorganizar a sociedade, tais

questões como o treinamento de nossos empregados e administradores, e o conhecimento de nossa direção antes e após a conquista do poder tem um papel crucial. Todas estas questões são imensamente importantes, bem mais que no passado, porque naquele tempo elas não tinham sempre uma importância prática imediata. Mas agora, se converteram em questões imensamente práticas e, portanto, devemos dedicar mais espaço em nosso programa do que se fazia antes.

Também acho que devemos retomar as características específicas da sociedade capitalista que indicam que está madura para o socialismo. Há uma passagem bem conhecida nos ensinamentos de Marx, onde ele diz que a nova sociedade já está presente no ventre da velha. Mas fez-se tanto dano na Segunda Internacional com esta teoria que devemos ser mais específicos nesta questão que antes. Eu não posso abarcar este tema aqui em todos seus detalhes, mas gostaria de dizer isto: todos somos conscientes de que a revolução proletária nos impõe muitas demandas e que está unida durante um certo período ao auge e declive das forças produtivas. Esta é uma lei inerente à revolução proletária. Nossos oponentes, no entanto, buscam demonstrar que estas tarefas são tão massivas que o capitalismo como um todo ainda não está maduro para o socialismo. Teoricamente, esta é sua tese principal. Eles estão misturando isto com o amadurecimento do capitalismo dentro da sociedade feudal. Mas devemos enfatizar a diferença entre estes dois desenvolvimentos. Ao menos, devemos afirmar as condições para a sociedade socialista no programa.

A diferença entre as duas formas em que as novas formações amadurecem se baseia no fato de que o capitalismo amadureceu completamente sob o governo feudal. Não só apareceu a classe operária, mas também as camadas dirigentes, aliás toda a estrutura social, desde os operários aos burgueses no comando, todos amadureceram no ventre da sociedade feudal. O socialismo nunca pode amadurecer desta forma, inclusive nas condições mais favorável, inclusive se pudéssemos projetar com precisão matemática o limite do amadurecimento capitalista. É impossível que a classe operária tome a produção em suas mãos dentro do ventre da sociedade capitalista. É um contrassenso, uma *contradictio in adjecto* [contradição de termos]. E, portanto, a natureza das características especiais que indicam o amadurecimento do socialismo dentro da sociedade burguesa é bastante diferente das características que mostram o amadurecimento do capitalismo dentro da sociedade feudal.

O capitalismo já possuía suas camadas administrativas e governantes sob o governo feudal. No entanto, o proletariado é oprimido não só economicamente, mas também política e culturalmente. Não tem seus próprios engenheiros, técnicos e demais. Pode aprender tudo isto só quando já conquistou a ditadura do proletariado. Só então pode derrubar as portas de institutos e universidades e forçar sua entrada. Culturalmente, devemos aceitar que o proletariado é subdesenvolvido, deseducado e atrasado em comparação com a burguesia. Isto significa que o proletariado não pode amadurecer como organizador da sociedade dentro do capitalismo. Amadurece como força organizadora, como líder da sociedade como um todo, como o criador genuíno desta sociedade no sentido positivo só depois que sua ditadura esteja instaurada. Não há alternativa. Devemos fazer questão desta distinção fundamental entre a forma em que o capitalismo e o socialismo amadureceram. Nossos oponentes avançam na ideia sem sentido de que podemos amadurecer dentro da sociedade capitalista da mesma forma que fizeram os capitalistas nos tempos feudais. Desafortunadamente, isto não é assim e devemos entender as diferenças específicas que existem.

Devo abordar outro ponto que foi insuficientemente analisado, incluindo nossos escritos, principalmente o de *transição ao socialismo*. Isto foi muito discutido pelos revisionistas, cuja perspectiva era que o capitalismo cresce em direção ao socialismo. É verdade que não podemos

levar a cabo nossa tarefa simplesmente por decretos e com puros atos de força. Ao contrário, é um processo orgânico muito estendido em termos relativos, de crescimento genuíno ao socialismo. Mas nós e os revisionistas diferimos sobre o momento em que começa a transição. Os revisionistas, que não querem a revolução, reclamam que o processo de transição começa no ventre do capitalismo. Nós dizemos que começa com o estabelecimento da ditadura do proletariado. O proletariado deve destruir o velho estado burguês, tomar o poder em suas mãos, e usar esta alavanca para mudar as relações econômicas. Depois, temos um processo de evolução longo, durante o qual as formas socialistas de produção e distribuição viram mais e mais predominantes, até que gradualmente, todas as relíquias da economia capitalista são substituídas, até que se dá a completa transformação do capitalismo numa sociedade socialista.

Agora, outro ponto que se relaciona com o que acabo de discutir: a questão das *'variantes nacionais' do socialismo*, referindo-nos, evidentemente, às relações produtivas. Antes da revolução, todos nós, sem exceção, pensávamos em termos de economia planificada, a economia coletiva, sem entrar mais especificamente no tema. Mas, agora, especialmente dadas as experiências da revolução russa, vemos que iremos experimentar um período longo marcado por diferentes tipos nacionais de formas socialistas de produção.

Tomemos o caso do capitalismo e comparamos sua variante francesa e americana. O capitalismo francês tem suas próprias características peculiares, como o americano. Compare o caráter do capitalismo de usura na França com o capitalismo financeiro puro dos Estados Unidos, ou a natureza dos sindicatos e trustes da Alemanha e Bretanha. Vamos ver caminhos diferentes e características variáveis. Ao longo do tempo, evidentemente, o crescimento da economia mundial nivela estas diferenças.

Porém, o socialismo pode crescer só em base ao que já está no lugar, e nós podemos, portanto, afirmar que as diferentes formas de socialismo serão em certo sentido prolongamentos das formas iniciais de capitalismo numa nova aparência. Em outras palavras, as características específicas do capitalismo em cada país encontrarão expressões em formas específicas da economia produtiva socialista. Mais adiante, tudo isto irá se nivelar com o crescimento da supremacia proletária mundial e a produção socialista mundial. Na primeira fase de desenvolvimento, inclusive depois que o proletariado conquistar o poder político em cada país, irá apresentar diversas formas de produção socialista.

Podemos dizer francamente que o socialismo russo parecerá asiático, quando comparado com os outros. As proporções entre o que podemos e não nacionalizar, entre indústria e campesinato, e demais – todas estas características atrasadas de nosso desenvolvimento econômico irão encontrar expressão nas formas atrasadas de nosso socialismo. Se tomamos tudo isto em conta, se entendemos isto, podemos avançar e falar de outras coisas, como a *New Economic Policy*.

Esse é o oitavo ponto do meu esquema. Gostaria de dizer algumas palavras.

A *New Economic Policy* [Nova Política Econômica] pode ser considerada desde dois pontos de vista muito diferentes, desde a tática, ou melhor, desde a tática e estratégia revolucionária e desde a *racionalidade econômica*. Estes dois pontos de vista não são sempre idênticos. Uma série de camaradas têm discutido isto desde a perspectiva de estratégia e tática, incluindo os camaradas

Em minha opinião, o desafio econômico e organizacional mais importante que o proletariado de todos os países em que está no comando do poder político enfrenta é a relação entre as formas de produção que pode organizar racionalmente, planificar e administrar e as



que não pode administrar de forma planejada e racional nas etapas iniciais de seu desenvolvimento. Este seria o maior desafio econômico que enfrentaria o proletariado. Se o proletariado não cuida desta relação corretamente, e o confisco é muito grande, enfrentará depois uma situação onde as forças produtivas não serão desenvolvidas, mas restringidas. O proletariado não consegue organizar tudo. Não pode impor pela força seus planos aos pequenos produtores, pequenos camponeses, que operam individualmente. No lugar dessa camada, que genuinamente provê a sociedade com algo útil, o proletariado recebe absolutamente nada. Para-se o processo de circulação. Isto causa maior declive das forças produtivas e da vida econômica como um todo.

Sob tais circunstâncias, o proletariado adquire algo adicional. Quando o proletariado tenta tomar demasiadamente, precisa de um aparelho administrativo enorme. Precisa de muitos oficiais e de um pessoal enorme para substituir todas as funções econômicas destes pequenos produtores e pequenos camponeses. E esta tentativa de substituir todos estes pequenos produtores com oficiais do governo – os chamem como queiram; na realidade são oficiais do governo – produz um aparelho burocrático tão colossal que seus custos são muito maiores que o desperdício causado pelas condições anárquicas dentro da esfera da produção em pequena escala.

Isso produz um padrão em que toda forma de administração, todo o aparelho econômico do estado proletário não promove, mas debilita o desenvolvimento das forças produtivas. Representa exatamente o oposto do que se deveria e deve, com necessidade de ferro, derrubar. Isso pode ocorrer por meio de uma contrarrevolução ou através da ação da pequena burguesia ou através de iniciativas do partido para restringir e reorganizar o aparato, como ocorreu no nosso caso. Isso não muda nada. Se o proletariado não toma ações, será destruído por outras forças. Todos os camaradas devem compreender isto claramente.

Portanto, sustento que a New Economic Policy não é algo específico do desenvolvimento russo, mas algo de aplicabilidade geral. ('Certíssimo!') Representa não só um retrocesso estratégico, mas a solução de um amplo problema organizativo e social, principalmente a relação entre os diferentes setores da produção que devemos racionalizar e os que não temos condições de racionalizar. Camaradas, francamente, tentamos organizar tudo inclusive os camponeses e os milhões de pequenos produtores. Por isso tivemos um aparato burocrático tão grande e custos administrativos tão altos. Por isso chegamos à crise política. Por isso fomos obrigados, para salvar a causa do proletariado como um todo, como explicava francamente o camarada Lenin, a introduzir a New Economic Policy. Não é um tipo de doença secreta que deve ser ocultada. Não é só uma concessão ao inimigo que briga contra nós com todas suas forças. Também é a solução correta para um problema organizativo e social.

Sob a velha política econômica, tínhamos situações onde nossa polícia vermelha em Moscou levaria uma velha senhora vendendo pão e coisas pelo estilo. Francamente, em termos de racionalidade econômica isso é pura loucura. E, quando se entende bem isso, então se deve dar as costas a esta loucura em prol algo melhor. Alguns camaradas dizem-nos que em termos de marxismo ortodoxo isto era um pecado. Mas não era um pecado. Era a correção necessária de nosso partido do que, em nossa inexperiência e ignorância, havíamos feito na primeira revolução proletária. Esta era nossa avaliação.

Em minha opinião, os problemas da New Economic Policy eram de caráter internacional. O aspecto especificamente russo reside, evidentemente, nos coeficientes precisos da relação entre o que podemos ou não racionalizar.

Temos muitos camponeses e pequeno burgueses. Mas considerem os países mais avançados industrialmente, como Alemanha ou Estados Unidos. Vocês acham que estes problemas não surgirão imediatamente? Surgirão e imediatamente! Por exemplo, podemos desde o início organizar os camponeses americanos? De forma nenhuma! Tais camadas devem continuar a desfrutar de liberdade econômica irrestrita. O mesmo vale para a Alemanha, por exemplo. Vocês acham que o proletariado vitorioso pode organizar imediatamente todos os bens camponeses, especialmente na Bavária, nas fileiras comunistas? Quando vocês pedirem aos camponeses envios de pão sabem o que exigirão? O direito de atuar livremente e vender seus produtos. Então sempre se enfrentará este problema na Alemanha. Sempre terá de se decifrar com muito cuidado, em que grau se quer estabelecer a economia socialista controlada e em que grau quer se manter a economia livre.

Até aqui sobre o problema da New Economic Policy. Porém, isso está relacionado com um problema totalmente diferente. Em uma revolução, o princípio da racionalidade econômica se contradiz com outro princípio essencial para o proletariado, aquele da *conveniência política pura na luta*. Já dei vários exemplos disso. Se se constroem barricadas, por exemplo e com este objetivo se põem abaixo os postes telefônicos, então, acredito que é óbvio que isso não aumenta as forças produtivas. (*Risos*)

Assim é na revolução. Quando a burguesia capitalista, por exemplo, ataca com todas as suas forças, usando seus agentes no meio pequeno burguês que atuam sob ordens diretas da grande burguesia, o que o proletariado deve fazer? O proletariado deve, a todo custo, destruir estes agentes pequeno burgueses da grande burguesia. Quando a luta cresce em dimensão, também é forçado a remover as bases econômicas desta pequena burguesia. Aqui é onde entra a irracionalidade. O que é inconveniente desde uma perspectiva puramente econômica, pode ser muito conveniente em termos da luta política e a necessidade de ganhar a guerra civil. Estas duas perspectivas – racionalidade e conveniência econômica na luta política – não são iguais e frequentemente se contradizem. Mas prima a luta política porque o socialismo não pode ser construído sem haver primeiro um estado proletário. Mas sempre devemos ser vigilantes para evitar fazer algo que não seja essencial, fazer algo que não é conveniente na luta política e também é irracional economicamente.

Não posso desenvolver mais esta linha de pensamento, evidentemente, mas vocês entendem que podemos examinar esta questão desde a perspectiva de várias classes, camadas e grupos. Devemos considerar nossa relação com a classe média, a chamada *intelligentsia* ou a nova classe média e nossa relação com o campesinato e várias camadas do campesinato. Tudo isto deve entrar no marco de nosso programa. E, evidentemente, queremos usar as experiências da revolução russa, porque seria estúpido não entender e utilizar as experiências da mais grandiosa revolução que ocorreu até esta data.

Agora passo a minha quarta seção, que eu nomeio de *novos desafios táticos gerais*. Até aqui examinei várias questões que são puramente teóricas em sua natureza. Agora, vou retomar algumas questões que tem um caráter tático geral e que, portanto, em algum sentido, podem ser chamadas de programáticas também.

Primeiro, vou referir-me brevemente à questão das *colônias*. Esta questão deve receber bem mais peso em nosso programa do que se fazia anteriormente. ('Certíssimo!') Agora estamos tentando escrever um programa internacional. Devemos expurgar com fogo e espada esse gosto aristocrático que fica depois dos livros de Kautsky e seus colegas. Devemos enten-

der que nossas reservas para o processo da revolução mundial, que são imensamente importantes, estão localizadas nos países coloniais. Por isso devemos abordar esta questão mais exaustivamente do que se fazia no passado.

O segundo desafio tático é a defesa nacional. Para nós, como comunistas, quando começou a guerra, esta questão da defesa nacional era absolutamente nítida: simplesmente recusávamos sem qualificação. Agora, a questão aparece um pouco modificada e de forma mais complicada. Isso é assim porque agora temos uma ditadura proletária em um país, e sua existência muda toda a situação. Em geral, como marxistas e dialéticos, devemos estar preparados para tais mudanças de grande escala. Vou dar-lhes um exemplo.

Como um partido revolucionário em oposição, nós, evidentemente, não pensávamos por um momento que aceitaríamos dinheiro de nenhum estado burguês para nossa atividade revolucionária. Isto seria absolutamente estúpido. No momento em que aceitássemos o dinheiro de uma força hostil, estaríamos completamente desacreditados. A burguesia internacional estava enfrentando este problema de forma bastante correta, desde esta perspectiva, ao tentar demonstrar que nós éramos agentes do imperialismo alemão ou que Karl Liebknecht era um agente da burguesia francesa. Corretamente reconhecemos que nunca faríamos algo deste tipo, e sempre estivemos contra estes esforços. Mas agora, um estado proletário existe e está na posição de obter um empréstimo de algum estado burguês. Seria igualmente estúpido recusar isto por princípios. Este é um exemplo pequeno da mudança que ocorre sobre os temas de princípios quando possuímos um estado proletário.

A questão de *defesa nacional* é similar. Sabemos exatamente o que é um país proletário – é o estado proletário. Em todas estas questões, a palavra ‘país’ é sinónimo da palavra ‘estado’, com ou sem sua caracterização de classe. Quando a burguesia fala de defesa nacional, se refere à defesa do aparato estatal burguês, e quando nós falamos de defesa nacional, nos referimos ao estado proletário. Portanto, nós queremos estabelecer nitidamente no programa que o estado proletário deveria e deve ser defendido pelo proletariado não só desse país, mas de todos os países. Isto é novo comparado com a situação de quando começou a guerra.

Aqui entra uma segunda questão. Se é conveniente desde a perspectiva estratégica do proletariado como um todo, o estado operário deve fazer alianças militantes com estados burgueses? Não há diferenças de princípios aqui entre um empréstimo e uma aliança militar. E eu sustento que já estamos o suficientemente desenvolvidos para fazer uma aliança militar com a burguesia em um país para acabar com a burguesia em outro país.<sup>17</sup> É fácil prever o que poderia acontecer em uma ou outra correlação de forças. É puramente uma questão de conveniência estratégica e tática. Assim é como deve ser apresentado no programa.

Se a defesa nacional toma a forma de aliança militar com estados burgueses, é dever dos camaradas de tais países contribuir com a vitória de tal aliança. Se, em outra fase do desenvolvimento, a burguesia de tal país é derrotada, surgem outros problemas (*Risos*) que não sou obrigado a descrever aqui, mas vocês compreenderão facilmente.

Devemos mencionar outro ponto tático: o direito à *intervenção vermelha*. Em minha opinião, esta é a prova ácida de todos os partidos comunistas. Há um grande clamor sobre o

---

17 Os comentários de Bukharin podem ter sido sugeridos pelas relações da Rússia Soviética com a Alemanha na época. O Tratado de Rapallo entre os dois governos, feito em 16 de abril de 1922, não era uma aliança militar. No entanto, acordos secretos foram feitos entre os militares russos e alemães para que, em 1922, a Alemanha pudesse realizar treinamento militar e produção em território soviético, violando o Tratado de Versalhes. Estes acordos não levavam a qualquer modificação na política do PC alemão. As alianças soviéticas com a Alemanha nazista em 1939 e as potências aliadas em 1941, pelo contrário, resultaram em reveses políticos abruptos em todos os Partidos do Comintern.

militarismo vermelho.<sup>18</sup> Devemos estabelecer em nosso programa que todo estado proletário tem o direito à intervenção vermelha.

**Radek:** Você só diz isso porque é o comandante de um regimento! (*Risos*)

**Bukharin:** O *Manifesto Comunista* diz que o proletariado deve conquistar o mundo inteiro. Bom, isto não pode ser feito estalando os dedos; (*Risos*) precisa-se de baionetas e rifles. E a extensão do sistema em que cada exército vermelho está baseado é uma extensão do socialismo, do poder proletário, da revolução. Esta é a justificativa para o direito à intervenção vermelha sob circunstâncias particulares que fazem isto possível desde uma perspectiva técnica.

Isso fecha os problemas específicos, e passo agora – e aqui posso ser bastante breve – à concepção geral de programa, particularmente referindo a sua arquitetura. Em minha opinião, o programa dos partidos nacionais deve consistir em duas partes:

- 1) Uma seção geral válida para todos os partidos. Esta seção geral deve estar no livro de adesão de todos os membros em cada país.
- 2) Uma seção nacional que contém as reivindicações específicas do movimento operário do país em questão.
- 3) Depois, talvez.
- 4) Apesar de que isto não é, em termos estritos, parte do programa, um programa para a ação, que abarca questões puramente táticas e pode ser mudada tanto como seja necessário – talvez a cada duas semanas. (*Risos*) Alguns camaradas acham que os problemas táticos como a tomada de bens materiais na Alemanha, a tática de frente única ou a questão do governo operário também devem estar no programa. O camarada Varga diz que é covardia intelectual se opor a isto.

**Radek:** Corretíssimo!

**Bukharin:** Porém, na minha opinião, a urgência de resolver estas questões é só uma expressão da atitude oportunista dos camaradas. (*Risos*) Questões e consignas como a frente única, o governo operário ou a tomada de bens materiais são consignas baseadas em uma base muito fluída, de certo declive do movimento operário. E estes camaradas querem estabelecer no programa esta instância defensiva em que se encontra o proletariado, portanto descartando uma ofensiva. Eu brigarei contra isto de toda forma possível. Nunca permitiremos que tais conceitos sejam construídos no programa.

**Radek:** Nós? ¿Quem é ‘nós’?<sup>19</sup>

**Bukharin:** “Nós” se refere aos melhores elementos na Internacional Comunista. (*Risos, aplausos*)

Em minha opinião, camaradas, este segmento teórico deve incluir as seguintes partes: primeiro, uma análise geral do capitalismo, de particular importância para os povos coloniais. Então, precisamos de uma análise do imperialismo e da decadência do capitalismo, e também uma análise da época da revolução socialista.

A segunda parte do programa deve consistir num curto esquema da sociedade comunista. Acho que precisamos retratar a sociedade comunista no programa e dizer o que significa realmente o comunismo, e daí é a diferença entre as diferentes fases transitórias.

---

<sup>18</sup> Em 16 de fevereiro de 1921, contingentes do Exército Vermelho entraram na Geórgia apoiando a insurreição local pelas forças pró-soviéticas e em meados de março, haviam concluído a ocupação do país. Geórgia transformou-se numa república soviética independente unida a Rússia por um tratado. Para a defesa da conduta soviética, ver Trotsky 1975.

<sup>19</sup> Para a apresentação escrita de Radek sobre sua posição sobre reivindicações transitórias, ver Radek 1923.

A terceira parte deve tratar da derrocada da burguesia e da luta proletária pelo poder.

A parte quatro não deve abordar questões como a relação com a social-democracia e os *tradeunionistas*, mas questões estratégicas gerais, que não são fluídas. Tais questões estratégicas-táticas podem ser abordadas pelo programa.

Sobre o segmento nacional, não é minha tarefa abordar. Uma análise especial é necessária em cada país.

Camaradas, gostaria de agregar alguns comentários críticos sobre as afirmações, incluindo os que são por escrito, e artigos de vários camaradas.

A discussão sobre esta questão produziu os seguintes documentos e declarações:

- 1) O relatório sobre a primeira discussão na comissão de programa, que foi enviado a todos os partidos.
- 2) A resposta do Comitê Central Italiano a este relatório.
- 3) Alguns artigos do camarada Varga.
- 4) Um artigo do camarada Rudas.
- 5) Um artigo do camarada Rappoport.
- 6) Um artigo do camarada Smeral.
- 7) Um borrador do Partido alemão.
- 8) Um borrador pelo Partido búlgaro.
- 9) Meu borrador.<sup>20</sup>

Na discussão inicial na Comissão de Programa, expressaram-se dois pontos de vista. As diferenças relacionadas à questão sobre se problemas táticos como o governo operário deveriam estar contidas no programa. Eu propus uma destas perspectivas.

O comitê central italiano respondeu a discussão da comissão de programa com uma carta expressando minha perspectiva, mas com sua própria motivação. Afirmava que estes problemas não poderiam ser incluídos no programa porque não impomos um 'credo' aos partidos nacionais. O comitê central italiano apoiava minha perspectiva não porque seja oportunista e impossível incluir estes temas no programa – isto requereria que mudemos de programa a cada duas semanas – mas porque não quer que a Internacional imponha o credo aos partidos nacionais.

Agradeço enormemente aos camaradas italianos por ter acordo com minha perspectiva, mas não lhes agradeço em nada por esta motivação curiosa.

Agora passamos aos artigos do camarada Varga. O camarada Varga é um homem de firme valentia, e, portanto, acha que todos os que não concordam com seu ponto de vista sobre esta questão é por covardia. Como disse anteriormente, sua valentia é uma valentia oportunista e nossa covardia consiste em medo de ser oportunista. Esta é a natureza de nossa covardia. Temos medo de nos transformarmos em oportunistas e o camarada Varga não tem a covardia de temer isto. Esta é a diferença entre ele e nós.

Varga também exige que provejamos a classificação de todos os países durante o período da decadência capitalista. Em lugar de um programa, ele quer uma enciclopédia de todos os

---

<sup>20</sup> Um conjunto um pouco diferente de materiais de discussão do programa é encontrado em *Kommunistische Internationale*, 23 (Novembro 1922), pp. 114-55. Incluindo artigos de Varga e Thalheimer, o borrador do PC alemão, as críticas do ECCI ao borrador do PC italiano, e as teses de Kostrzewa sobre a questão agrária. Para outra coleção, preparada para o Quinto Congresso em 1924, ver Comintern 1924a.

setores de ciências sociais com muitos apêndices. Na minha opinião, classificar países e construir isso em um programa é muito arriscado. Mudanças podem suceder muito rapidamente em diferentes países. Por exemplo, se há uma revolução vitoriosa na Alemanha, a situação de todo mundo seria transformada imediatamente. Por isso digo que não é recomendável fazer uma classificação específica de países, em termos das possíveis mudanças rápidas e porque nosso programa poderia crescer tanto que nenhum trabalhador seria capaz de ler completamente.

Com relação ao artigo do camarada Smeral, os desejos expressados aqui dividem-se em duas categorias. Primeiro, seu artigo demanda que utilizemos as lições da revolução russa completamente e com razão pergunta sobre os diferentes setores, regiões, formas de produção e as diferentes camadas sociais e nossa relação com elas. Ele tem bastante razão ao propor estas perguntas, mas ele não tem razão quando junto com Varga e Radek, exige que estes problemas, bem como o governo operário e a 'carta aberta', sejam incluídas no programa.

Eu concordo muito com o artigo do camarada Rudas.

Sobre o artigo do camarada Rappoport, apesar de meus melhores esforços, não consegui entendê-lo.

Com relação ao programa submetido por nosso partido irmão alemão, gostaria fazer alguns comentários gerais. Em minha opinião, o programa tem as seguintes debilidades:

- 1) Está escrito muito academicamente.
- 2) É muito específico e descritivo.

Por exemplo, há uma longa passagem sobre vários desenvolvimentos específicos, como as consequências da Paz de Versalhes, que em minha perspectiva, não pertencem a um programa. O caráter descritivo e especificamente histórico do borrador alemão o faz também muito longo. Isto não é um programa, mas um manifesto universal muito longo. Esta é minha impressão deste borrador. Muitas partes têm um brilhante estilo e são muito fortes teoricamente.

3) O borrador é muito europeu em concepção – os mesmos camaradas alemães concordam com isso – e também na minha opinião, muito alemão, escrito demasiadamente desde o ponto de vista da Europa Central.

4) O erro final do programa alemão, que casa com os outros, é seu tamanho. Não inclui a análise geral do capitalismo que é requerido ou a descrição geral do comunismo, que também é requerido e ainda assim é muito, muito grande.

Sobre o programa *búlgaro*, tenho os seguintes comentários.

Algumas de suas passagens são similarmente muito específicos e descritivos e não casam com os requisitos de um programa. Poderiam servir de comentário. Além disso, a estrutura do programa não é completamente exitosa porque há uma mistura das considerações dos Balcãs e gerais. Particularmente, tenho comentários significativos sobre uma passagem, onde os camaradas búlgaros discutem o papel do partido. Ao final da passagem, vão tão longe que discutem o levante armado. Dizem que passamos ações de massas combinadas com greves até o levante armado, e que isto tem um tom muito revolucionário. Mas onde se discute o papel do partido, o programa em minha opinião dá uma ênfase desnecessária à participação no parlamento.

De fato, a relação entre a ação extraparlamentar e a parlamentar não é abordada com total êxito – não quando consideramos o tamanho deste documento. Acho que seria melhor fazer uma pequena correção aqui.

Finalmente, um curto comentário. As exigências do partido são apresentadas de forma muito completa no programa búlgaro. Caso se tenha a intenção de que sejam para todos os partidos que pertencem à Internacional, é muito. Se são só para os Balcãs, então faltam as reivindicações necessárias desde o ponto de vista internacional. Aqui também me parece necessária uma pequena correção.

Evidentemente, não vou engrandecer minha própria ‘mercadoria’. (Risos) Não é necessário nem dizer isto. Mas peço aos camaradas que discutam estas questões e particularmente após o congresso, que trabalhem mais intensivamente muitos dos componentes do programa.

Fecho meu relatório com a esperança de que vamos avançar a partir do Quinto Congresso com um programa destacado, verdadeiramente revolucionário e verdadeiramente marxista ortodoxo.

**Thalheimer** (Alemanha): Camaradas, vocês têm diante de vocês quatro borradores diferentes de programas: o do camarada Bukharin, o programa búlgaro, o programa alemão e finalmente o programa de ação do partido italiano. Eu não acho que seja minha tarefa escolher entre os diferentes borradores e talvez elogio o borrador alemão em todos seus detalhes específicos como o que derrota todos seus competidores. É um primeiro borrador que precisa ser melhorado e expandido, tanto com relação à forma quanto ao conteúdo. Mas acho que isso é certo para todos os borradores diante de nós; o borrador alemão não é uma exceção. Em sua forma atual, os borradores proveem a base para um texto final e uma discussão internacional. Acho que só pode ser logrado o texto final através do trabalho coletivo. Tenho completo acordo com o camarada Bukharin, só o próximo congresso pode decidir o programa final. O único que podemos fazer hoje é introduzir e preparar a formulação definitiva. Com este objetivo, é necessário definir os pontos de diferença, até que ponto existem, brevemente, mas bem preciso, e este será o principal tema de minha apresentação. Não vou repetir a excelente apresentação do camarada Bukharin que demonstrou a bancarrota teórica e programática da Segunda e Segunda e meia Internacionais. Mas vou tratar deste tema, aprofundando um pouco sobre ele.

Em primeiro lugar, gostaria de assinalar que Kautsky avança em seu texto de programa até abandonar a base da concepção de Marx sobre economia capitalista. A perspectiva de Marx centra-se no conceito de que o propósito e o princípio regulador do capitalismo é a produção de mais valia. Kautsky agora chegou repentinamente ao pensamento de que o capitalismo é dirigido pelas necessidades do consumidor. Eu acho que não pode haver uma mais completa e essencial capitulação à economia burguesa que esta.

Também vou abordar brevemente as propostas socialistas-reformistas que Kautsky propõe como o caminho à economia socialista. O camarada Bukharin mencionou com razão que o que nos separa de Kautsky não é um desacordo sobre a velocidade da transição do capitalismo ao socialismo. Mas, que o centro é que estamos convencidos de que esta transição só pode começar após a conquista política do poder, enquanto ele diz que isto pode suceder antes e sem a tomada do poder.

Agora, a revisão de Kautsky em todos estes pontos o levam de volta a Bernstein. Todas estas propostas de reformas, estes caminhos que Bernstein tomou, agora os toma Kautsky, reclamando que agora representam o verdadeiro marxismo. Eu buscarei examinar estes pontos em termos práticos mais que teóricos. Qual é o caráter destas propostas? Elas afetam, em

primeiro lugar, o muito trilhado caminho do socialismo municipal e segundo o caminho do socialismo corporativo uma nova e importada mercadoria.<sup>21</sup> E aqui para demonstrar sua mais nova tese do velho Bernstein, Kautsky, que sempre se propõe como um teórico particularmente sensível, cai em um total disparate. Tomemos o socialismo corporativo, por exemplo. O socialismo corporativo propõe que os sindicatos podem introduzir o socialismo passo a passo, sem conquistar o poder político e, por assim dizer, às costas da sociedade capitalista. Agora, só precisamos ver a condição dos sindicatos, seu estado financeiro na economia capitalista que colapsa, para reconhecer que isto é uma completa fantasia. Dado que os sindicatos agora estão experimentando grandes dificuldades em manter seus fundos de greve, dificilmente podemos esperar que eles introduzam o socialismo às costas do capitalismo.

Um segundo passatempo favorito do reformismo é o socialismo municipal ou a municipalização. Qualquer que tenha uma noção das condições no Oeste sabe que a bancarrota é uma característica destacada não só dos países, mas também das finanças municipais. O desafio das municipalidades hoje não é levar a cabo a transição ao socialismo por sua própria conta, mas se defender dos ataques dos capitalistas, que querem privatizar as empresas municipais.

Agora um terceiro ponto. Para fazer a transição o mais sutil possível, propuseram tomar a propriedade capitalista com indenizações. Como vocês sabem, Marx certa vez falou do fato que os latifundiários britânicos poderiam ser comprados com indenizações. Mas ele não se referia a que isto pudesse ser feito sem a conquista do poder político. Ele viu este caminho como aberto só depois de ter ganho o poder. Onde estão as coisas hoje na Europa? Vamos assumir que tomamos o poder e que está colocado indenizar os capitalistas. Todos sabemos que uma das primeiras pré-condições para a construção socialista é eliminar o enorme peso morto que é a dívida que carrega a economia. Estes métodos sutis de indenização dos capitalistas são uma utopia hoje tanto como os conceitos de Kautsky de socialismo corporativo ou o socialismo municipal.

Também gostaria de assinalar outra das grandes façanhas de Kautsky, que tem um interesse especial para nós aqui e agora. É sobre a questão da concepção de Kautsky, primeiro da burocracia estatal e segundo do capitalismo de estado ou socialismo de estado. Na perspectiva de Kautsky, só ficam dois estados onde a burocracia joga um papel maior. Um deles é a França, esta 'república sem republicanos'. O segundo estado, diz Kautsky, é a Rússia soviética. Parece que, na medida em que a democracia foi introduzida na Alemanha, a burocracia de estado desapareceu. O resultado atual desta perspectiva é que na Alemanha e em outros estados democráticos burgueses, os social-democratas não tocam a burocracia – a deixam intacta. Na prática, toda a política dos social-democratas se reduz a nomear oficiais social-democratas para que sirvam ao lado dos burgueses.

Agora vem a perspectiva oposta. Ao discutir socialismo de estado e capitalismo de estado, Kautsky de repente descobre que essa burocracia estatal ainda está ali e é bastante incapaz de tomar o controle das empresas capitalistas. É rigidamente conservador e inerte. Só a burocracia capitalista pode tomar controle destas empresas.

Que quer dizer isto na prática hoje na Alemanha e em geral? Simplesmente significa aliança com Stinnes e sua gente, trabalhar de mãos dadas com eles e recomendando aos burocratas de Stinnes como a camada profissional que deve realizar o socialismo. Kautsky já

---

21 O socialismo corporativo, avançado principalmente na Bretanha no início do século XX, defendeu o autogoverno dos trabalhadores industriais através de empresas nacionais controladas por operários.



deu sua bênção e justificativa teórica para isto, antes da fusão da Segunda com a Internacional dois e meia, do USPD com o SPD. Se um governo de Stinnes formar-se hoje na Alemanha, com participação social-democrata, e se este governo tentar entregar as empresas estatais ao capital privado, Kautsky já terá dado sua bênção teórica para isso.

Eu só queria tocar estes pontos, que parecem particularmente relevantes ao demonstrar a estridente capitulação da Segunda e da Internacional dois e meia em sua dimensão teórica.

Também vou me estender no que o camarada Bukharin disse sobre os epígonos de Marx e sua degeneração. Sobre isto, por favor notem que o recorde histórico mostra o início dos debates com estes epígonos de Marx na Alemanha e em outros lugares na Segunda Internacional justamente após o estalido da primeira revolução russa [1905]. O ponto de partida era então o debate sobre a greve em massa, e o campo de batalha que se ampliava a partir disso. A principal arena de luta era o debate teórico sobre as raízes do imperialismo e, relacionado com isso, a questão política do desarmamento. Aqui deram-se os primeiros confrontos teóricos, estabelecendo o marco para o que ia se desenvolver, por um lado, o Centro Marxista, levando o USDP e agora o SPD unificado, e por outro, o que ia se converter no Partido Comunista de Alemanha.

Agora, um comentário adicional para realçar o que disse Bukharin sobre a capitulação teórica que encontrou expressão no programa da Segunda Internacional e da Internacional dois e meia, acima de tudo no Programa de Görlitz.<sup>22</sup>

Tudo a que se referiu e enfatizou Bukharin – o desaparecimento da teoria do empobrecimento e das crises, etc. – tudo isso se expressa com grande clareza e precisão nos comentários escritos no Programa de Görlitz. Kampffmeier, Bernstein, Stampfer. Todos eles confirmam enfaticamente esta liquidação.

Sobre os pontos em debate, vou me referir principalmente às seguintes questões:

1. A seção sobre as bases que explicam teoricamente o imperialismo em relação com a teoria da acumulação.
2. A questão das medidas transitórias, as reivindicações por etapas, ou como seja nomeada, previas à conquista do poder. Vejo isso como o tema central em resolver exitosamente o programa tanto em termos gerais como em termos de partidos individuais.<sup>23</sup>
3. Curtos comentários sobre as medidas econômicas transitórias depois da conquista do poder, como o comunismo de guerra e a New Economic Policy.
4. A estrutura e a forma do programa.

Permitam-me passar diretamente ao primeiro ponto, que diz respeito à base teórica do imperialismo. Evidentemente, não vamos entrar num profundo debate teórico aqui. Minha preocupação é somente que a pergunta seja iluminada e que comecemos a discussão teórica que me parece essencial. Visivelmente, só se pode tomar uma decisão sobre tais questões após uma exaustiva discussão teórica por escrito e outras formas de debate. Meu objetivo é definir a questão justamente para enfatizar sua importância prática, teórica e programática.

---

22 O Programa de Görlitz, adotado pelo SPD em setembro de 1921, era um documento abertamente revisionista, comprometido com o estado capitalista de Weimar na Alemanha como ‘a forma de Estado irrevogavelmente estabelecida pela história’.

23 O conceito de ‘reivindicações transitórias’ foi explicado pelo Terceiro Congresso nas ‘Teses sobre táticas’ nestes termos: ‘No lugar do programa mínimo dos centristas e reformistas, a Internacional Comunista oferece a luta por reivindicações específicas do proletariado, como parte de um sistema de reivindicações que, na sua totalidade, soterram o poder da burguesia, organizam o proletariado e delimitando as diferentes etapas de luta pela ditadura do proletariado. Cada uma dessas demandas expressa as necessidades das amplas massas, inclusive quando conscientemente não defendem a ditadura doproletariado.’ Comintern 1912C, p. 47. Veja também Adler (ed.) 1980, p. 286.

Como já mencionei, os desacordos programáticos, teóricos e táticos na velha social-democracia começaram precisamente na questão do imperialismo. Isso envolve duas questões. O principal problema é se o imperialismo é uma fase necessária no desenvolvimento capitalista, necessário desde uma perspectiva capitalista. Na Alemanha, este era a prova ácida ácida que dividiu a esquerda marxista do centro marxista. O ponto principal sobre o qual esta questão gira é declaradamente que o imperialismo, em termos econômicos, é um problema de acumulação, de crescimento do capital, de reprodução expandida. Esta reprodução expandida, crescimento de capital e extensão do capital em territórios não capitalistas é um fato histórico, que vem não somente da época imperialista, mas, como sabemos, do surgimento do capitalismo. Desde então, o mundo está cheio de guerras coloniais, conquistas coloniais, guerra pelo comércio etc.

Então, quando explicamos o imperialismo, não é simplesmente o fato da projeção da expansão capitalista em regiões coloniais, mas da forma particular que esta expansão toma hoje sob condições imperialistas. Esta forma especial de expansão, estas condições especiais que marcam a expansão do capitalismo na era imperialista foram formuladas pela camarada Luxemburgo da seguinte forma:

A época imperialista consiste na luta pelo que fica dos territórios não capitalistas, por seu redivisão e finalmente, relacionado com isto, a expansão do poder capitalista e político. [Tradução nossa]

Estes fatos são conhecidos há muito tempo e não estão em questão. A tarefa é explicá-los, particularmente em referência a julgar se a época imperialista com suas catástrofes e crises é um acidente histórico ou é inevitável. E, relacionado a isto está a decisão política sobre se é possível retroceder desta época imperialista, dar marcha ré à época de Manchester, do capitalismo liberal, do livre mercado, paz, pacifismo. Ou, há só um caminho adiante, superar esta época imperialista por meio de uma revolução? Há só um caminho adiante, para o socialismo? Como respondemos esta questão também vai determinar as táticas políticas.

Vamos assumir que o imperialismo expressa os interesses de só um setor da burguesia, enquanto os interesses da burguesia como um todo são bastante compatíveis com os métodos de Manchester. Que nos diz isto sobre as táticas? Diz que é taticamente possível aliar-se com um ala da burguesia contra a outra. Aqui vemos a base teórica e programática da política de coalizão. E, uma suposição oposta, evidentemente, leva a uma conclusão oposta.

Em um plano puramente teórico, a questão proposta é se a expansão irrestrita do capital e sua acumulação é possível dentro dos limites do capitalismo ou se esta acumulação chega a seus limites dentro do próprio capitalismo. Para expressá-lo de forma mais simples, é possível que o capitalismo cresça e se estenda sem limites, ou há limites teóricos definitivos a esta extensão e crescimento? A teoria da acumulação encontrou-se com a objeção de que é um tipo de fatalismo, concentrado no ponto em que o capitalismo automaticamente se autodestrói. Esse ponto onde o capitalismo já não tem mais espaço para expansão e deve automaticamente se autodestruir é um limite teórico, o que os matemáticos chamariam de limite. Mas o que está em risco aqui é diferente. O capitalismo, em sua fase imperialista, é obrigado a agudizar os antagonismos de classe e necessariamente passa pelas catástrofes políticos e sociais mais extremos. A isto segue que o que é decisivo para o fim do capitalismo não é o ponto final teórico, mas o período de crise severa que o imperialismo traz.

Para demonstrar isto, preciso citar as passagens sobre esse tema da camarada Luxemburgo. Tomo esse trecho do artigo dela em resposta às críticas a seu livro sobre a acumulação:

A acumulação é impossível em um ambiente estritamente capitalista. Isso é o que causa, desde o início do desenvolvimento capitalista, a motivação pela expansão em camadas e países não capitalistas, a ruína de artesãos e camponeses; a proletarização dos estratos médios; colonialismo; esforços para abrir novos mercados; e exportação de capital. Desde o início, só a contínua expansão a novas esferas da produção e novos países permite que o capitalismo exista e se desenvolva. Mas a expansão mundial leva ao confronto entre o capitalismo e as formas pré-capitalistas da sociedade. Isso quer dizer violência, guerra, revolução: em uma palavra, catástrofe – o elemento vital do capitalismo desde seu início até seu fim.

Neste ponto, a camarada Luxemburgo pergunta se o limite objetivo do capitalismo será alcançado. Ela pergunta se realmente chegará. Ela responde assim:

Certamente essa é só uma ficção teórica, precisamente porque a acumulação do capital não é só um processo econômico, mas também um [processo] político...O imperialismo é tanto um método histórico para prolongar a existência do capitalismo como o meio mais seguro para estabelecer um limite objetivo a sua existência pelo caminho mais curto possível. Isso não quer dizer que este ponto final será necessariamente atingido. A mera tendência para este ponto final do desenvolvimento capitalista encontra formas de expressão em formas que dão à fase final do capitalismo a forma de um período de catástrofes. (Akkumulation dês Kapitals, pg. 425)

Isso é explicado mais adiante com mais detalhes:

Quanto mais desapiedadamente o capitalismo usa o poder militar internacionalmente e em casa para destruir as camadas não capitalistas e baixar as condições de existência de todas as camadas de operários, mais a história quotidiana de acumulação mundial de capital é transformada em uma corrente contínua de calamidades e convulsões políticas e sociais, junto com catástrofes econômicas periódicas, o que torna impossível a continuidade de acumulação, enquanto leva à classe operária internacional à rebelião contra o governo capitalista, muito antes de que o capitalismo chegue aos limites que criou para si mesmo. (p. 445)

E, agora camaradas, vamos ouvir algumas palavras do outro lado da mesa, daqueles que resistiram ferozmente a esta teoria desde o início. Hilferding, cujo Finanzkapital repete essa teoria marxista muito consistentemente, diz que o capitalismo pode ser expandido sem limites. É assim que o líder austríaco desta escola não será excluído, Bauer desenvolveu uma teoria bastante curiosa de que o crescimento capitalista é regulado pelo crescimento da população e da população operária particularmente. Isso inverte a teoria da população de Marx, que diz exatamente o oposto.<sup>24</sup>

Agora, gostaria de citar alguns exemplos dos resultados desse ponto de vista. E enfatizo que há muitos que rechaçam a teoria da acumulação, mas não tiram essas conclusões políticas. Isso não nos diz nada sobre seus argumentos, mas nos indica a falta de consistência. Vou citar aqueles que levaram este ponto de início teórico à sua conclusão lógica.

Vamos começar com Kautsky. Temos uma série contínua de afirmações, desde 1912 a 1922. Em 26 de abril de 1912, Kautsky escreveu em *Die Neue Zeit*:

A corrida armamentista tem causas econômicas, mas não reflete nenhuma necessidade econômica.

Isso definitivamente demonstra fineza escolástica experimentada.

---

<sup>24</sup> Thalheimer refere-se aqui à discussão de Luxemburgo sobre a teoria da população de Bauer no capítulo 4 de sua *Anti-Critique*, uma defesa de *The Accumulation of Capital*. Ver Luxemburgo 1972.

De forma alguma, é economicamente impossível de acabar.

Aqui, tem-se a chave teórica para a posição assumida pelo USPD e Kaustky durante a guerra.

Berstein falou da mesma forma no congresso do partido em Chemnitz, em 1912. É importante que estes dois adversários já tinham se encontrado em 1912 no mesmo ponto. Berstein disse em Chemnitz:

Poderia dizer-se muito para refutar a noção de que o desarmamento que exigimos hoje é uma utopia reacionária. Não é uma utopia... A história mundial andou frequentemente por caminhos falsos.

Isso me lembra uma curta história de um oficial que viu uma pomba voando e gritou, 'Vejam, a pomba está voando totalmente mal.'

Queremos intervir conscientemente no processo sob a consigna: "Paz na Terra e aos homens de boa vontade".

Em 1912, Kautsky e Bernstein já haviam se juntado a esse espírito de boa vontade.

Agora, Hilferding durante a guerra. Tenho aqui um curto extrato de um artigo que Hilferding publicou em Novembro-Dezembro de 1916 sob o título '*The Theory of Collapse: Reciprocity and Force as Tools of Trade Policy*'. [A Teoria do Colapso: reciprocidade e força como ferramentas da política de mercado]. Aqui apresentamos uma breve citação dele.

Ainda que o capitalismo fosse viável inclusive se todo mundo estivesse marcado pelo mesmo grau de desenvolvimento capitalista, o imperialismo pressupõe a existência de grande divergência econômica.

Mais adiante:

A classe operária só pode suportar política comercial baseada em reciprocidade.

E finalmente:

O livre comércio é contraposto à política comercial imperialista e, portanto, ao imperialismo, e é assim uma reivindicação inevitável da luta proletária.

Mais adiante:

Neste marco, a política colonial perde sua importância. Não importa a quem pertenciam as colônias politicamente. Desde um ponto de vista puramente econômico, o desenvolvimento do império colonial britânico beneficiou todas as outras economias e lhes poupa os custos de aquisição e desenvolvimento.

Qual é o fundo disto? O mesmo pensamento que mencionamos antes, isto é, que o imperialismo pode ser superado através de um retrocesso no seu desenvolvimento em direção ao livre comércio e as consequências teóricas resultantes. A classe operária não deveria lutar pelo socialismo, mas pelo retrocesso. Deve aliar-se com os setores corretos da burguesia.

E o mais perfeito florescer desta teoria, camaradas, é um artigo de Hilferding escrito no início de 1922, onde ele demonstra que o tempo das contradições imperialistas terminou, e que estamos no início de uma era de ampla harmonia imperialista. Isto é completamente consistente com seu ponto de início de 1912. Hilferding diz:

A economia capitalista possui dois meios de aumentar os lucros: concorrência e acordos. Quanto mais desenvolvido é o capitalismo, mais se substitui concorrência com acordos. Isso vale para as políticas internacionais de estados capitalistas... A guerra recente deixou dois

centros de poder predominantes. Também demonstrou quão perniciososa foi a guerra. As vitórias só podem ser atingidas se há uma mudança no método, pondo o acordo no lugar da luta.

Acordo: este é o conselho que oferece Hilferding aos capitalistas em 1922, baseado em sua análise da situação mundial.

Camaradas, esta questão sobre como explicar o imperialismo teoricamente joga um papel não só na Alemanha, mas também em terra russa. Eu sugiro que os camaradas russos em particular tomem nota disto. Foram os marxistas legais – Tugan-Baanovsky, Struve e Bulgakov – que levantaram a teoria de que o capitalismo possuía uma capacidade ilimitada para a acumulação. Gostaria de discutir brevemente as origens desta teoria. Para o marxismo na Rússia, naquele então, em sua época de formação, era uma questão de demonstrar que o desenvolvimento capitalista na Rússia, ao contrário da perspectiva dos Narodniks, era possível e necessário. Estes marxistas provaram seu ponto, mas de alguma forma exageraram-no.

**Interjeição:** Lenin também?

**Thalheimer:** Sim, Lenin também. Eles demonstraram que o capitalismo era ilimitado e eterno. E, no processo, deram as provas teóricas de que o socialismo é impossível. E, isto, camaradas, é a analogia da situação na Alemanha. Tugan-Baranovsky, Struve e Bulgakov todos aterrissaram no campo da burguesia. Há outros casos também, mas em minha perspectiva, estão baseados em inconsistência teórica.

A razão pela qual levanto esta questão com tanto detalhe e precisão é que creio que isso não é uma questão secundária. É um problema teórico central. A crítica que surgiu contra esta teoria na Alemanha e pelos Austro-marxistas na Áustria deve, em minha opinião, ser refutada. Camaradas que rechaçam esta teoria – e que inclui um número de camaradas russos – têm a responsabilidade de discutir este tema teoricamente. Não aqui e agora, mas devem fazê-lo.

Agora chego à questão que é decisiva para o borrador do programa geral bem como o dos partidos individuais, e aqui é onde tenho um profundo desacordo com o camarada Bukharin. É a questão das reivindicações transitórias, reivindicações por etapas, e o programa mínimo. A posição do camarada Bukharin é que devemos separar estas reivindicações específicas transitórias e temporais do programa como tal. Ele as localiza em um *chambre séparée* [quarto separado], que ele chama de programa de ação. Aqui, permite-se um comportamento pecaminoso.

**Bukharin:** Mas a entrada é gratuita!

**Thalheimer:** A entrada é gratuita. Bem, vamos abrir as portas e ver se o que é feito lá é programaticamente permitido.

**Interjeição:** O que você considera permitido?

**Thalheimer:** Esse é exatamente o ponto. Na Alemanha, também tivemos objeções contra incluir reivindicações transitórias no programa, que se aplicam ao período antes da tomada do poder. Tal como o camarada Bukharin, estes camaradas cheiraram um verdadeiro perigo de oportunismo. Assim, devemos revisar muito cuidadosamente se é possível separar os princípios táticos de outros princípios e objetivos. Devemos fazer uma distinção aqui. Não estou falando de reivindicações específicas quotidianas, mas de princípios táticos. E em minha opinião, buscar uma salvaguarda ao separar as táticas dos princípios e objetivos é um erro sério que de fato nos abre aos perigos que estamos tentando eliminar. (*'Certíssimo' dos alemães*)

Só precisamos considerar a história da Segunda Internacional e seu colapso para reconhecer que é exatamente esta separação de princípios táticos dos objetivos o que abriu a porta a seu descenso ao oportunismo. Como começou isso na Alemanha? Com os debates

sobre táticas de Bernstein-Kautsky. O objetivo final não foi questionado. É mais, a diferença entre nós, os comunistas e os socialistas reformistas pode ser resumida hoje em termos do objetivo final: nós queremos socialismo e comunismo e eles não. Como demonstramos que isto é certo? Fazemos isso ao dizer que as táticas, o caminho que estas pessoas estão seguindo é um caminho diferente. Esta é a evidência decisiva.

O que estou dizendo é que o desacordo específico entre nós e os socialistas reformistas não é o fato de que propomos as reivindicações por reformas, reivindicações para a etapa ou como vocês as queiram chamar em um *chambre séparée* e as mantemos fora de nosso programa. Pelo contrário, a diferença é que relacionamos muito as reivindicações transitórias e as consignas com nossos princípios e objetivos. Este vínculo, evidentemente, não é uma garantia em si mesma, bem como um bom mapa não garante que eu não me perca. Como se não fosse necessário saber ler o mapa! O camarada Lenin dizia recentemente, sobre a Rússia, que deve ser focado sobretudo na essência de como ler e escrever. Isto é verdade sobre os partidos comunistas do Oeste em um sentido diferente: devemos aprender a ler a realidade.

**Radek:** E também aprender a lutar!

**Thalheimer:** Este é justamente o ponto. Em minha opinião, então, o perigo oportunista está localizado precisamente no lado oposto de onde vê o camarada Bukharin. O perigo encontra-se nos caminhos que levam de um determinado ponto de partida ao socialismo e a ditadura do proletariado.

Se deixamos grandes partes deste caminho sem iluminação, há um perigo de que, nas partes escuras (*Interjeições: 'Bukharin'*), se cometerão muitos erros. Eu estava particularmente interessado no que disse Bukharin sobre o texto do partido comunista italiano. Eles diziam estar contra as reivindicações transitórias porque não deveriam ser elevadas a um credo.

Há muitas reivindicações transitórias e medidas que devem se transformar num credo para os partidos individuais.

Camaradas, a questão das reivindicações transitórias e o programa mínimo não é novo. Também se brigou aqui, na Rússia, e acho que vale a pena ler os documentos relacionado a isto. Foi no outono de 1917 que o partido russo tomou a questão de seu programa. Nesse momento, o partido russo estava próximo da tomada do poder e este fato estava bastante nítido então. A questão que surgiu foi sobre se o partido deveria manter só seu programa máximo e desfazer do programa mínimo. Acho que é importante citar o que diz o camarada Lenin sobre isto. Por favor, perdoem, pois, esta citação é um pouco longa. O camarada Lenin diz:

De fato, todo nosso programa seria um pedaço de papel inútil se não provê para todas as eventualidades em cada etapa da luta, dando assistência por meio da aplicação no lugar de não aplicar o programa. Dado que nosso programa formula o desenvolvimento histórico da sociedade do capitalismo ao socialismo, também deve delinear todas as etapas transitórias deste desenvolvimento, isto é, sempre deve indicar ao proletariado o curso de ação apropriado para o objetivo de se aproximar do socialismo. Isto significa que não deve ter nenhuma situação onde o proletariado deve abandonar seu programa, ou quando o programa abandona o proletariado.

Daqui vem a conclusão prática de que não deve haver um momento em que o proletariado, levado ao poder pelo curso dos fatos, não seja capaz e obrigado a tomar medidas específicas para realizar seu programa, medidas transitórias específicas de caráter socialista. A afirmação de que o programa socialista nos poderia falhar em algum momento sob o governo

político do proletariado encerra outra afirmação inconsciente: que o programa socialista como um todo nunca pode ser realizado...<sup>25</sup>

Da parte geral ou teórica do programa, devemos agora ir para o programa mínimo.

Aqui, encontramos primeiramente a aparência ‘muito radical’ que na realidade é uma proposta sem base dos camaradas N. Bukharin e V. Smirnov para *descartar* o programa mínimo em seu conjunto. A divisão entre os programas máximo e mínimo está vencida, eles reclamam. Dado que falamos de transição ao socialismo, não há necessidade para isso. Nenhum programa mínimo; simplesmente um programa de medidas para a transição ao socialismo.

Esta é a proposta destes dois camaradas. Por alguma razão, eles não se aventuraram a apresentar seu próprio borrador (ainda que, uma vez que a revisão do programa do partido estava na pauta do próximo congresso do Partido, na realidade tinham a obrigação de desenvolver um borrador). É possível que os autores da proposta aparentemente ‘radical’ se detiveram na indecisão... Seja como for, sua opinião deve ser examinada.

Guerra e ruína econômica forçaram todos os países a avançar do capitalismo monopolístico ao capitalismo de monopólio estatal. Este é o estado objetivo dos assuntos. Em uma situação revolucionária, durante a revolução, no entanto, o capitalismo de monopólio estatal transforma-se *diretamente* em socialismo. Durante a revolução, é impossível avançar sem avançar para o socialismo – este é o estado objetivo dos assuntos criados pela guerra e a revolução. Nossa conferência de abril tomou conhecimento disto, e apresentou as consignas, ‘república soviética’ (a forma política da ditadura do proletariado), e ‘nacionalização dos bancos e sindicatos (a medida básica na transição ao socialismo). Neste ponto, todos os Bolcheviques concordam de forma unânime. Mas os camaradas Smirnov e Bukharin querem ir além, eles querem descartar o programa mínimo *de conjunto*. Isto é contraditório com o sábio conselho do sábio provérbio, ‘*Não presume quando se conduz à batalha; presume quando retornar de ela*’.

**Brandler:** Saúde! (*Risos*)

**Thalheimer:** (Ainda citando Lenin)

Estamos nos dirigindo à batalha, isto é, estamos lutando pela conquista do poder político por parte de nosso partido. Este poder seria a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres. Ao tomar o poder, não temos medo de ir para além dos limites do sistema burguês; ao contrário, declaramos nitidamente, diretamente, definitivamente e abertamente que devemos ir para além destes limites, que devemos marchar com valentia para o socialismo, que nosso caminho deve ser através da república soviética, através da nacionalização dos bancos e sindicatos, através do controle dos operários, através do recrutamento de trabalho universal, por meio da nacionalização das terras, confisco do gado e implementos dos latifundiários, etc. Neste sentido, esboçamos nosso programa de medidas de transição ao socialismo.

Mas não devemos presumir quando conduzimos para a batalha, não devemos descartar o programa mínimo, porque isto seria presumir no vazio. (*‘Saúde!’*) Não queremos ‘exigir qualquer coisa da burguesia’, queremos realizar tudo nós mesmos, não queremos desenvolver os pequenos detalhes no marco da sociedade burguesa.

Isto seria presumir no vazio, porque primeiro devemos ganhar o poder, o que ainda não foi feito. Devemos levar a cabo as medidas de transição ao socialismo, devemos continuar

---

<sup>25</sup> Nenhum dos dois parágrafos anteriores aparece na edição russa ou inglesa das obras de Lenin.

nossa revolução até que a revolução socialista mundial seja vitoriosa e só então, ‘*ao retornar da batalha*’, podemos descartar o programa mínimo já que *não terá mais utilidade*.

É possível garantir agora que o programa mínimo não será mais necessário? Claro que não, pela singela razão que de que não ganhamos o poder, o socialismo não foi realizado e não conseguimos nem o início da revolução socialista mundial...

Devemos firme e valentemente e sem vacilação avançar para nosso objetivo, mas é absurdo declarar que chegamos a ele quando definitivamente não. Descartar o programa mínimo seria equivalente a declarar, anunciando (presumindo, em linguagem singela) que já ganhamos.

Não, queridos camaradas, não ganhamos ainda.

Agora chegamos a mais afirmações que esclarecem isso e eu acho que eles nos dão a base para o nosso debate em curso sobre o programa. O camarada Lenin continua,

Não sabemos se nossa vitória chegará amanhã ou um pouco depois. (Eu pessoalmente acho que será amanhã – escrevo isto em 6 de outubro de 1917 – e pode haver um atraso em que tomemos o poder, de toda forma, amanhã é amanhã e não hoje.) Não sabemos que tão rápido após nossa vitória a revolução varrerá o Oeste. Não sabemos se nossa vitória será seguida de períodos temporais de reação e a vitória da contrarrevolução – não há nada impossível aqui – e, portanto, após nossa vitória devemos construir uma ‘linha tripla de trincheiras’ contra tal contingência.

Não sabemos e não podemos saber nada disto. *Ninguém* está na posição de saber. Portanto é ridículo descartar o programa mínimo, o qual é *indispensável* enquanto vivermos no marco da sociedade burguesa, enquanto não tenhamos destruído esse marco, não tenhamos realizado os pré-requisitos básicos para a transição ao socialismo, não tenhamos aplastado o inimigo (a burguesia) e inclusive se o tivermos aplastado, mas não o aniquilarmos. Tudo isto virá e talvez bem mais rápido do que muitos pensam (eu pessoalmente acho que começará amanhã), *mas não chegou ainda*.

Tomem o programa mínimo na esfera política. Este programa está limitado à república burguesa. Agregamos que não nos confinamos a seus limites, nós começamos imediatamente a luta por um tipo superior de república, a *república soviética*. Devemos fazer isto. Com valentia e determinação inquebrantáveis, devemos avançar para a nova república e, *desta forma, devemos atingir nosso objetivo, disso estou seguro*. Mas o programa mínimo não deve ser descartado sob nenhuma circunstância, já que em primeiro lugar *ainda* não há uma república soviética; em segundo lugar, não podemos descartar ‘tentativas de restauração’, e primeiro terão que ser vividos e derrotados; em terceiro lugar, durante a transição do velho ao novo pode haver temporariamente ‘tipos combinados’ (como *Rabochy Put* assinalava corretamente há um ou dois dias) – por exemplo, uma república soviética junto com uma Assembleia Constituinte. Primeiro, *superemos* tudo isso – depois será o momento de descartar o programa mínimo.

Concluindo, diz:

O mesmo na esfera econômica. Concordamos que o medo de marchar para o socialismo é a mais desprezível *traição* à causa do proletariado. Todos temos acordo que os primeiros passos mais importantes a dar são medidas como a nacionalização dos bancos e sindicatos. Primeiro, levemos a cabo tais medidas e outras similares, e *depois veremos*. Depois poderemos ver *melhor*, já que a experiência prática, que vale um milhão de vezes mais que os me-



lhores programas, vai ampliar nosso horizonte. É possível e inclusive provável, não, inquestionável, que sem ‘tipos combinados’ transitórios, a mudança não ocorrerá. Não poderemos por exemplo nacionalizar pequenas empresas com um ou dois trabalhadores contratados em um curto prazo nem as submeter a verdadeiro controle operário. Seu papel pode ser insignificante, eles podem estar atados de pés e mãos pela nacionalização de bancos e trustes, mas sempre que fiquem rastros das relações burguesas, por que abandonar o programa mínimo? Como marxistas, avançando valentemente na maior revolução do mundo, mas ao mesmo tempo, com uma perspectiva sóbria dos fatos, não temos direito de abandonar o programa mínimo. Ao abandoná-lo demonstraríamos que perdemos nossas cabeças antes de ganhar. E não devemos perder nossas cabeças antes de nossa vitória, no momento da vitória ou após ela; se perdemos nossas cabeças, perdemos tudo.<sup>26</sup>

Camaradas, Lenin escreveu isto em 6 de outubro de 1917, em uma situação onde dizia, ‘Estamos na véspera da ditadura do proletariado, nossa vitória, mas não chegamos ainda. Ainda é hoje.’ E no marco mundial, camaradas, justifica-se que digamos que a vitória da revolução mundial certamente não é para hoje. Talvez não seja para amanhã, nem amanhã na forma em que se usava a palavra em 1917. À escala mundial, devemos dizer que o período das condições de hoje até conquistar a ditadura mundial do proletariado é abertamente medido em anos, talvez décadas e certamente em década se consideramos não só os territórios de capitalismo desenvolvido, mas as regiões coloniais e sem agrárias ao redor. Para tão longo prazo à frente devemos ter sinalizações claras. Qual deve ser a natureza destas sinalizações, estas regras básicas?

A principal objeção do camarada Bukharin é que não podemos incluir reivindicações quotidianas específicas no programa geral porque estas demandas são só de curto prazo. Elas podem mudar de semana a semana, de mês a mês. E, em segundo lugar, estas reivindicações específicas quotidianas também diferem enormemente de um país a outro. Portanto não podem ser unidas em um mesmo marco. A isso, eu respondo que não precisamos trazer as reivindicações quotidianas específicas em todos seus detalhes ao programa geral ou aos programas nacionais. Mas devemos estabelecer orientações táticas, princípios táticos – métodos, se posso dizer desta forma – a partir dos quais podem ser derivado seguramente e de forma não ambígua estas reivindicações individuais específicas.

E, camaradas, não só variam estes problemas da transição de país a país e de semana a semana e de mês a mês. Há toda uma variedade de tais problemas transitórios, problemas maiores que são de caráter geral, que devem ser tratados no programa comunista. E em minha opinião, um programa geral da Internacional Comunista que se mantém em branco por este consideravelmente longo caminho tem muito pouco valor para os países do Oeste. (‘*Certíssimo*’ dos alemães) Durante o próximo período, a principal ênfase vai ser sobre superar este período transicional. Permitam-me mencionar alguns dos problemas transitórios que em minha opinião definitivamente pertencem a tal programa comunista. Eu incluo aqui a questão do controle da produção, de capitalismo de estado, de orientações para a política fiscal e financeira de cada partido. (‘*Certíssimo*’) Os partidos enfrentam-se a estas questões todos os dias, ainda que a forma específica varie.

**Bukharin:** Aha!

**Thalheimer:** É verdade, mas orientações devem estar presentes a partir das quais a conduta prática pode ser deduzida. Por exemplo, tomem o Programa de Erfurt. Este inclui orientações para política fiscal, que hoje evidentemente são caducas. Você não pode negar, camarada

---

26 Texto tomado de Lenin 1960-71, 26, pp. 170-3.

Bukharin, que as condições fiscais e financeiras dos diferentes países, incluindo Alemanha, variaram ao longo dos anos e ainda assim tal orientação é importante, útil e necessária.

Um segundo ponto importante na transição, camaradas, é nossa relação com a democracia burguesa. O borrador de programa do camarada Bukharin contém uma análise crítica destacada da democracia burguesa. Mas considerando à Internacional comunista como um todo, a faixa de seus partidos desde Índia até a União Soviética, isso é suficiente?

**Bukharin:** Não.

**Thalheimer:** Longe disso! Deve-se ter orientações, primeiro da posição dos comunistas sobre a democracia nas condições onde a democracia burguesa ainda não existe, isto é, em condições onde devemos lutar contra o absolutismo e as formas feudais de governo. Segundo, devemos ter orientações para a conduta dos comunistas em uma situação como a da Alemanha, onde é uma questão de defender a república contra os ataques monárquicos. E terceiro, precisamos orientações para a conduta dos comunistas em situações como a de novembro 1918 na Alemanha, onde era uma questão de aplastar a democracia e ir para a ditadura [do proletariado]. Desde minha perspectiva, todas estas fases tradicionais devem estar indicadas, em termos gerais, mais que em detalhes. O fato de que isto é possível é demonstrado pelo Manifesto Comunista de 1848. Vejam a última seção, que retoma a relação dos comunistas com os outros partidos – com a democracia burguesa, a pequena burguesia etc. Uma breve frase indica a instância básica, e nosso programa de fazer isto também. Um programa – e aqui recordarei uma declaração da camarada Luxemburgo, que me parece que é muito adequada – nos deve guiar com relação a todas as fases transitórias significativas. Um programa que um deixa essas fases em suspenso, ou que pode ser utilizado somente em algumas situações, mas não em outras, tem pouco valor político.

Também acho que o camarada Bukharin não foi consistente. Sua rejeição das demandas transitórias o levaria, logicamente, a protestar veementemente contra o programa de Bukharin, e também contra o nosso alemão. Ele o terá que fazer bem.

Foi dito bastante corretamente aqui que tanto o comunismo de guerra como a NEP foram forçados para nós por circunstâncias imperiosas. Não foram o resultado de planos acabados desenhados de antemão, mas ações levadas a cabo pela necessidade. E estas necessidades que se refletiam tanto no comunismo de guerra e na NEP resultavam de condições que não são específicas da Rússia, mas de caráter geral. Então agora pergunto, como se aplicam estes fatores a Europa Ocidental?

Trotsky desenvolveu corretamente o pensamento – bem como o camarada Bukharin, de modo ilustrador – que há uma contradição entre os requisitos de uma guerra civil e as necessidades econômicas. O comunismo de guerra é sobretudo o resultado da guerra civil. Somente nós prevemos – e de fato prevemos – que no Ocidente também teremos que passar por um período de guerra civil depois da tomada de poder, também achamos que este período provavelmente seja mais curto, e podemos então assumir que esse comunismo de guerra será talvez menos significativo no Ocidente que na Rússia. Evidentemente, não podemos fazer previsões detalhadas, mas devemos estabelecer que durante o período de guerra civil, todas as necessidades econômicas devem estar subordinadas às necessidades da guerra.

Sobre a NEP no Ocidente. As necessidades dos pequenos camponeses também existem no Ocidente, ainda que não na mesma magnitude. Mas gostaria de assinalar que estamos acostumados a ver a Rússia desenvolvendo uma política econômica específica e a Alemanha, por outro lado, terá uma política econômica específica. Esquecemos que, quando a Alemanha se enfrentar com esta questão, não estará sozinha, mas que será provavelmente parte de um

bloco econômico Germano-Russo. Que quer dizer isto? Quer dizer que para o reino econômico alemão, estas massas pequeno burguesas da Rússia entrarão em cena, e para Rússia, o lado industrial será fortalecido.

Tão longe como podemos ver, esta política levará a Rússia para frente, mas, para o Ocidente, provavelmente será um retrocesso do que poderia de fato ser conquistado ali.

Camaradas, a principal importância desta política econômica para os partidos do Ocidente é que estabelece no programa nossa relação com as camadas médias – pequenos camponeses, pequenos comerciantes e pequenos artesãos. Desde meu ponto de vista, não devemos incluir no programa coisa menores a não ser que haja um requisito econômico. Mas devemos incluir no programa o conceito de que a preocupação por proteger estas camadas deve em algumas circunstâncias estar subordinado às necessidades da guerra civil.

Agora, um comentário sobre o programa búlgaro.

Tanto em nosso programa como no [programa] búlgaro, a reivindicação avançou à unificação dos artesãos e comerciantes pobres em cooperativas depois da tomada do poder. Gostaria de agregar um ponto aqui: estas cooperativas terão um papel um tanto diferente na indústria – com artesãos pobres – do que tem no campo. Consideremos um país como a Alemanha, com uma indústria um tanto desenvolvida. Falando historicamente, o momento de integrar estas camadas de indústria pequena na indústria de grande escala chegará. A situação com os camponeses pobres e médios é diferente. Com eles, o conceito de cooperativas vai se estender por um período bem mais longo, e estas cooperativas serão um tanto diferentes em relação ao caráter das cooperativas industriais.

Para concluir, permitam-me falar brevemente sobre a estrutura do programa. Gostaria simplesmente de notar que concordo com a proposta feita pelo camarada Bukharin. Em nosso programa, não retomamos a análise da época capitalista. Começamos por analisar o imperialismo. Chegamos à conclusão de que tal análise sobre a época capitalista é necessária e deve ser agregada.

Gostaria de agregar que me parece essencial tomar em consideração a proposta do camarada Varga de fazer um prefácio ao programa com uma análise dos métodos pré-capitalistas de exploração. Se queremos para valer um programa mundial do comunismo, isto também deve ser estudado.

Finalmente, sobre a estrutura. O camarada Bukharin fez uma crítica sobre o tamanho do programa. Camaradas, nós também não estamos satisfeitos com seu tamanho. Mas o que nos passou foi como ao bispo francês que escreveu a seu amigo, ‘Estou lhe enviando uma carta longa porque não tenho suficiente tempo de lhe escrever uma curta.’<sup>27</sup> Não tivemos tempo de fazer um borrador de um programa curto. É absolutamente necessário fazê-lo curto, talvez inclusive mais curto do que o de Bukharin. Baseio-me aqui em uma afirmação de Engels sobre o programa. Ele dizia que um programa deveria ser tão breve como possível e deve deixar muito a ser explicado oralmente. Além disso, deve ser simples e o mais compreensível possível. Aqui, também aceitamos que o programa alemão precisa melhorar muito.

Camaradas, para concluir gostaria de dizer que devemos proteger nosso programa comunista com uma forte armadura, sobre princípios e objetivos. Mas não devemos achar que conseguiremos isto deixando uma grande parte do caminho que devemos viajar sem iluminação ou –em outras palavras – ao ignorar grande parte do caminho de nosso mapa.

---

<sup>27</sup> Esta citação é comumente atribuída ao filósofo francês Blaise Pascal em sua *Lettres Provinciales* (1656).

O camarada Bukharin e muitos outros camaradas temem que se esta parte do caminho é incluída, podemos não ser vitoriosos no momento crucial saltando por cima dele. Bom camaradas, gostaria de assinalar que nossos camaradas russos, mantendo seu programa mínimo em 6 de outubro de 1917, conseguiram dar salto muito rapidamente. Estou convencido de que nos provermos de um programa que realmente pode nos levar à vitória não depende de omitir esta Sinalização. (*Forte aplauso*)

*Suspensão: 16h*

Sessão 15 - Sábado, 18 de novembro de 1922

**Programa (continuação)**

*O programa dos Partidos Internacional e Comunista*

*Orador: Kabakchiev*

*Início: 19h30*

*Mesa: Kolarov*

**Kabakchiev** (Bulgária): Camaradas, a Internacional Comunista enfrenta o importante desafio de desenvolver um programa para si mesma e para suas seções mais importantes. Quais são os fatores que colocaram tal desafio para o Internacional?

*A necessidade de um programa comunista*

A Segunda Internacional está em bancarrota. A época de desenvolvimento pacífico e crescente prosperidade que passou o capitalismo desde 1871 até o início do século vinte criou e afinou as tendências oportunistas dentro da Segunda Internacional e deixou sua marca no programa dos partidos social-democratas. A principal característica dos partidos social-democratas é que eles dirigem a classe operária a acomodar-se ao capitalismo, a conciliar com o capitalismo e a aceitar postergar o socialismo ao futuro indefinido.

Por isso os partidos social-democratas dão tanta ênfase ao programa mínimo – isto é, reivindicações que podem ser conquistadas dentro dos limites e bases da sociedade capitalista. Eles escondem o objetivo final – a conquista do poder político através da revolução proletária e a ditadura do proletariado.

*A nova era revolucionária*

Agora, no entanto, a época pacífica do capitalismo terminou e entramos numa nova época, rica em guerras e revoluções. Isto foi trazido em primeiro lugar pelo início do imperialismo e as guerras imperialistas, que estouraram inicialmente na periferia do mundo capitalista e finalmente levaram aos grandes estados capitalistas à guerra mundial imperialista de 1914. Além disso, vimos a revolução russa de 1905, seguida das revoluções na Turquia, China, Irão e outros lugares. Esta época levou todo mundo capitalista a uma crise política e econômica generalizada e profunda. Esta época deu um novo impulso ao movimento revolucionário do proletariado. Imperialismo, guerra e crise agudizaram as contradições de classe e fortaleceram a luta de classes com um novo e poderoso impulso.

As forças com consciência de classe e revolucionárias do proletariado romperam com os partidos social-democratas e conseguiram restaurar a solidariedade internacional do proletariado revolucionário através de uma luta sem fim contra o oportunismo e a ruptura com a burguesia nacional.

Isto criou as pré-condições para lançar a Internacional Comunista, cuja fundação ocorreu em 1919, em Moscou.

O movimento revolucionário comunista da classe operária distingue-se por novos métodos de luta, concretamente a luta pela conquista do poder político por meio da ação de massas, greve geral e insurreição armada. A peça central da atividade proletária já não é o programa mínimo, mas a luta revolucionária para estabelecer a ditadura do proletariado.

#### *As lições da revolução russa*

Evidentemente, os partidos comunistas não poderiam, nem utilizam o velho programa dos partidos social-democratas. Recordem que foi a Comuna de Paris, a primeira tentativa do proletariado de tomar o poder político, que permitiu que Marx especificasse nitidamente o objetivo e o instrumento da revolução proletária, especificamente a ditadura do proletariado. Ainda mais importância histórica tem a grande revolução russa, que levou o proletariado ao poder no maior país do mundo e que já se mantém por cinco anos. Demonstrou ao proletariado mundial as formas e instrumentos da ditadura proletária. O exemplo da revolução russa deve servir à Internacional comunista e suas seções como a mais importante fonte de assistência para especificar os objetivos e formas da ditadura proletária, bem como os meios para tomar o poder. A elaboração do programa da Internacional comunista e suas seções deve, portanto, basear-se principalmente nas experiências da revolução russa.

A Internacional comunista estabeleceu seus princípios no Primeiro Congresso. O Segundo Congresso estabeleceu as bases de sua organização. O Terceiro Congresso determinou as orientações gerais das políticas da Internacional Comunista para o período atual. Chegou o momento de desenvolver o programa da Internacional comunista e suas seções. Se o Quarto Congresso não consegue fazer isto de forma definitiva, deve ao menos estabelecer as bases sobre as quais as seções da Internacional comunista devem trabalhar durante o próximo ano, para terminar o programa no próximo congresso.

#### *O programa do Partido Comunista da Bulgária*

O borrador de programa do partido comunista da Bulgária, que foi distribuído no congresso tem a seguinte estrutura.

O programa consiste em duas partes. A primeira parte é uma discussão geral de princípios e as bases teóricas do programa. A parte 2 apresenta uma enumeração de objetivos específicos e reivindicações pelas quais luta o partido – em uma palavra, o programa em si.

A parte teórica contém quatro pontos.

1. Uma apresentação breve da crise revolucionada gerada pela guerra imperialista e as circunstâncias nas que foi fundado o Partido Comunista.

2. Uma análise da produção capitalista e do desenvolvimento da sociedade capitalista, o surgimento da classe operária e a criação dentro da sociedade capitalista das pré condições para a revolução social.

3. Uma análise da época imperialista do capitalismo, da guerra imperialista, seus resultados, da agudização dos antagonismos de classe, da guerra civil e da revolução russa como a abertura da revolução mundial proletária.

4. A influência do imperialismo e da guerra imperialista no desenvolvimento dos Balcãs. As novas condições de luta para o Partido na Bulgária e seus objetivos no período atual.

Parte 2 do programa – o programa em si – começa estabelecendo o objetivo final do partido e depois toma as reivindicações pelas quais luta o partido durante a época da revolução social e da ditadura do proletariado, a qual é denominada época de transição do capitalismo ao comunismo.

Nosso programa dá especial ênfase às condições gerais nos Balcãs, onde os partidos comunistas Balcãs estão organizando suas forças para lutar e se preparar para a revolução. Acharmos que nosso programa é um modelo que outros partidos comunistas dos Balcãs podem usar. E nosso programa também assinala as tarefas da Federação Comunista dos Balcãs, como uma organização com um papel necessário na preparação da revolução nos Balcãs e sua vitória final.

#### *O programa máximo do partido comunista*

A seguinte questão é se o partido comunista deve ter um programa máximo e um mínimo ou só um programa geral para o período transicional.<sup>28</sup>

O partido comunista não pode aceitar um programa mínimo similar ao dos partidos social-democratas antes da guerra. Isto porque o partido comunista considera que o capitalismo está em uma profunda crise, que rápida e inevitavelmente leva a sua profunda decadência e colapso. A tarefa do proletariado hoje não consiste na adaptação, como o velho mínimo programa propunha, mas em apressar o colapso do capitalismo e a vitória da revolução.

Por outro lado, as reivindicações políticas do programa mínimo – por democracia – não podem ser concretizadas enquanto a burguesia se mantenha no poder. Inclusive nos estados democráticos, seu governo de classe mantém-se com a ajuda da ditadura. E as reivindicações econômicas do programa mínimo não podem ser conquistadas pela crise econômica, inflação e decadência capitalista.

O partido comunista sustenta que a sociedade capitalista entrou no período de crise revolucionária e que estamos no início de uma revolução proletária mundial.

A principal tarefa do proletariado e do partido comunista é, portanto, a conquista do poder político e conquistar o programa máximo.

#### *O partido comunista pode ter um programa mínimo?*

Agora se propõe a questão de se o partido comunista pode prescindir de reivindicações propostas dentro do marco da sociedade burguesa frente à conquista do poder – um período que agora parece ser muito maior que o que pensamos em 1918-19. Evidentemente, isto está excluído. Mas estas reivindicações não têm o mesmo significado e importância que tinham no velho programa mínimo. Elas são meras reivindicações transitórias para as quais a classe operária pode competir rapidamente na crise atual, para depois atingir as reivindicações maiores do programa máximo.

Estas reivindicações têm hoje significado e importância revolucionária. Em algum grau elas significam um estado na extensão e agudização da luta de classes proletária.

---

<sup>28</sup> O programa Erfurt do SPD, adotado em 1891, estava dividido em uma declaração geral da necessidade de ‘abolir o governo de classe e as próprias classes’ e ‘todas as formas de exploração e opressão’ (o ‘programa máximo’) e reivindicações consideradas realizáveis dentro do capitalismo (o ‘mínimo’). (para o texto ver: [www.marxists.org/history/international/social-democracy/1891/erfurt-program.htm](http://www.marxists.org/history/international/social-democracy/1891/erfurt-program.htm)). Este marco conceitual deu forma aos programas de muitos partidos da Segunda Internacional.

Uma parte destas reivindicações tem um caráter mais transitório e dependem das circunstâncias momentâneas da luta. Tais demandas devem ser levantadas como consignas, como consignas imediatas.

O resto das reivindicações são para um período mais longo e são as mais importantes para as quais luta o partido comunista, até a tomada do poder. Estas reivindicações devem estar incluídas no programa. Mas também tem uma natureza transitória, e, portanto, não são decisivas para as reivindicações máximas e as condições de luta. Por outro lado, a luta para conseguir estas reivindicações leva continua e necessariamente à questão da tomada do poder e a realização das máximas reivindicações. Portanto, não há razão para tomar estas reivindicações em uma parte separada do programa. Devem estar agregadas ao programa máximo, seguindo as reivindicações máximas.

### *O programa do Partido Comunista da Rússia*

As experiências da revolução russa e o programa do partido comunista da Rússia devem ser utilizados para determinar as reivindicações máximas do programa.<sup>29</sup>

O programa do partido comunista da Rússia contém o que falta ao velho programa social-democrata, o vazio que era o principal erro deste programa. O programa russo propõe e especifica as tarefas do proletariado durante a revolução social com relação à conquista do poder e a ditadura do proletariado, a destruição do estado capitalista e o velho regime, bem como a construção do novo estado e sociedade socialista.

O principal objetivo do programa comunista é propor as principais tarefas do proletariado revolucionário. É permissível não dar importância às experiências da revolução proletária russa, que tem importância histórica geral? Evidentemente, a resposta é não.

A Internacional comunista e suas seções devem usar as maiores experiências da revolução russa, que dão o conteúdo realizável ao programa proletário do mundo todo e demonstrou concretamente as reivindicações e métodos da luta pela revolução mundial.

Isto não quer dizer, no entanto, que o programa russo deva ser copiado. Isto significa que deve ser usado como guia para a análise cuidadosa das condições reais em cada país e a determinação do programa de cada partido, ao mesmo tempo que leva em conta suas condições especiais.

### *As táticas do partido comunista e seu programa*

Também enfrentamos a questão sobre se o programa deve incluir *todas* as questões táticas que o partido enfrenta no período presente, como a frente única, o governo operário, etc. O programa precisa estabelecer as linhas gerais de nossas táticas, tomando em consideração os princípios do partido comunista e as condições da época histórica atual. Mas não podemos estabelecer a aplicação exata desta linha geral em cada situação dada.

### *O programa do Partido Comunista deveria ser um programa de ação?*

Se levantou a pergunta sobre se o programa do partido comunista deveria ser um programa de ação. De fato, deve ser um programa de ação, mas também algo mais: um programa baseado em princípios. Isso implica que o programa comunista não é uma plataforma com reivindicações transitórias para a situação atual, mas a apresentação de nossas concepções históricas em termos de teoria e princípio. Mas, ao mesmo tempo, o programa comunista

---

<sup>29</sup> Para el programa de PC russo de 1919, ver Meisel 1953, pp. 100-31.

deve indicar as principais reivindicações para as quais o proletariado revolucionário luta durante o período de transição que leva à conquista do poder e durante a ditadura do proletariado.

#### *A política do Partido Comunista da Bulgária sobre a luta parlamentar*

Agora vou responder às críticas que foram mencionadas sobre nosso borrador de programa. O camarada Bukharin disse que nós damos muito espaço ao parlamentarismo e não suficiente aos métodos de luta revolucionário. Essa reclamação é injustificada.

Imediatamente após o Primeiro Congresso da Internacional comunista, quando o Partido Comunista da Bulgária se uniu à Internacional, seu congresso de maio 1919 adotou uma 'Declaração Programática' que engloba os princípios e táticas da Internacional comunista. Esta declaração programática utiliza as experiências da revolução russa. Apresenta a conquista do poder político por meio da luta das massas da classe operária e dos camponeses pobres como a principal tarefa do partido. Esta luta deve ser desenvolvida até o ponto da insurreição armada e o estabelecimento de uma ditadura proletária baseada em soviets de operários e camponeses.

No entanto, o partido comunista da Bulgária não recusa a participação nas eleições e a luta dentro do parlamento e das municipalidades. Após a vitória dos soviets na Rússia, alguns partidos comunistas no estrangeiro recusaram a participação em eleições e a luta no parlamento. Em contraste, o partido comunista da Bulgária buscou sua participação nestas lutas com alta energia e grande êxito. Nas eleições parlamentares, foi vitoriosos ao ter mais de um quarto do eleitorado sob suas bandeiras e ganhou o controle de um grande número de conselhos de cidades e povoados. Estas vitórias parlamentares foram possíveis por meio da propaganda e da luta principista por reivindicações revolucionárias. A luta do partido no parlamento e nas municipalidades está indissolúvelmente relacionada com as lutas das amplas massas operárias e camponesas, com a ação de massas do partido e com o aumento constante dos membros do partido e sua influência de massas.

O partido luta por abolir o estado capitalista e todas suas instituições, desde o parlamento até a polícia e o exército e por estabelecer uma república soviética. Portanto, as políticas do partido comunista da Bulgária não contradizem aquelas da Internacional comunista. O partido é coerente com as teses sobre o parlamentarismo adotadas pelo Segundo Congresso da Internacional comunista.<sup>30</sup> E mais, sua atividade confirma a política da Internacional comunista sobre esta questão.

No programa proposto, a atividade parlamentar não recebe mais peso do que merece. Talvez seria melhor incluir esta parte do programa na primeira seção, que trata sobre a república soviética e que caracteriza a democracia burguesa da seguinte forma:

Por trás da máscara da democracia, o Estado capitalista apoia o poder e os privilégios da minoria que consiste nas classes possuidoras, à custa da grande maioria, das massas trabalhadoras deserdadas e exploradas. No presente, a burguesia mantém seu governo débil através da perseguição e terror sangrento. Mesmo quando estabelece uma república democrática, na realidade, o poder permanece nas mãos da ditadura baseada na polícia, no exército e em todo o aparato do Estado capitalista.

O governo parlamentar e constitucional são apenas ferramentas da ditadura da burguesia.

#### *Métodos revolucionários de luta*

---

30 Para estas teses sobre parlamentarismo, ver Riddell (ed.) 1991, 1, pp. 470-9.



Nosso projeto de programa enumera os meios revolucionários para a luta da conquista do poder. O programa diz:

O proletariado alcançará a revolução social por meio da conquista do poder pelo proletariado e estabelecendo sua ditadura de classe.

E mais,

A guerra imperialista abriu a época de revolução social. Durante esta época e no contexto da luta mundial do proletariado como um todo, o programa máximo do partido adquire uma relevância especial e imediatamente prática. As experiências da revolução russa e do movimento revolucionários de outros países sublinharam as reivindicações proletárias e os meios para obtê-las. Estes meios são a organização dos operários e a luta das massas operárias por seus interesses imediatos no ponto da greve geral política e o levantamento armado.

As classes revolucionárias (operários e camponeses pobres) usaram a força armada para tomar o controle do poder político do estado. Eles reprimirão a resistência da burguesia e a contrarrevolução e assim garantirão seu poder e a completa vitória da revolução.

Desta forma, o nosso projeto de programa indica os meios mais importantes de luta revolucionária.

#### *As reivindicações revolucionárias do Partido Comunista*

Levantou-se a objeção de que as reivindicações em nosso programa são elaboradas muito especificamente e muito longamente. No entanto, esta crítica não está justificada. É verdade que nosso programa não contém fórmulas vagas e tenta fornecer definições precisas tanto das reivindicações máximas como das mínimas do partido comunista. Mas ele evita detalhes desnecessários, que obstaculizariam nosso trabalho imediatamente após a conquista do poder.

Repetimos dia a dia que o proletariado tem que se preparar para tomar o poder e para a ditadura do proletariado. Não podemos determinar no presente se a revolução vai ocorrer. No entanto, a crise econômica e política geral que reina no mundo capitalista pode levar a um estalido na Europa central ou nos Balcãs, por exemplo, no futuro próximo. Sempre devemos ter esta perspectiva em mente no período atual. Neste marco, os partidos comunistas e o proletariado que estão à cabeça do movimento revolucionário devem possuir um programa de tarefas claro e preciso do que lhes espera imediatamente após a conquista do poder. Por outro lado, um programa máximo específico e preciso, curto de detalhes, é uma ferramenta forte de propaganda e educação comunista e para unificar as massas operárias e camponesas sob a bandeira do partido comunista. Finalmente, é correto que uma dúzia de programas não é útil a não ser que defendam a fundação de um verdadeiro movimento revolucionário do proletariado.

Além disso, é igualmente correto que todo movimento proletário que não tem bases teóricas e não tem um objetivo revolucionário nítido, está condenado à impotência e a um papel de ferramenta da burguesia.

Na época atual de revolução social, o papel da Internacional comunista e de partidos comunistas torna-se mais importante a cada dia. Os sociais patriotas junto com as massas operárias sob sua influência formam a principal fortaleza do governo burguês. A Internacional comunista e suas seções devem possuir um programa firmemente baseado em nossa teoria e na de Marx, um programa que apresente as reivindicações do proletariado revolucionário da forma mais nítida.

**Mesa:** Camaradas, escutamos três informes sobre o programa comunista. A questão agora é como devemos proceder. Devemos abrir um debate geral, para que o congresso possa adotar um programa borrador? Ou devemos postergar o debate e a votação final para o próximo congresso? A delegação alemã decidiu de forma unânime postergar o debate e o voto final para o próximo congresso. No entanto, a delegação russa pediu à mesa do *Presidium* tempo para considerar esta questão.

O *Presidium* não considera que seja possível decidir sobre a questão de se abrir o debate imediatamente e adotar o programa ou pospor o debate e votar no próximo congresso. Crê, no entanto que a solicitação da delegação russa deve ser aprovada, para que tenha a possibilidade de tomar uma posição sobre esta questão.

*Suspensão: 8:15 p.m.*

Sessão 18 - Terça-feira, 21 de novembro, 1922

### **Sindicatos (resumo); Programa; Ajuda dos operários [Workers' Aid]**

#### **Resolução sobre o programa<sup>31</sup>**

1. Todos os borradores de programa serão repassados ao Executivo da Internacional Comunista ou à comissão que esta escolher para considerar e revisar cuidadosamente. O Executivo da Internacional Comunista está encarregado de publicar os borradores de programa submetidos a ele o mais rápido possível.

2. O Congresso afirma que as seções nacionais da Internacional Comunista que ainda não têm programas nacionais estão obrigados a começar a trabalhar neles imediatamente, para que possam ser submetidos ao Executivo pelo menos três meses antes do Quinto Congresso, para que seja aprovado no próximo congresso.

3. Os programas das seções nacionais devem motivar clara e decisivamente a necessidade de lutar por reivindicações transitórias com a disposição apropriada de que estas reivindicações são derivadas de condições específicas de tempo e lugar.

4. O programa geral deve prover definitivamente um marco teórico para todas as reivindicações transitórias e imediatas. Ao mesmo tempo, o Quarto Congresso condena fortemente os esforços de retratar como oportunismo a inclusão de reivindicações transitórias no programa, bem como as tentativas de usar medidas parciais para ocultar ou suplantiar nossas tarefas revolucionárias centrais.

5. O programa geral deve retratar nitidamente as variantes históricas básicas de reivindicações transitórias levantadas pelas seções nacionais, correspondendo às diferenças fundamentais na estrutura econômica e política de cada país, como na Bretanha e na Índia, etc.

**Mesa:** o *Presidium* considera que esta moção pode ser adotada sem discussão. A maioria das delegações tomou posição sobre esta moção. No entanto, estamos a favor de dar às delegações outra oportunidade de considerar sua posição. Portanto, eu suspendo esta sessão por vinte minutos.

(Recesso)

---

<sup>31</sup> Esta resolução foi delineada por Lenin numa reunião um dia antes, em 20 de novembro, por cinco membros do Comitê Central Russo designados para o trabalho do Comintern: Lenin, Trotsky, Zinoviev, Radek e Bukharin. Para o esboço de Lenin, veja 1960-71, 42, 427-8. Veja também p. 479, nº 1,

Gostaria de anunciar o seguinte. De acordo com o que me disseram, todas as seções [nacionais] têm acordo em essência com a proposta do *Presidium*. No entanto, a delegação italiana acha que, ainda que tenha acordo básico com nossa proposta, deseja fazer uma declaração. Agora me informaram que, se a seção italiana submeter uma declaração, outras seções também o farão. Portanto recorro à seção italiana para que esta renuncie a sua declaração.

**Bordiga:** A delegação italiana concorda que a sua declaração apareça na ata sem ser lida em voz alta, mas não é uma posição para renunciar da declaração em si.

**Radek:** Então deve ser só lida!

**Mesa:** A secção italiana concorda que a sua declaração não seja apresentada aqui, mas só incluída na acta.

**Radek:** Isso é uma incompreensão. A delegação italiana não renunciou à sua declaração; simplesmente quer que a declaração seja incluída na ata. No entanto, algo que está incluído na ata deve ser apresentado na sessão.

**Mesa:** Bem. Apresentaremos esta declaração à reunião, a menos que a delegação italiana retire o seu pedido de inclusão da declaração na ata.

**Bordiga:** Temos precedentes para isso. Se o camarada Radek considerar que, se a declaração não for lida na sessão, não poderá ser incluída na ata, então a delegação italiana insiste na leitura da declaração.

**Béron (lê a declaração):** "A delegação italiana vota a favor da decisão de adiar a questão da ordem do dia, mas gostaria de anotar nos procedimentos que teria preferido que o programa da Internacional comunista foi discutido e adotado neste congresso. A delegação concorda com o critério que Bukharin, o informante, defendeu como a composição do programa. Também considera que, embora tenha sido proposto a finalização do texto, a questão da natureza do programa poderia ter sido especificada com mais precisão neste congresso."

**Mesa:** Alguma outra delegação quer fazer uma declaração? Não é o caso. Alguém é contra a proposta do *Presidium*? Não é o caso.

A Proposta de *Presidium* é aprovada por unanimidade.

Antes de passar para o próximo ponto da agenda, passo a palavra para o camarada Zinoviev.

**Zinoviev:** Gostaria de enfatizar novamente, brevemente, por propusemos adotar esta resolução sem discussão. Espero que expresse a opinião da grande maioria dos presentes.

Em nossa opinião, dada a situação, uma substituição atrofiada e abreviada da discussão só poderia ser danosa. Por isso propusemos – com o claro acordo da maioria dos presentes – adotar a resolução sem começar uma discussão abreviada que nessa questão complexa só poderia ser danosa.

Espero que a resolução que propusemos seja a melhor.